



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
Instituto Multidisciplinar em Saúde  
Campus Anísio Teixeira



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

**FABIANA MARIA DE SOUZA**

**SAÚDE MENTAL ADOLESCENTE E RETORNO ESCOLAR  
PRESENCIAL: pensando o adolescer em tempos pandêmicos**

**Vitória da Conquista – Bahia**

**2023**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
Instituto Multidisciplinar em Saúde  
Campus Anísio Teixeira



**FABIANA MARIA DE SOUZA**

**SAÚDE MENTAL ADOLESCENTE E RETORNO ESCOLAR**  
**PRESENCIAL: pensando o adolescer em tempos pandêmicos**

Trabalho de conclusão apresentado ao Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Saúde, Instituto Multidisciplinar em Saúde, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde.

Linha de pesquisa: Práticas clínicas e saúde mental

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gabriela Andrade da Silva

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

**2023**

Biblioteca Universitária Campus Anísio Teixeira – SIBI/UFBA

S729

Souza, Fabiana Maria de

Saúde mental adolescente e retorno escolar presencial:  
pensando o adolescer em tempos pandêmicos. / Fabiana  
Maria de Souza. - Vitória da Conquista, BA: UFBA, 2023.

129 f. : il.

Orientadora: Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Gabriela Andrade da Silva


Dissertação (Mestrado – Pós-Graduação em Psicologia da  
Saúde) - Universidade Federal da Bahia, Instituto Multidisciplinar  
em Saúde, 2023.

# FABIANA MARIA DE SOUZA

## “SAÚDE MENTAL ADOLESCENTE E RETORNO ESCOLAR PRESENCIAL: pensando o “adolescer” em tempos pandêmicos”


Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Saúde e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Federal da Bahia.

Vitória da Conquista – BA, 14/12/2023.

Documento assinado digitalmente  
 GABRIELA ANDRADE DA SILVA  
Data: 05/02/2024 16:31:20-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gabriela Andrade da Silva (Orientadora)  
(Universidade Federal do Sul da Bahia-UFSB)

Documento assinado digitalmente  
 MONALISA NASCIMENTO DOS SANTOS BARRO  
Data: 06/02/2024 21:43:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Monalisa Nascimento dos Santos Barros  
(Examinadora Interna do Programa)  
(Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB)

Documento assinado digitalmente  
 JANDERSON CARNEIRO DE OLIVEIRA  
Data: 15/12/2023 17:01:02-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Janderson Carneiro de Oliveira (Examinador Externo)  
(UNINASSAU)

Dedico este trabalho a meu presente divino, Bernardo.

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus, por ser certeza em momentos de incerteza.

Agradeço a meu esposo Kaká, pela parceria e cuidado. Eu não teria conseguido sem seu apoio.

Obrigada por cuidar também de nosso bem mais precioso.

Agradeço a meu filho Bernardo, por existir em minha vida. Enquanto escrevo, ele dorme aqui do meu lado. E assim ocorreu muitas noites, em que ele apenas queria ficar pertinho enquanto eu estava ocupada, escrevendo. Obrigada por ainda me considerar a melhor companhia do mundo. Espero que sua adolescência demore a chegar para então, mudar isso (kkkk).

Aos meus pais, pela torcida de sempre. Que essa conquista seja nossa! E a meus irmãos, que se fazem presentes, e me apoiam e incentivam a fazer sempre mais.

Agradeço aos amigos e familiares que torcem por mim, em especial a Valdete, pelo apoio de sempre. E Rika e Gustavo, por me emprestarem o notebook para eu concluir a escrita da Dissertação. Meu notebook cansou e desistiu na última semana, mas eu não! (kkkkk).

Agradeço aos amigos da FAI, que na forma de incentivos nos mostram que não estamos sozinhos. É bem melhor caminhar com vocês Grazy, Ademar e Edilana.

Agradeço a minha orientadora prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Andrade pela disponibilidade, pelas orientações assertivas e pela condução do processo, me incentivando a continuar, quando até eu não sabia ao certo se ainda seria possível. Gratidão!

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde do IMS/UFBA. E faço votos que eu possa conhecer o Campus em breve.

Agradeço aos membros da minha banca de qualificação Prof.<sup>a</sup> Nilia Prado e Prof.<sup>a</sup> Monalisa Nascimento pelas contribuições excelentes que me permitiram aperfeiçoar a proposta inicial e pela maneira respeitosa em me apontar os caminhos.

Agradeço aos gestores do Colégio pesquisado, especialmente a Coord. Vasty, pela disponibilidade e cortesia.

Agradeço aos estudantes adolescentes pela disponibilidade em participar da pesquisa e contribuir com a construção do conhecimento.

## O adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo,  
Não o medo que paralisa e gela,  
estátua súbita,  
mas esse medo fascinante e fremente de curiosidade  
que fazo jovem felino seguir para a frente farejando o vento  
ao sair, a primeira vez, da gruta.

Medo que ofusca: luz!  
Cumplicentemente,  
as folhas contam-te um segredo  
velho como o mundo:  
Adolescente, olha! A vida é nova...  
A vida é nova e anda nua  
– vestida apenas com o teu desejo!

Mario Quintana

## RESUMO

O presente trabalho, inserido na linha de pesquisa 1 – Práticas clínicas e saúde mental, investigou o efeito do distanciamento social durante a pandemia de Covid-19 para adolescentes, resultando em recomendações de estratégias de promoção da saúde mental em ambiente escolar, na perspectiva da clínica ampliada. A adolescência é um período de intensas transformações biopsicossociais, atravessadas por aspectos socioculturais, que repercutem na construção de subjetividades. Impactos do distanciamento social na saúde mental dos adolescentes têm sido descritos, com aumento da prevalência de transtornos mentais, deficiências de aprendizado, aumento das desigualdades e abandono escolar. Esta pesquisa objetivou analisar os desafios enfrentados pelos adolescentes no retorno escolar presencial após a flexibilização das medidas restritivas decorrentes da pandemia de Covid-19 e as consequências atuais, bem como as estratégias desenvolvidas por eles e pela instituição escolar para lidar com as dificuldades encontradas. Foi realizado um estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, a partir da metodologia de grupos focais, adequada para incentivar o diálogo e a expressão de sentimentos e o compartilhamento de opiniões, levando à busca por soluções e propostas de ação para problemas comuns. O estudo foi realizado em uma escola de ensino médio estadual em Irecê - BA, com a participação de um grupo de 10 adolescentes, entre 15 e 18 anos. A análise de conteúdo, de tipo categorial temática, resultou em quatro categorias: 1. Desafios pandêmicos: o encontro com o inesperado; 2. Implicações no processo ensino-aprendizagem; 3. Implicações na saúde mental adolescente; 4. Saúde Mental Escolar. Observou-se que a pandemia impactou sobremaneira a percepção dos grupos sobre o processo de adolescer, seus quadros de saúde mental, seus processos de ensino-aprendizagem e de socialização, com repercussões ainda vigentes, demandando intervenções em saúde mental e acompanhamentos específicos da aprendizagem. Os grupos relataram que o retorno ao ambiente escolar ocorreu sem planejamento ou suporte em saúde mental, contrastando com a realidade de alunos que retornavam ansiosos, confusos, com dificuldades de socialização e de concentração e com defasagem na aprendizagem. Considerou-se, portanto, a importância da preparação da comunidade escolar para lidar com as demandas emocionais no pós-pandemia. Nota-se a relevância da implementação de políticas de saúde mental escolar universalizadas e institucionalizadas, bem como a presença do psicólogo escolar, orientada por uma perspectiva crítica, para promover a saúde mental nesse contexto. Como produto final da pesquisa, elaborou-se Relatório Técnico Conclusivo disponibilizado para a instituição participante para devolutiva e recomendações para promoção da saúde mental em contexto escolar.

**PALAVRAS-CHAVES:** Adolescente; Saúde mental; Escolas; COVID-19;



## ABSTRACT

This work, part of research line 1 - Clinical practices and mental health, investigated the effect of social distancing during the Covid-19 pandemic on adolescents, resulting in recommendations for mental health promotion strategies in the school environment, from the perspective of the expanded clinic. Adolescence is a period of intense biopsychosocial transformations, crossed by sociocultural aspects, which have repercussions on the construction of subjectivities. The impact of social distancing on adolescents' mental health has been described, with an increase in the prevalence of mental disorders, learning difficulties, growing inequalities and school dropouts. The aim of this research was to analyze the challenges faced by adolescents when returning to school after the relaxation of restrictive measures resulting from the Covid-19 pandemic and the current consequences, as well as the strategies developed by them and the school institution to deal with the difficulties encountered. An exploratory and descriptive study was carried out, with a qualitative approach, using the focus group methodology, which is suitable for encouraging dialog and the expression of feelings and the sharing of opinions, leading to the search for solutions and proposals for action to common problems. The study was carried out in a state high school in Irecê - BA, with the participation of a group of 10 teenagers aged between 15 and 18 years old. Thematic categorical content analysis resulted in four categories: 1. pandemic challenges: the encounter with the unexpected; 2. implications for the teaching-learning process; 3. implications for adolescent mental health; 4. school mental health. It was observed that the pandemic had a major impact on the participants' perception of the process of becoming an adolescent, the mental health conditions of these young people, their teaching-learning and socialization processes, with repercussions that are still ongoing, requiring mental health interventions and specific monitoring of learning. Participants reported that they returned to school without planning or mental health support, contrasting with the reality of students who returned anxious, confused, with difficulties in socializing and concentrating, and with learning deficits. The relevance of the implementation of universalized and institutionalized school mental health policies is noted, as well as the presence of the school psychologist, guided by a critical perspective, to promote mental health in this context. As a final product of the research, a Technical Conclusive Report was prepared and made available to the participating institution for feedback and recommendations for promoting mental health in the school context.

**KEYWORDS:** Adolescent; Mental health; Schools; COVID-19;

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1	<i>Dados sobre os Grupos Focais.....</i>	45
Tabela 2	<i>Dados do Questionário Sóciodemográfico.....</i>	47
Tabela 3	<i>Dados da relação estudante-instituição escolar.....</i>	49
Tabela 4	<i>Categorias e subcategorias de análise trabalhadas.....</i>	51
Tabela 5	<i>Síntese dos Grupos Focais e das sugestões de ações para promoção de saúde mental no ambiente escolar.....</i>	94
Tabela 6	<i>Cronograma das Etapas do Projeto.....</i>	106
Tabela 7	<i>Cronograma de execução do Grupo Reflexivo.....</i>	107
Tabela 8	<i>Materiais necessários para a execução do Projeto.....</i>	109

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fluxo dos Instrumentos de produção de dados relativos ao Momento 1 da Pesquisa.....	44
----------	---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS, ACRÔNIMOS E SIGLAS

CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CEM	Centro de Especialidades Médicas
CFP	Clínica-Escola de Psicologia
EPS	Escolas Promotoras de Saúde
EUA	Estados Unidos da América
FAI	Faculdade de Irecê
IEPS	Instituto de Estudos para Políticas de Saúde
IMS	Instituto Multidisciplinar em Saúde
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
NTE	Núcleo Territorial de Educação – NTE
NUPPEX	Núcleo de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão
OMS	Organização Mundial da Saúde - OMS
PAHO	Organização Pan-Americana da Saúde
PIC's	Práticas integrativas e complementares em saúde
PNSE	Programa Nacional de Saúde Escolar
PSE	Programa Saúde na Escola
PTT	Produto Técnico Tecnológico
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
SME	Saúde Mental Escolar – SME
TALE	Termos de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termos de Consentimento Livre e Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
WHO	Organização Mundial da Saúde

## Sumário

1. INTRODUÇÃO .....	14
2. ARTIGO I - ADOLESCÊNCIA E SAÚDE MENTAL ESCOLAR PÓS-PANDEMIA: impactos e alternativas.....	18
2.1. Introdução .....	19
2.2. Adolescência: uma construção social e subjetiva.....	20
2.3. Adolescer em tempos pandêmicos: repercussões na saúde mental .....	21
2.4. Pandemia e educação: impactos na aprendizagem e dificuldades no retorno escolar presencial.....	23
2.5 Saúde mental escolar: estruturando iniciativas.....	25
2.6 Saúde Mental Escolar no Brasil: pensando um modelo a partir da prática do psicólogo escolar.....	29
2.7 Considerações Finais .....	32
2.8 Referências .....	33
3. ARTIGO II – “Foi a pior época da minha vida”: Impactos da pandemia de Covid-19 no retorno escolar presencial de adolescentes .....	39
3.1. Introdução .....	39
3.2. Método.....	41
3.3. Resultados e Discussão.....	46
3.3.1 Análise dos Grupos Focais .....	51
3.4. Considerações finais .....	76
3.5. Referências .....	78
4. ARTIGO III – Relatório Técnico - Repercussões da pandemia da covid-19 em adolescentes estudantes de ensino médio: pensando alternativas.....	84
4.1. Síntese do Relatório Técnico Conclusivo.....	84
4.2. Apresentação.....	86
4.3. Introdução .....	87
4.4. Objetivos.....	89
4.5. Método.....	89
4.6. Resultados e Discussão.....	92
4.7 Proposta De Intervenção: Projeto De Extensão “Observar, Escutar e Conectar: Grupos Reflexivos de Adolescentes na Promoção de Saúde Mental Escolar” .....	103
4.8 Considerações finais .....	110
4.9 Referências .....	112
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	114

Referências .....	117
APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	120
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	123
APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS .....	126
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO .....	127
APÊNDICE E – ROTEIROS SEMIESTRUTURADOS DOS GRUPOS FOCAIS.....	128
APÊNDICE F – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA FINAL .....	129

## 1. INTRODUÇÃO

A Covid-19 consiste em uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde - OMS classificou o surto vigente como uma pandemia devido à sua propagação para vários países e regiões do mundo. Como medida de combate à contaminação pelo vírus, foi recomendado o distanciamento social (OPAS, 2020).

A pandemia de Covid -19 durou até maio de 2023 (Ministério da Saúde, 2023) e deixou um rastro histórico de mortes, dor e destruição. Sua dimensão e ineditismo permite que, mesmo decretado seu fim, atualmente ainda contemos seus prejuízos nas áreas sociais, econômicas, políticas, e claro, também na saúde e na educação. Além disso, destacam-se os danos subjetivos que podem ser mensurados pelos impactos na saúde mental, inclusive na forma de uma quarta onda por consequência da Covid (Tseng, 2020).

Desde o princípio dos estudos sobre a pandemia, adolescentes e crianças já estavam inseridos no grupo que, por suas características de desenvolvimento, poderiam ser impactados de maneira mais intensa pela pandemia (Senna & Dessen, 2012). E essas projeções iniciais se confirmaram. Muitos são os estudos que apontam repercussões da pandemia na saúde mental adolescente (Zhou et al., 2020; Meherali et al., 2021; Almeida et al., 2022), nos processos educativos (Koslinski & Bartholo, 2022; Fonseca et al., 2020) e nas relações familiares e de socialização com seus pares (Rossi, 2021; Vazques et. al., 2021).

Os adolescentes, que neste trabalho são compreendidos como pessoas entre os 10 e os 19 anos (Ministério da Saúde, 2010), já são apontados na contemporaneidade por intensas transformações físicas, cognitivas e emocionais do desenvolvimento humano, mas também pela influência de aspectos sociais, históricos e culturais típicos de seu tempo (Oliveira & Egry, 1997). A partir disso, pensa-se ser relevante compreender as peculiaridades de vivenciar uma crise, a adolescente, dentro de outra, a sanitária, levando em consideração que os adolescentes da pandemia foram expostos a situações atípicas como a restrição de socialização e o distanciamento do ambiente escolar, e tais circunstâncias podem atravessar o processo de adolecer desse público. Pensando nisso, a problemática central do trabalho consistiu em analisar os impactos da Pandemia de Covid-19 nos adolescentes e perceber como eles se refletiram no contexto de retorno ao ensino presencial, apontando como a instituição escolar organizou-se para esse momento.

Um estudo realizado por Costa et al (2021) destacou as experiências paradoxais vivenciadas pelos adolescentes durante a pandemia. Eles enfrentaram desafios como a

necessidade de se separar de seus pais ou responsáveis enquanto estavam em quarentena familiar, a vontade de interagir em grupos enquanto precisavam se isolar socialmente e a necessidade de cuidados abrangentes ao tempo em que os serviços priorizavam outras demandas. Percebe-se que essas contradições podem influenciar a forma como os adolescentes viveram essa fase da vida na pandemia, tornando a adolescência pandêmica atípica.

Assim, o presente trabalho buscou unir, por um lado, a compreensão de que a adolescência é uma fase social e culturalmente associada a dificuldades, agravada na pandemia, em meio à obrigatoriedade de isolar-se socialmente, restringindo os adolescentes à convivência familiar. Isso porque se entende ser a adolescência uma construção sócio-histórica (Berni & Roso, 2014) que permite perceber seus aspectos de construção social, demarcada pelas características particulares de cada tempo e contexto. No caso, os adolescentes de 2023 foram atravessados pela pandemia de forma marcante.

Por outro lado, outro importante pilar desse trabalho consiste em reconhecer o ambiente escolar em suas múltiplas influências sob a constituição do adolescente, desde as óbvias, como as de formação acadêmica e transmissão de valores, até outras menos evidentes, tais como o desenvolvimento de funções sociais e psicológicas, como a de promover a socialização e apresentar referenciais identificatórios (Rossi, 2021), e sobretudo, tornar-se um espaço promotor de saúde integral e bem-estar (PAHO, 2022; Campos, 2021). Para os públicos em situação de vulnerabilidade social, a escola ainda representa o acesso a direitos e a garantia de alimentação (Fonseca et al., 2020).

Afastados por um período recorde da escola enquanto ambiente físico, os adolescentes da pandemia brasileiros (QEdu, 2023) retornaram para a escola ansiosos, estressados e deprimidos (Rohde, 2020) e com defasagem na aprendizagem (Instituto Ayrton Senna, 2023). É justamente nesse contexto que emerge a relevância de compreender, após a flexibilização das medidas restritivas, como o campo da educação recebeu em seus corredores os adolescentes da pandemia. Exatamente aqueles que foram compelidos ao confinamento familiar, ao isolamento social e ao distanciamento de seus pares e hábitos em plena fase em que estariam revendo seus processos de socialização e identificatórios.

A partir do entrelaçamento entre adolescência - escola - pandemia, este trabalho entendeu ser relevante investigar qual adolescência emergiu de tantas novas situações estressoras que demandam novas respostas subjetivas, sociais e institucionais. Assim, o “novo - normal” na educação merece ser compreendido em toda a sua complexidade, identificando os impactos da pandemia nas percepções sobre adolescência, na saúde mental e nos processos de ensino-aprendizado dos adolescentes, além de compreender como a escola se organizou para



manejar tantas questões no tão esperado retorno ao presencial. Inclusive porque não parece haver normalidade nesse retorno, mas uma geração atravessada por um evento pandêmico, que retorna do período de distanciamento social com traumas que precisam ser compreendidos e acolhidos.

Para isso, apresenta-se a alternativa de políticas de Saúde Mental Escolar – SME, privilegiando ações que envolvam a participação de equipes escolares de saúde mental, inclusive com psicólogas escolares (IEPS, 2023), ao invés de apenas contar com ações pontuais de equipes de saúde do território, como no Programa Saúde na Escolas – PSE (Decreto n.º 6.286, 2007).

Embora defenda-se a inserção do psicólogo na educação básica, vale ressaltar a importância de orientar essa prática com base no compromisso ético-político do(a) psicólogo(a) e que visa a construção de uma escola democrática e com uma práxis emancipatória. Isso envolve evitar práticas individualizantes e medicalizantes das dificuldades de aprendizagens (Scarin & Souza, 2020).

Sobre isso, o CFP (2019) enfatizou a importância da(o) psicóloga(o) trabalhar em prol da saúde mental no ambiente escolar, de uma formação crítica e da melhoria de condições de trabalho. Isso requer evitar a medicalização do cotidiano escolar e das vidas de educadores e estudantes e priorizar ações que contribuam para a efetivação de políticas públicas que permitam o desenvolvimento de todos e visem a superação dos processos de exclusão. Com isso, entende-se que a inserção de profissionais de Psicologia nas escolas deve pautar-se por uma visão crítica da Psicologia Escolar e que problematize as intervenções de modo a distanciar-se de práticas patologizantes e medicalizantes do cotidiano escolar.

Percebe-se que o contexto pandêmico provocou uma verdadeira cruzada científica com investigações diversas buscando promover seu combate, cura e compreensão e por isso não houve dificuldades em encontrar referenciais para a elaboração deste trabalho. Assim, o contexto conceitual e as bases teóricas que fundamentaram a realização desse trabalho podem ser divididos em alguns temas.

Para compreender a adolescência foram utilizados autores como: Aberastury & Knobel (1981), Berni e Roso (2014) e Costa et al. (2021). Na busca de entender como a pandemia afetou o campo educacional destacaram-se os trabalhos de Koslinski e Bartholo (2022), Senkevics e Bof (2022) e Macedo (2021). Para conhecer os impactos já comprovados da pandemia na saúde mental adolescente, consideraram-se estudos como Mansfield et al. (2021), Zhou et al., (2020) e Oliveira et al., (2020). E visando conhecer as iniciativas existentes no

Brasil e no Exterior foram catalogadas pesquisas relativas ao campo da Saúde Mental Escolar tais como: PAHO (2022), IEPS (2023), Campos (2021) e Murta (2007).

Todos esses autores ajudaram na aproximação teórica com o campo desse estudo e sintetizam as bases científicas exploradas para a execução do presente trabalho, além de terem embasado as etapas de pesquisa empírica e de produção do Produto Técnico (PT). Assim, destaca-se que o objetivo geral deste estudo consistiu em analisar os desafios enfrentados por adolescentes no retorno escolar presencial e suas repercussões no período presente, bem como as estratégias criadas pelos adolescentes e pela instituição escolar para lidar com as dificuldades encontradas. Entre os objetivos específicos, destacam-se identificar os desafios experienciados pelos adolescentes, descrever as implicações da pandemia para a saúde mental dos adolescentes e propor intervenções para a promoção de SME como forma de acolher as demandas estudantis.

A seleção do lócus de pesquisa foi baseada em parcerias anteriores entre a pesquisadora, docente de ensino superior em instituição privada no município de Irecê, e a instituição escolar situada no mesmo território, o que facilitou a comunicação entre as partes. O contato com professores e gestores possibilitou conhecer algumas das demandas educacionais e de saúde mental percebidas pela comunidade escolar. Assim, nessa fase exploratória, foi possível perceber a disponibilidade do campo para a pesquisa e a aderência do tema aos problemas reais da instituição, que apontavam para um alto índice de alunos com transtornos mentais após o período pandêmico. Com base nessas informações, foi possível perceber a viabilidade do projeto e a relevância social e acadêmica do tema, tendo em vista a necessidade ainda presente de organizar o setor educacional para lidar com os impactos educacionais e de saúde mental na comunidade escolar no contexto do retorno escolar presencial.

O estudo empírico realizado baseou-se na metodologia de Grupo Focal (Flick, 2009), além de adotar características descritivas e exploratórias, com abordagem qualitativa. Foram realizados quatro Grupos Focais, com a participação de dez adolescentes entre 15 e 18 anos, de ambos os gêneros, de um colégio estadual de ensino médio integrado do interior baiano.

Com objetivos tão abrangentes e partindo da multiplicidade de dados encontrados e construídos ao longo da pesquisa, optou-se por organizar o este trabalho final em três sessões após esse tópico de introdução, que são: 1 - um artigo em formato de ensaio teórico, que sintetizou o referencial teórico em torno da problemática da pesquisa; 2 - um artigo que sintetiza a pesquisa de campo realizada em um colégio público de ensino médio; 3 - um Relatório Técnico Conclusivo que apresentou para o colégio os principais resultados encontrados na pesquisa empírica e as sugestões de estratégias capazes de contribuir com a realidade escolar na pós-pandemia. Os artigos citados serão apresentados na sequência.

## 2. ARTIGO I - ADOLESCÊNCIA E SAÚDE MENTAL ESCOLAR PÓS-PANDEMIA: impactos e alternativas<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este ensaio teórico analisa os efeitos da pandemia de Covid-19 na saúde mental e na educação dos adolescentes. Também descreve estratégias de saúde mental escolar adotadas globalmente e no Brasil para mitigar esses impactos. O distanciamento social impactou negativamente a saúde mental dos adolescentes, aumentando a prevalência de transtornos como depressão e ansiedade. O afastamento das escolas gerou prejuízos na educação, como déficits de aprendizado, aumento das desigualdades e abandono escolar. Sendo assim, o retorno escolar presencial exige a preparação da comunidade escolar para lidar com as demandas emocionais na pós-pandemia. A promoção da saúde mental nas escolas é uma necessidade urgente, porém as iniciativas no Brasil ainda são fragmentadas. É necessário implementar políticas de saúde mental escolar institucionalizadas e universais e garantir a presença do psicólogo escolar para a promoção de saúde mental nesse contexto.

Palavras-Chave: adolescência; saúde mental; escolas; Covid-19; psicologia escolar

### **Abstract**

This theoretical article analyzes the effects of the pandemic Covid-19 on adolescents' mental health and education. It also describes school mental health strategies adopted globally and in Brazil to mitigate these impacts. Social distancing has negatively impacted adolescents' mental health, increasing the prevalence of disorders such as depression and anxiety. Disengagement from school has had a detrimental effect on education, such as learning deficits, increased inequalities and school dropout. Therefore, the return to school in person requires the preparation of the school community to deal with the emotional demands of the post-pandemic. The promotion of mental health in schools is an urgent need, but initiatives in Brazil are still fragmented. It is necessary to implement institutionalized and universal school mental health policies and guarantee the presence of a school psychologist to promote mental health in this context.

Keywords: adolescence; mental health; schools; Covid-19; school psychology

---

<sup>1</sup> Artigo submetido ao periódico REPECULT - Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura.

## 2.1. Introdução

A pandemia de Covid-19, segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS, iniciada em março de 2020 e encerrada em maio de 2023, dizimou quase 7 milhões de pessoas em todo o mundo. Somente no Brasil, foram mais de 700 mil mortes, com dados de setembro de 2023, e mesmo controlada, a doença segue matando pessoas diariamente (Ministério da Saúde, 2023). Passados mais de três anos, são imensuráveis, para além das perdas humanas, os traumas e os impactos que essa experiência incomum impôs a cada um, e em especial, aos sujeitos ainda em desenvolvimento, como as crianças e os adolescentes.

O termo adolescência advém do verbo latino *adolescere*, que indica “amadurecer, crescer, desabrochar”, próximo, entretanto, do termo *adulescere*, que significa “adoecer” (Matheus, 2007). Assim, a adolescência, compreendida atualmente pelo Ministério da Saúde como o período entre os 10 e os 19 anos (Ministério da Saúde, 2010), ficou associada a um amadurecimento biológico e psicológico, além de um “adoecimento”, na forma de uma crise psicossocial atravessada pelo sujeito durante esta fase da vida.

Não bastasse esse contexto sócio histórico e interpessoal, a variável pandemia tornou ainda mais complexo o processo de travessia da adolescência. No momento em que os adolescentes costumam intensificar a vida social, o mundo passou a viver uma contaminação em massa que exigiu medidas de controle focadas no distanciamento social (Ministério da Saúde, 2020a) e que, no caso adolescente, também restringiu seu acesso ao ambiente escolar.

Portanto, consideramos relevante entender como esse contexto complexo, e por vezes contraditório, deixou suas marcas nos adolescentes, especialmente em sua saúde mental. Pesquisadores da Covid-19 já apontavam que após três ondas decorrentes do vírus e suas variantes, ocorreria uma quarta onda, na forma de uma epidemia oculta de transtornos mentais (Tseng, 2020). Essa previsão se confirmou com o aumento da prevalência de transtornos mentais, como a ansiedade, estresse pós-traumático, depressão e abuso de álcool e substâncias, além do agravamento de pacientes que já estavam em tratamento (Rohde, 2020).

Assumindo o formato de um ensaio teórico, o presente estudo discutirá os impactos da pandemia na saúde mental do adolescente e em seus processos educativos, apresentará estratégias de saúde mental escolar adotadas por instituições nacionais e internacionais no enfrentamento dos danos duradouros da pandemia nos adolescentes e refletirá sobre o modelo de assistência em saúde mental escolar adotado no Brasil. Entendemos que o ensaio teórico consiste em uma exposição lógica, reflexiva e argumentativa, a partir da qual será realizada uma discussão formal do tema, mas com certo nível de interpretação (Severino, 2017).

Ressaltamos a relevância social desse tema, pois os adolescentes da pandemia foram expostos a intensas tensões em uma fase pessoal que já é marcada por dúvidas e inseguranças (Ministério da Saúde, 2017), desequilíbrios e instabilidades extremas (Aberastury & Knobel, 1981). Por isso, consideramos que esse público merece atenção especial na compreensão de suas vivências e, conseqüentemente, na colaboração para a construção de estratégias institucionais que acolham suas demandas subjetivas. Além disso, espera-se aportar uma contribuição científica ao trazer, a partir de revisão bibliográfica, informações sobre a saúde mental escolar no exterior e compará-la com o contexto educacional brasileiro vigente.

Examinando a adolescência enquanto construção social, a partir da apresentação de iniciativas internacionais de tornar o contexto escolar um ambiente promotor de saúde e bem-estar, e das exíguas políticas públicas brasileiras voltadas à saúde mental nesse contexto, argumentaremos favoravelmente à universalização do psicólogo escolar, capacitado para atuação fundamentada no compromisso social da profissão, para a identificação das demandas individuais e coletivas, assim como a prevenção, promoção, intervenção e, quando necessário, encaminhamento para tratamento em saúde mental.

## **2.2. Adolescência: uma construção social e subjetiva**

Em relação à adolescência, notou-se um crescente interesse científico multidisciplinar por sua compreensão nas últimas décadas, inclusive com o reconhecimento de que a fase representa uma oportunidade de unir os ganhos da infância e a promoção da saúde que repercutirá nas fases futuras (Assis et al., 2020). Porém, toda essa complexidade aponta também para uma premissa: adolecer na contemporaneidade não parece ser uma tarefa fácil. E o que dizer, então, de atravessar essa fase de intensas transformações físicas, psicológicas e sociais em meio a uma pandemia de dimensões planetárias, que lhe exige se afastar de suas relações sociais e depois retornar para o ambiente escolar, carregando consigo as marcas dessa experiência?

A adolescência é um constructo que pode ser abordado a partir de diferentes enfoques como o biológico, o psicológico e o social. Entende-se que as perspectivas sociais e psicológicas podem dialogar tendo em vista que essa fase resultaria de uma construção socialmente demarcada (Oliveira & Egry, 1997), mas que também se insere no sujeito ganhando aura de singular. A partir disso, parece que a partir de marcadores sociais e históricos, o sujeito entre 10 e 19 anos viverá um processo de transição da infância para vida adulta, mas que precisará ser trilhada, também, subjetivamente, na forma de uma travessia psíquica.

Segundo Ariès (1981), a adolescência, tal qual a infância, são conceitos frutos de uma construção social nascida apenas com a modernidade. Porém, no contexto cultural vigente, o conceito de adolescência ganha destaque enquanto se priorizam valores como liberdade e imediatismo. Sobre isso, Calligaris (2000) afirma que a adolescência consiste em um mito, inventado no início do século XX e que serve de parâmetro para os adultos olharem os adolescentes e para os próprios adolescentes se contemplarem.

A partir de um caráter histórico-social, Oliveira e Egry (1997) afirmaram que a adolescência representa mais do que um conjunto de características fisiológicas, cognitivas e emocionais típicas do desenvolvimento humano e a que chamamos de puberdade. Ela está, além disso, expressando características sociais, históricas e culturais específicas, levando a uma multiplicidade de conceitos. Ou seja, a adolescência não é a mesma para todos, e por isso mesmo, pode-se falar em diversas perspectivas.

Sobre isso, Gurski e Pereira (2016) destacaram não ser possível pensar a constituição psíquica adolescente sem relacioná-la com o laço social, tendo em vista que é na relação com as questões de sua época que os sujeitos vão se construindo. Não à toa, o historiador Ariès (1981), famoso por analisar a iconografia da infância e da família na modernidade, apontou que o conceito de adolescência não existia antes do século XVIII. Do ponto de vista das relações sociais, essa fase se caracteriza por intensas conexões extrafamiliares, nas quais os grupos de pares ganham forte importância na socialização e no processo identificatório (Aberastury & Knobel, 1981). Sendo assim, espaços como os escolares ganham maior relevância já que mais do que ambientes formativos, são também locais de socialização e de desenvolvimento de habilidades de convivência. Entretanto, esse processo, que privilegia o convívio com os pares, foi prejudicado em tempos pandêmicos, acarretando prejuízos para a auto identidade e nos ajustes à vida social (Rossi, 2021).

Pode-se questionar, portanto, toda essa complexa equação subjetiva em tempos pandêmicos. O distanciamento físico das relações, com limitação da circulação e do acesso aos espaços, trouxe impactos na forma de sofrimento psíquico e sintomatologias. Sobre isso, discorreremos sobre o que os achados científicos apontam em relação aos impactos da pandemia de Covid-19 na saúde mental dos adolescentes.

### **2.3. Adolescer em tempos pandêmicos: repercussões na saúde mental**

A análise da literatura especializada apontou, ainda em 2020, que a saúde mental seria a quarta onda em uma sequência de sobrecargas dos sistemas de saúde decorrentes da pandemia

de Covid-19 (Tseng, 2020). Ainda mais preocupantes parecem ser as repercussões da pandemia na saúde mental dos adolescentes, tendo em vista que as vulnerabilidades vividas nessa fase crucial podem interferir no desenvolvimento futuro (Senna & Dessen, 2012). Ademais, conforme Meherali et al. (2021), o distanciamento social prejudicou a saúde mental das crianças e adolescentes e trouxe consequências ainda mais duradouras.

Partindo dessas premissas, verificou-se que muitos foram os documentos oficiais e as pesquisas que destacaram as implicações negativas da pandemia nesse grupo etário. Sobre isso, a OPAS (2023) destacou que uma em cada seis pessoas entre 10 e 19 anos tem transtornos mentais, o que representa 16% do peso global das doenças acometidas nessa faixa etária. Além disso, a depressão apareceu como uma das causas principais de doenças, enquanto o suicídio preocupou ao ocupar a terceira posição entre as causas de morte de adolescentes.

Vale ressaltar que saúde mental, segundo a WHO (2014), consiste em um estado de bem-estar em que o sujeito reconhece suas habilidades pessoais, consegue lidar com as situações estressoras diárias e mantém-se produtivo e em condições de contribuir com seu meio. Assim sendo, o conceito atual de saúde mental baseia-se na integralidade do indivíduo e, portanto, representa mais do que a ausência de doenças mentais. Com isso, percebe-se que as repercussões da pandemia no mundo do adolescente podem ser ainda mais diversas e abrangentes e alcançar seus diversos espaços e papéis sociais.

De acordo com o IEPS (2023), a taxa de incidência de transtornos mentais em crianças e adolescentes aumentou após a pandemia. Em 2021, 56% dos adultos disseram que pelo menos um jovem em suas famílias tinha problemas de saúde mental. Esses problemas incluíam mudanças de humor e irritabilidade (29%), dificuldade para dormir (28%), falta de interesse em atividades cotidianas (28%), preocupações excessivas (26%) e alterações do apetite (25%).

Uma revisão sistemática da literatura reuniu dados de 204 países e atestou o aumento da prevalência global do transtorno depressivo maior em 27,5% e da ansiedade em 25,6% durante o primeiro ano de pandemia por Covid-19, em relação ao ano anterior. A partir desses resultados, a OMS alertou para que os serviços públicos se ajustem para absorver a crescente demanda mundial em saúde mental (Covid-19 Mental Disorders Collaborators, 2021).

Um estudo com adolescentes ingleses apontou que a saúde mental desse público já vinha se deteriorando e que a pandemia teria resultado no aumento de sintomas depressivos e na diminuição da satisfação com a vida. Constatou-se que haveria 6% menos adolescentes com sintomas depressivos elevados caso não fossem expostos à Pandemia de Covid-19 e que as meninas tiveram a saúde mental mais comprometida (Mansfield et al., 2021).

Outras pesquisas nacionais e internacionais mostraram o impacto da pandemia nos adolescentes no aumento de problemas psicológicos, com destaque para ansiedade e depressão (Zhou et al., 2020; Meherali et al., 2021; Almeida et al., 2022), para o transtorno de estresse pós-traumático (Liang et al., 2020) e para distúrbios do sono e do apetite e prejuízos nas atividades sociais (Meherali et al., 2021).

Sobre o impacto das medidas sanitárias de distanciamento social nos adolescentes, foi notado o aumento da vulnerabilidade como: violência doméstica (Marques et al., 2020); impactos no desenvolvimento (Imran et al., 2020); episódios de agressividade e violência no ambiente familiar (Oliveira et al., 2020); aumento da frequência de consumo de drogas, como o álcool e a *cannabis* (Jones et al., 2021); impactos na saúde mental, na socialização e na aprendizagem de crianças e adolescentes (Ministério da Saúde, 2020b); e aumento de cortisol, o hormônio do estresse, com prejuízos no desenvolvimento cognitivo (Almeida et al., 2022). Se já são conhecidos alguns impactos da pandemia na saúde dos adolescentes, conheceremos também suas repercussões nos processos educativos.

#### **2.4. Pandemia e educação: impactos na aprendizagem e dificuldades no retorno escolar presencial**

A Pandemia de Covid-19 representou uma crise sem precedentes e seus impactos também alcançaram a área de educação. Esses efeitos adversos são preocupantes, pois se sabe que mais do que apenas um ambiente de transmissão do conhecimento formal, a escola também propicia relacionamentos e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais (Fonseca et al., 2020).

Segundo a UNESCO (2023), a iniciativa de fechamento das instituições de ensino como medida sanitária de enfrentamento à Covid-19 atingiu cerca de 1,5 bilhão de crianças e adolescentes em todo o mundo, alcançando mais de 190 países, e, embora necessária para mitigar os efeitos da Covid-19, trouxe consequências adicionais. Dados do Censo Escolar 2022 (QEdu, 2023) apresentaram o Brasil na segunda posição no *ranking* mundial em número de dias de suspensão das atividades escolares presenciais de ensino-aprendizagem, com uma média de 287, na rede pública em 2020. Em 2021, por sua vez, considerando-se a quantidade de dias com fechamento total das escolas por recomendações sanitárias, o Brasil permaneceu na mesma posição, com uma média de 103 dias de suspensão.

Após um longo período longe das escolas e com adoção de maneiras emergenciais de ensino, as escolas brasileiras retornaram, gradativamente, ao ensino presencial a partir de 2021.



Koslinski e Bartholo (2022) revelaram que a pandemia de Covid-19 resultou em desafios relevantes para as redes públicas de ensino em todo o mundo, com quatro impactos principais: 1 - perda de aprendizagem; 2 - aumento das desigualdades na aprendizagem; 3 - aumento do abandono escolar; e 4 - impacto negativo no bem-estar e saúde mental da comunidade escolar.

O Ministério da Saúde (2020b) discutiu os múltiplos prejuízos da pandemia e do distanciamento social nos processos de ensino no Brasil e destacou o aumento: da evasão escolar, das desigualdades sociais entre as redes pública e particular e das dificuldades de acesso às tecnologias digitais. Vários estudos corroboraram com essa reflexão como: Pfefferbaum (2021) que apontou um declínio no progresso da leitura e matemática; Lichand et al., (2022) que alertaram para o índice de abandono escolar na pós-pandemia; Bof e Moraes (2023) que confirmaram os impactos negativos na aprendizagem de crianças e adolescentes; e Senkevics e Bof (2022) que acusaram o aprofundamento das desigualdades educacionais já existentes.

Koslinski e Bartholo (2022) revelaram como as desigualdades socioeconômicas podem afetar a aprendizagem ao apontarem como a falta de estímulo escolar e a carência de oportunidades afetaram o desempenho de crianças em vulnerabilidade durante períodos de férias. Se essas perdas já são perceptíveis durante um curto período, o que esperar do impacto do fechamento de escolas por um período tão longo durante a pandemia?

Algumas pesquisas têm potencial para esclarecer essa questão ao responderem o impacto do fechamento das escolas nos adolescentes: Oliveira et al. (2020) confirmaram o surgimento de problemas de saúde mental nos adolescentes; Imran et al. (2020) detectaram o surgimento de incertezas, ansiedade, medos e prejuízos no bem-estar e na qualidade de vida; e Fonseca et al., (2020) apontaram impactos socioemocionais, cognitivos e na aprendizagem.

Além disso, apontou-se que na adolescência vive-se um período neurobiológico crítico para o desenvolvimento de habilidades cognitivas complexas que dependem da interação ambiental e cujos impactos negativos podem persistir por até dez anos, especialmente em grupos vulneráveis. Moscoviz e Evans (2022) encontraram perdas de aprendizagem consistentes em 40 países estudados durante a pandemia e variação nas taxas de abandono escolar, sendo mais elevadas entre estudantes do ensino secundário.

Koslinski e Bartholo (2022) apontaram que a educação emergencial agravou o fosso de aprendizagem entre crianças de menor e maior poder econômico, uma vez que exigiu condições mínimas de conexão com a *internet* e de acesso a materiais eletrônicos. İlhan e Kırmızıgül (2022), por sua vez, apontaram efeitos pandêmicos nos processos de ensino, nas atividades educativas e nas condições de aprendizagem dos países estudados.

A partir das evidências de que a pandemia causou consequências na saúde mental adolescente (COVID- 19 Mental Disorders Collaborators, 2021; Mansfield et al., 2021; Zhou et al., 2020; Liang et al., 2020; Marques et al., 2020; Imran et. al., 2020; Oliveira et al., 2020; IEPS, 2023; Ministério da Saúde, 2020b) e também acarretou dificuldades nos processos educativos e de aprendizagem (Ílhan & Kırmızıgül, 2022; Fonseca et al., 2020; Bof & Moraes, 2023; Senkevics & Bof, 2022; Koslinski & Bartholo, 2022; Ministério da Saúde, 2020b), mostrou-se necessário compreender as estratégias que foram investigadas e implementadas pelas instituições escolares no período pós-pandemia.

## **2.5 Saúde mental escolar: estruturando iniciativas**

Se no período anterior à pandemia a discussão sobre a sobre saúde mental nas escolas era escassa (IEPS, 2023), atualmente, ela tem se tornado essencial. O retorno presencial escolar demandou e permanece demandando medidas institucionais para lidar com os impactos emocionais desse processo. Tais iniciativas devem contemplar todos os estudantes e as equipes profissionais, pois estes últimos deverão estar capacitados para acolher e manejar as demandas estudantis, além das próprias.

Na perspectiva de assistência em crises, a OPAS (2015) já apontava algumas recomendações para os primeiros cuidados psicológicos no contexto educacional. As ações envolveriam três princípios básicos: 1 – Observar a situação respeitosamente e sem julgamentos; 2 – Escutar as preocupações e necessidades, estimulando a formação de vínculos; 3 – Aproximar-se das pessoas, ofertando informações e realizando encaminhamentos quando necessário. Tais recomendações parecem continuar coerentes frente à situação emergencial em que se pode enquadrar a pandemia de Covid-19.

Analisando como o suporte emocional vem sendo abordado no exterior, temos um exemplo vindo de Portugal. Mesmo antes da pandemia, os portugueses já contavam com um Programa Nacional de Saúde Escolar - PNSE (Ministério da Saúde, 2015), ligado às áreas de Saúde e Educação, para estruturar ações nacionais em saúde escolar. Como princípio, a política visa estimular a promoção da saúde, do bem-estar e da aprendizagem com uma perspectiva integral a partir da educação para a saúde e conta com um eixo dedicado à saúde mental, visando orientar o acolhimento das demandas emocionais dos alunos.

Portugal conta, ainda, com o “Manual para Promoção de Competências Socioemocionais nas Escolas” (Carvalho et. al., 2019), com aportes teóricos e práticos que subsidiam a efetivação do modelo nacional. As instruções do manual contemplam desde o

diagnóstico escolar, até as atitudes pedagógicas, as metodologias ativas e os processos formativos das equipes.

Já nos EUA, onde também se percebe um interesse antigo pelo tema, um estudo reuniu as iniciativas de mais de 30 de seus estados sobre a promoção de saúde mental escolar e orientou a inclusão no currículo escolar de temáticas como aprendizagem socioemocional, saúde mental e bem-estar (McCann et al., 2021). Os serviços de saúde mental norte-americanos são organizados no chamado “Sistema de Suporte em Saúde Mental” que se divide em Promoção e Prevenção, Apoio e Intervenções e Tratamento. Nesse formato, indica-se um profissional para cada 700 alunos, em média (McCann et al., 2021).

PAHO (2022) realizou uma avaliação regional das estratégias de saúde escolar na América Latina e no Caribe, englobando dados de 21 países. A pesquisa avaliou o alcance da perspectiva de Escolas Promotoras de Saúde - EPS no território. As EPS representam uma abordagem lançada pela OMS/Unesco em 1995 em defesa das escolas como o local ideal para a promoção de saúde, o bem-estar e a qualidade de vida. Vale demarcar que essa perspectiva parte do conceito de Promoção da Saúde apresentado na Carta de Ottawa (OMS, 1986) que define promoção de saúde como um processo de preparação comunitária visando melhorar a qualidade de vida e a saúde e promover uma maior participação social no processo.

A pesquisa apontou a forte disseminação do modelo na região, apesar de nomenclaturas (saúde escolar, escolas saudáveis e EPS), formas de organização e estruturação distintas. Por outro lado, a implementação de políticas de saúde escolar universais e efetivas enfrenta alguns desafios como a falta de vontade política, o financiamento inadequado e a falta de coordenação entre as partes interessadas. Em relação ao contexto brasileiro, destaca-se o Programa Saúde na Escola (PSE) como uma iniciativa das Escolas Promotoras de Saúde - EPS. Diferentemente de outros países que possuem equipes de saúde integradas às equipes escolares, o Brasil utiliza equipes de saúde da Atenção Básica que realiza ações de saúde no território que contempla a instituição escolar (PAHO, 2022).

Conforme a pesquisa, o PSE é caracterizado por: não referenciar os estudantes ao serviço de saúde; garantir a ocorrência de atividades apenas no contexto público; não apresentar índice de cobertura das atividades por território em nenhuma faixa etária estudada; dificuldade em documentar e monitorar a cobertura e os resultados das ações realizadas; e não revelar interesse em revisar o escopo e o conteúdo dos serviços de saúde escolar (OPAS, 2022).

Por fim, a PAHO (2022, p. 39) enfatizou que:

Esta avaliação foi realizada antes da pandemia de Covid-19. O impacto da pandemia sublinhou o papel de destaque e os múltiplos benefícios da escola como ambiente de

interação social, brincadeira, aprendizagem, estrutura e proteção de crianças e adolescentes. As escolas continuarão a ter um papel importante na mitigação das consequências indiretas da Covid-19 na saúde, no bem-estar e no desenvolvimento de crianças e adolescentes durante a pandemia e na fase de recuperação. (tradução própria)

A OMS e a UNESCO estabeleceram normas e indicadores globais para a implementação de EPS (Campos, 2021). As oito normas globais são: políticas e recursos governamentais; parcerias entre a escola e a comunidade; espaço físico da escola; ambiente socioemocional da escola; governança e liderança da escola; políticas e recursos da escola; currículo escolar; e serviços de saúde escolar. Nota-se o incentivo a uma abordagem abrangente de saúde.

Realizada por organismos brasileiros, a pesquisa intitulada “Boas práticas de saúde mental nas escolas: um olhar para oito países” estudou programas de saúde mental escolar em documentos oficiais e políticas públicas em oito países selecionados: países da América (Brasil, Canadá, Chile e Estados Unidos), Ásia (Singapura), Europa (Finlândia e Reino Unido) e Oceania (Austrália) (Campos, 2021).

Na referida pesquisa, o Brasil é representado por projetos de menor alcance estratégico voltados para o aluno (característica que a pesquisa nomeia de “mundo da criança”) ou, no máximo, envolvendo familiares (“mundo ao redor da criança”). Enquanto isso, os outros países citados surgem no levantamento com iniciativas globais (“mundo em geral”), cujas ações alcançam toda a comunidade escolar. Apontam-se, assim, os dez principais fatores para que os programas de saúde mental escolar se tornem exitosos, os quais são: intersectorialidade, equipe dedicada, comunicação e combate ao estigma, ancoragem legal e orçamento específico, integração com o currículo, formação dos envolvidos, intervenção precoce, material estruturado, processos claros de encaminhamento e envolvimento da comunidade (Campos, 2021).

Considerando esses critérios, o Brasil revelou-se, segundo o estudo, carente de iniciativas estruturadas nacionalmente e com caráter integral. A pesquisa não se refere ao PSE, e não o aponta como exemplo de política de saúde mental escolar. Isso porque o país apareceu apenas com exemplos locais de atividades voltadas para competências socioemocionais individualmente, e não com estratégias de saúde mental propriamente ditas, pensadas ao nível de prevenção, promoção, tratamento e recuperação em articulação com outras políticas públicas (Campos, 2021).

No âmbito institucional, a análise de documentos oficiais demonstra que a política de saúde mental no ambiente escolar brasileiro está circunscrita ao Programa Saúde na Escola

(PSE). O PSE consiste em uma política intersetorial que envolve os Ministérios da Educação e da Saúde e visa contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes inseridos na rede pública de Educação Básica, por meio da colaboração entre profissionais da Atenção Básica e Educação (Decreto n.º 6.286, 2007).

Vale destacar que, apesar de visar a integralidade da saúde, a referida política não aborda de maneira clara e organizada suas ações no campo da saúde mental. Nesse sentido, chama a atenção no documento citado de instituição do PSE (Decreto n.º 6.286, 2007) a completa ausência de referência à área de saúde mental. E mesmo após os desafios já descritos no tocante à saúde mental adolescente no ambiente escolar em decorrência da pandemia de Covid-19, esse tema não foi abordado de maneira estruturada e sistemática nas orientações do PSE para o ciclo 2021/2022 (Ministério da Saúde, 2021). Entre as 13 temáticas indicadas para ações no período, nenhuma delas contemplava a saúde mental e o acolhimento das demandas psíquicas dos adolescentes, muito embora o referido ciclo tenha sido efetivado justamente no período de reabertura das escolas.

Vale ressaltar que, segundo a Nota Técnica n.º 5/2023 (Ministério da Saúde, 2023b), a temática da Saúde mental era marginalmente inserida em algumas atividades, porém, essa prerrogativa teria sido descontinuada no período de 2016 a 2023. No entanto, com as mudanças de Governo Nacional ocorridas em janeiro de 2023, parece haver uma alteração também na abordagem da temática de saúde mental na educação.

Com isso, o Ciclo 23/24 (Ministério da Saúde, 2023b) passou a incluir a temática Saúde Mental, ampliando o rol de atuação do PSE para 14 temas. Portanto, o PSE retornará a fomentar e financiar ações de promoção de saúde mental, incluindo a temática entre as ações prioritárias para o ciclo citado. Apesar disso, ainda não foram divulgados documentos orientadores das práticas de inserção da temática nas atividades do PSE. O IEPS (2023) denunciou, ainda, a ausência de pesquisas que examinem as intervenções do PSE na área da saúde mental e de atenção psicossocial no ambiente escolar e inferiu a repercussão disso na escassez de iniciativas na área. Concluiu, reforçando a necessidade premente de pesquisas sobre a saúde mental no contexto da política do PSE.

Pesquisas que avaliaram a execução do PSE nas temáticas já contempladas apontaram vulnerabilidades em sua execução. Oliveira (2018) afirmou que os estudantes aprovaram o programa como meio de acessar cuidados em saúde, mas apontaram seu enfoque em intervenções assistenciais. E Gonçalves et al. (2022) denunciaram o predomínio do enfoque assistencial e a execução fragmentada e hierarquizada. Em suma, os autores sugeriram a

necessidade de reestruturação do programa com práticas avaliativas e ações coerentes com as demandas locais.

Ao que parece, uma mudança que, potencialmente, pode alterar esse cenário consiste na existência de equipes de saúde mental nas escolas para conduzir ações com as equipes de saúde, porém de posse do conhecimento empírico das demandas das escolas. Sobre isso, remete-se ao que concluíram Viig et al. (2012), ao enfatizarem a importância de uma articulação em que saúde e educação realizem um trabalho complementarmente para promover saúde escolar integral, em contraposição a contextos em que projetos de saúde sejam simplesmente executados no interior das escolas. A seguir aprofundaremos essa discussão.

## **2.6 Saúde Mental Escolar no Brasil: pensando um modelo a partir da prática do psicólogo escolar**

Como visto, a promoção da saúde mental nas escolas tem se revelado uma necessidade antiga, mas também urgente em face do agravamento das demandas escolares. Porém, as iniciativas no Brasil ainda são incipientes e/ou fragmentadas. Por isso, carecem de estudos e debates que visem contribuir com sua organização e efetivação e expressem a crescente percepção social e científica de sua importância.

Para a WHO (2021), um sistema educacional exitoso precisa promover saúde e bem-estar de toda a comunidade escolar e sociedade, assumindo o papel de promotor de educação, saúde e bem-estar. Assim, resta pensar como, de fato, se aproximar do modelo de EPS, desenvolvido há mais de 28 anos, mas ainda pouco efetivado em sua integralidade nos ambientes escolares brasileiros.

Tal reflexão suscita alguns questionamentos: será a reformulação do PSE, com a inclusão da saúde mental entre suas prioridades, estratégia suficiente para avançarmos em prol de ambientes escolares promotores de bem-estar e saúde mental? As atividades das equipes de Atenção Básica no ambiente escolar serão eficazes para o acolhimento das demandas reprimidas? Ou precisaremos investir também em equipes de saúde mental que façam parte da equipe escolar e que, em articulação com as equipes de PSE da Atenção Básica, possam, de fato, promover ações resolutivas para cada realidade escolar?

Nesse último caso, pensa-se que será preciso estruturar iniciativas protagonizadas pelo Ministério da Educação para universalizar o acesso à saúde mental escolar na Educação Básica Brasileira. Pensa-se que um bom começo seria a efetivação pelo MEC da Lei n.º 13.935 (2019), que visa estabelecer a inserção obrigatória de psicólogos e assistentes sociais no contexto educacional, mas que segue sem ser implementada.

Isso porque se entende que os avanços pleiteados na promoção de saúde mental escolar passam pela inclusão, nas equipes escolares, de profissionais de saúde mental, com foco em contribuir com a identificação precoce e o manejo das demandas subjetivas e relacionais nesse ambiente. Sobre isso, ressalta-se a importância que o profissional de psicologia escolar representa nesse contexto.

Conforme Marinho-Araújo e Almeida (2014), o psicólogo escolar, que teve sua inserção na área educacional marcada por uma intervenção tradicional e voltada para adaptar o aluno com deficiência ao ambiente escolar, viu seu enfoque mudar a partir de uma perspectiva crítica desse campo de atuação. Assim, surge a atual Psicologia Escolar que se configura como um campo, concomitantemente, de pesquisa e produção de conhecimentos, assim como de intervenção, comprometido com as questões escolares de maneira ampla, envolvendo todos os seus processos, atores e dinâmicas.

Essa concepção de atuação visa estimular o diálogo entre os atores escolares, com vistas a incluir e acolher todos os segmentos que produzem a realidade escolar. Esses espaços propiciam que tanto os processos de desenvolvimento e de aprendizagem, quanto os aspectos subjetivos que os envolvem possam ser contemplados (Oliveira & Marinho-Araújo, 2009).

Gastar et al. (2021) destacaram a importância do psicólogo escolar em uma atuação preventiva, que ao desenvolver práticas coletivas, possam também realizar o acolhimento das tensões do ambiente, e com isso, buscar novas saídas para os desafios cotidianos. Para os autores, a ação preventiva do psicólogo pode possibilitar um ambiente acolhedor e seguro para que alunos explorem suas emoções e reestabeleçam a conexão entre a própria história e o cotidiano escolar.

Conforme as Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos(os) na Educação Básica, os psicólogos objetivam trabalhar em benefício da saúde mental e da melhoria das condições de trabalho. O enfoque é no cuidado e no acolhimento das demandas emocionais e psicológicas dos indivíduos, considerando que cada pessoa é única em suas vivências e processos internos (CFP, 2019).

As chamadas práticas emergentes do Psicólogo escolar (Marinho-Araújo & Almeida, 2014) podem contemplar as seguintes atividades: mapeamento institucional, promoção de espaços de escuta psicológica das vozes institucionais (alunos, professores e equipe), assessoria do trabalho coletivo e acompanhamento do processo ensino-aprendizagem. Entende-se que essas práticas permitem a escuta sensível dos processos intersubjetivos e das urgências do cotidiano escolar, como o sofrimento psíquico de alunos e professores. Por isso, a atuação desse profissional pode ser tão importante no contexto de elaboração de perdas e impactos da

pandemia. Nesse sentido, o CFP (2019) inclusive apontou a possibilidade de trabalho da(o) psicóloga(o) escolar com grupos de alunos como uma das múltiplas alternativas de atuação.

IEPS (2023) em pesquisa sobre Saúde Mental Escolar, apontou uma lista com “As 10 ações propostas para melhorar a saúde mental das crianças e adolescentes no contexto escolar”, direcionadas para os poderes Executivo e Legislativo brasileiros. As 10 medidas propostas foram: 1 - Ampliar a cobertura do Programa de Saúde Escolar (PSE); 2 - Inserir estratégias de prevenção e promoção da saúde mental no Ciclo 2023/2024 do PSE; 3 - Incentivar pesquisas de avaliação e monitoramento do PSE; 4 - Realizar pesquisas institucionais sobre a percepção das políticas públicas de saúde mental por estudantes; 5 - Criação de espaços de diálogo sobre políticas públicas de saúde mental; 6 - Investir em estratégias de vigilância e monitoramento da saúde mental; 7 - Aprovar o Projeto de Lei que institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares; 8 - Supervisionar a execução das ações do PSE pelo Poder Executivo; 9 - Destinar emendas parlamentares para a saúde mental infantojuvenil; 10 - Aumentar a cobertura do Programa Saúde na Escola (PSE) (IEPS, 2023).

A análise dessa lista de propostas permite concluir que sua efetivação tem potencial construtivo junto às políticas de saúde mental escolar já existentes no país. Ao atingir as fragilidades vigentes, entende-se que a inclusão de ações preventivas e de promoção da saúde mental, a participação ativa dos estudantes, a ampliação da cobertura, a garantia dos recursos e o aprimoramento dos mecanismos de monitoramento e avaliação podem, efetivamente, contribuir para a qualificação do cuidado prestado em saúde mental no ambiente escolar, reconhecendo definitivamente sua importância crucial.

Ademais, destaca-se a criação da Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares e a consequente efetivação da Lei n.º 13.935 (Lei n.º 13.395, 2019), com a inclusão dos serviços de psicologia e serviço social nas redes públicas de ensino como medidas capazes de avançar no sentido da promoção de saúde mental e bem-estar nas escolas brasileiras. Sobre isso, Koslinski e Bartholo (2022) firmaram ser muito importante que os programas de prevenção de transtornos mentais no ambiente escolar que possam ser desenvolvidos integrem ferramentas de diagnóstico, formação e apoio para toda a comunidade escolar.

Para o CFP (2019), embora já tenha se iniciado a efetivação de uma psicologia crítica, ainda se tem muito a avançar. E, sem dúvidas, esse processo passa pelas práticas emergentes (Marinho-Araújo & Almeida, 2014), a valorização do profissional, a universalização de sua atuação no espaço educacional e institucionalização de sua atuação mediante políticas públicas. Com isso, espera-se, em breve, centrar a discussão nas contribuições da psicologia junto às



novas demandas estudantis e escolares, voltadas para uma atuação integral e de promoção da saúde mental escolar.

Vale ressaltar que essa atuação integral deve pautar-se, conforme destacam Scarin e Souza (2020), pelo compromisso ético-político do profissional em construir uma escola democrática e emancipatória. Segundo o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2019) para isso, devem ser evitadas práticas individualizantes e medicalizantes do cotidiano escolar e do processo ensino-aprendizagem e adotadas ações que viabilizem o desenvolvimento de toda a comunidade escolar. Isto é, a construção de uma visão crítica da psicologia escolar deve, além de promover a saúde mental no ambiente escolar, também garantir a formação crítica e a melhoria das condições de trabalho.

Assim, embora se visualize a importância do psicólogo no contexto escolar, especialmente nesse contexto de reorganização do campo educacional frente às demandas da pós-pandemia, destaca-se a importância de que sua atuação esteja acompanhada da problematização e que evitem a reprodução de discursos e práticas medicalizantes e patologizantes da realidade escolar.

## **2.7 Considerações Finais**

Nota-se que se faz premente a estruturação de políticas universais, integrais de saúde mental escolar para atender as demandas antigas e contemporâneas do ambiente escolar. Para isso, as políticas já existentes precisarão ser aprimoradas para se tornarem mais efetivas e eficazes, mas, também, novas alternativas poderão ser necessárias.

Nesse sentido, entende-se que o PSE, muito embora represente uma política intersetorial e atenda aos critérios da OMS para Escolas Promotoras de Saúde (PAHO, 2022), e esteja sendo reavaliado para priorizar a saúde mental, ainda poderá não ser suficiente para as comunidades escolares que precisam, diuturnamente, manejar situações de violência, autoagressões, sofrimento psíquico e alterações comportamentais de alunos diversos.

Por conseguinte, vale destacar algumas reflexões que emergem a partir da pesquisa empreendida sobre o tema da saúde mental escolar: 1 - A inclusão de profissionais de saúde mental nas equipes escolares pode permitir a adequada identificação e manejo das demandas psíquicas da comunidade escolar; 2 - Com equipes de saúde mental inseridas na realidade escolar, poderão ser realizadas ações que contemplem todo o escopo de intervenções em saúde (prevenção, promoção, intervenção e o encaminhamento para tratamento) que atenda às demandas específicas de cada escola; 3 - Receber atividades pontuais de saúde integral na

escola, mesmo depois da atrasada inclusão do tema da Saúde Mental nas atividades do PSE, não minimiza a importância do psicólogo e outros profissionais de saúde mental no interior da escola, pois os referidos programas teriam objetivos e práticas distintas; 4 - Por fim, a universalização da figura do psicólogo escolar como parte da equipe da educação básica brasileira representará um avanço em prol da democratização do acesso de todos às contribuições da psicologia no contexto escolar.

Percebe-se que os países que já reconheciam a importância da saúde mental escolar mostraram-se mais eficientes em apresentar propostas de respostas às demandas pandêmicas. Nessa conjuntura, o Brasil avança a passos lentos ao permanecer sem uma política universal e integral de saúde mental escolar, ao tempo em que ignora uma Lei assinada em 2019 (Lei n.º 13.935, 2019), que orienta equipes mínimas de psicólogas e assistentes sociais nas escolas de educação básica.

Concluindo, espera-se que este trabalho possa contribuir para o debate em torno desse importante tema e que alternativas possam ser discutidas para que o bem-estar e a saúde mental da comunidade escolar sejam priorizadas, como parte de uma educação verdadeiramente integral. Saúde mental escolar importa e nunca foi tão urgente fazer dela uma política institucionalizada, robusta e universal.

## 2.8 Referências

- Aberastury, A., & Knobel, M. (1981). *Adolescência Normal*. Artes Médicas.
- Almeida, I. L. De L., Rego, J. F., Teixeira, A. C. G., & Moreira, M. R. (2022). *Social isolation and its impact on child and adolescent development: a systematic review*. *Revista Paulista de Pediatria*, 40, e2020385. DOI: [10.1590/1984-0462/2022/40/2020385](https://doi.org/10.1590/1984-0462/2022/40/2020385)
- Ariès, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. Zahar.
- Assis, S. G. de, Avanci, J. Q., & Serpeloni, F. (2020). *O tema da adolescência na saúde coletiva - revisitando 25 anos de publicações*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(12), 4831–4842. DOI: [10.1590/1413-812320202512.18322020](https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.18322020)
- Bof, A. M., & Moraes, G. H. (2023). *Impactos da pandemia no aprendizado dos estudantes brasileiros*. *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais*, vol. 7. DOI: [10.24109/9786558010630.ceppe.v7.5586](https://doi.org/10.24109/9786558010630.ceppe.v7.5586)
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. Publifolha
- Campos. C. O. (2021). *Boas práticas de saúde mental nas escolas: um olhar para oito países*. Vozes da Educação. <https://vozesdaeducacao.com.br/wp->

[content/uploads/2022/04/Levantamento-Internacional-de-Boas-Praticas-de-Saude-Mental-Escolar.pdf](#)

Carvalho, A., Almeida, C., Amann, G., Leal, P., Marta, F., Pereira, F., Ladeiras, L., Lima, R., & Lopes, I. (2019) *Saúde Mental em Saúde Escolar. Manual para a Promoção de Competências Socioemocionais em meio escolar*. Lisboa.  
<https://core.ac.uk/download/pdf/288868323.pdf>

Conselho Federal de Psicologia – CFP (2019). *Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos (os) na Educação Básica*. [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/08/EducacaoBASICA\\_web.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/08/EducacaoBASICA_web.pdf)

COVID-19 Mental Disorders Collaborators (2021). *Global prevalence and burden of depressive and anxiety disorders in 204 countries and territories in 2020 due to the COVID-19 pandemic*. *The Lancet*, 398(10312), 1700-1712. DOI: [10.1016/S0140-6736\(21\)02143-7](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)02143-7)

Decreto nº 6.286, de 5 dezembro de 2007. *Institui o Programa Saúde na Escola – PSE, e dá outras providências*. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm)

Fonseca, R. P., Sganzerla, G. C., & Enéas, L. V. (2020). *Fechamento das escolas na pandemia de COVID-19: impacto socioemocional, cognitivo e de aprendizagem*. *Debates em psiquiatria*. DOI: [10.25118/2763-9037.2020.v10.23](https://doi.org/10.25118/2763-9037.2020.v10.23)

Gastar, M. A. D., Silva, F. F., & Silva, S. S. (2021). *Práticas em educação do psicólogo escolar: Perspectivas atuais*. Conedu. Escola em tempos de conexões. DOI: [10.46943/VII.CONEDU.2021.03.000](https://doi.org/10.46943/VII.CONEDU.2021.03.000)

Gonçalves, P. D. S., Ferreira, S. C., & Rossi, T. R. A. (2022). *Uma análise do processo de trabalho dos profissionais da saúde e educação no PSE*. *Saúde em Debate*, 46(spe3), 87–102. DOI: [10.1590/0103-11042022E306](https://doi.org/10.1590/0103-11042022E306).

Gurski, P., & Pereira, M. R. (2016). *A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea*. *Psicologia USP*. 27 (3). DOI: [10.1590/0103-656420150005](https://doi.org/10.1590/0103-656420150005)

İlhan, A., & Kırmızıgül, H. G. (2022). *The effects of Covid-19 on mathematics learning areas*. *Journal of Educational Technology & Online Learning*, 5(4), 1061-1076. DOI: [10.31681/jetol.1126956](https://doi.org/10.31681/jetol.1126956).

Imran, N., Zeshan, M., & Pervaiz, Z. (2020). *Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 Pandemic: Mental health considerations for children in COVID-19 Pandemic*. *Pakistan Journal of Medical Sciences*, 36(COVID19-S4). DOI: [10.12669/pjms.36.COVID19-S4.2759](https://doi.org/10.12669/pjms.36.COVID19-S4.2759)

Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS) (2023). *10 ações para Políticas de Saúde Mental nas escolas*. Cacto instituto. <https://ieps.org.br/wp-content/uploads/2023/04/10-aco-es-politicas-saude-mental-nas-escolas-executivo-legislativo.pdf>

- Jones, E.A.K., Mitra, A.K., & Bhuiyan, A.R. (2021). *Impact of COVID-19 on Mental Health in Adolescents: A Systematic Review*. Int. J. Environ. Res. Public Health. DOI: DOI: [10.3390/ijerph18052470](https://doi.org/10.3390/ijerph18052470)
- Koslinski, M. C., & Bartholo, T. L. (2022). *Nota técnica: Impactos da pandemia na educação brasileira*. Dados para um Debate Democrático na Educação. [https://d3e.com.br/wpcontent/uploads/nota\\_tecnica\\_2212\\_impactos\\_pandemia\\_educacao\\_brasileira.pdf](https://d3e.com.br/wpcontent/uploads/nota_tecnica_2212_impactos_pandemia_educacao_brasileira.pdf)
- Lei n.º 13.935, de 11 de dezembro de 2019. *Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica*. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2019-2022/2019/lei/113935.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/113935.htm)
- Liang, L., Ren, H., Cao, R., Hu, Y., Qin, Z., Li, C., & Mei, S. (2020). *The Effect of COVID-19 on Youth Mental Health*. *Psychiatric Quarterly*, 91(3), 841–852. DOI: [10.1007/s11126-020-09744-3](https://doi.org/10.1007/s11126-020-09744-3)
- Lichand, G., Doria, C. A., Leal-Neto, O., & Fernandes, J. P. C. (2022). *The impacts of remote learning in secondary education during the pandemic in Brazil*. *Nature Human Behaviour*, 6(8), 1079–1086. DOI: [10.1038/s41562-022-01350-6](https://doi.org/10.1038/s41562-022-01350-6)
- Mansfield, R. Santos, J. Deighton, J. Hayes D., & Velikonja, T. Jan R. Boehnke, J. R & Patalay, P. (2021) *The impact of the COVID-19 pandemic on adolescent mental health: a natural experiment*. *Royal Society Open Science*, 9(4). Advanceonline publication. DOI: [10.17605/OSF.IO/B25DH](https://doi.org/10.17605/OSF.IO/B25DH).
- Marinho-Araújo, C. M., & Almeida, S. F. C. (2014). *Psicologia Escolar: Construção e Consolidação da Identidade Profissional*. Editora Alínea.
- Marques E. S., Moraes C. L., Hasselmann M. H., Deslandes S. F., & Reichenheim M.E. (2020). *A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela Covid-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento*. *Caderno de Saúde Pública*; 36 (4). DOI: [10.1590/0102-311X00074420](https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420)
- Matheus, T. C. (2007). *Adolescência: história e política do conceito na psicanálise*. Casa do Psicólogo.
- McCann, M., Fulton, M., & McDole, T. (2021). *State Approaches to Addressing Student Mental Health*. *Education Commission of the States*. Policy Brief. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED612848.pdf>
- Meherali, S., Punjani, N., Louie-Poon, S., Abdul Rahim, K., Das, J.K., Salam, R.A., & Lassi, Z.S. (2021). *Mental Health of Children and Adolescents Amidst COVID-19 and Past Pandemics: A Rapid Systematic Review*. Int. J. Environ. Res. Public Health. DOI: [10.3390/ijerph18073432](https://doi.org/10.3390/ijerph18073432).
- Ministério da Saúde (2010). *Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde*. [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_nacionais\\_atencao\\_saude\\_adolescentes\\_jovens\\_promocao\\_saude.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf)

- Ministério da Saúde. (2015). *Saúde Mental em Saúde Escolar. Programa Nacional de Saúde Escolar*. <https://www.dgs.pt/paginas-de-sistema/saude-de-a-a-z/saude-escolar/programa-nacional-de-saude-escolar.aspx>
- Ministério da Saúde (2017). *Proteger e Cuidar da Saúde de Adolescentes na Atenção Básica*. [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger\\_cuidar\\_adolescentes\\_atenc\\_ao\\_basica.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atenc_ao_basica.pdf)
- Ministério da Saúde. (2020a). *Recomendação n.º 036, de 11 de maio de 2020*. <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/recomendacoes-2020/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020>
- Ministério da Saúde.(2020b). *Recomendação n.º 061, de 03 de setembro de 2020*. <http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1355-recomendac-a-o-n-061-de-03-de-setem-bro-de-2020>
- Ministério da Saúde. (2021). *Documento orientador: Indicadores e padrões de avaliação – PSE Ciclo 2021/2022*. [https://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/academia/Documento\\_orientador\\_2021-2022\\_PSE.pdf](https://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/academia/Documento_orientador_2021-2022_PSE.pdf)
- Ministério da Saúde. (2023a) *COVID-19 no Brasil*. [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html)
- Ministério da Saúde. (2023b) *Nota técnica n.º 5/202-CGEDESS/DEPPROS/SAPS/MS*. <https://admin.atencaobasica.rs.gov.br/upload/arquivos/202305/11085001-sei-2fms-0033069066-nota-te-cnica.pdf>
- Moscoviz, L., & Evans, D. K. (2022). *Learning Loss and Student Dropouts during the COVID-19 Pandemic: A Review of the Evidence Two Years after Schools Shut Down*. University of Colorado. <https://www.cgdev.org/sites/default/files/learning-loss-and-student-dropouts-during-covid-19-pandemic-review-evidence-two-years.pdf>
- Oliveira, F. P. S. L. (2018). *Percepção de escolares do ensino fundamental sobre o Programa Saúde na Escola: um estudo de caso em Belo Horizonte, Brasil*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23 (9). DOI: [10.1590/1413-81232018239.16582018](https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.16582018).
- Oliveira, M.A.C., & Egry, E.Y. (1997). *A adolescência como um constructo social*. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 7(2), 12-21. DOI: [10.7322/jhgd.38391](https://doi.org/10.7322/jhgd.38391)
- Oliveira, C. B. E., & Marinho-Araújo, C. M. (2009) *Psicologia escolar: cenários atuais*. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(3). DOI: [10.12957/epp.2009.9075](https://doi.org/10.12957/epp.2009.9075)
- Oliveira, W.A., Silva, J.L., Andrade, A.L.M., Mecheli, D., Carlos, D.M., & Silva, M.A.I. (2020). *A saúde do adolescente em tempos da Covid-19: scoping review*. *Caderno de Saúde Pública*. DOI: [10.1590/0102-311X00150020](https://doi.org/10.1590/0102-311X00150020)
- Organização Mundial da Saúde (1986). *Carta de Ottawa para la*

- Promoción de la Salud*. Ottawa: OMS.  
<https://isg.org.ar/wp-content/uploads/2011/08/Carta-Ottawa.pdf>
- Organização Pan-Americana da Saúde (2015). *Primeiros cuidados psicológicos: guia para trabalhadores de campo*.  
[https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/7676/9788579670947\\_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/7676/9788579670947_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y)
- Organização Pan-Americana da Saúde (2023). *Saúde mental dos adolescentes*.  
<https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>
- Pan American Health Organization (2022). *School Health Promotion in Latin America and the Caribbean: A Regional Assessment*. Washington. DOI: [10.37774/9789275125922](https://doi.org/10.37774/9789275125922).
- Pfefferbaum, B. (2021). *Challenges for Child Mental Health Raised by School Closure and Home Confinement During the COVID-19 Pandemic*. *Curr Psychiatry* DOI: [10.1007/s11920-021-01279-z](https://doi.org/10.1007/s11920-021-01279-z)
- QEdu. (2023). <https://qedu.org.br/>
- Rohde, L.A. (2020). *Guia de Saúde Mental Pós-Pandemia no Brasil*. Instituto de Ciências Integradas.  
[http://dasu.unb.br/images/Material\\_educativo/Guia\\_de\\_saude\\_mental\\_pspandemia\\_no\\_brasil.pdf](http://dasu.unb.br/images/Material_educativo/Guia_de_saude_mental_pspandemia_no_brasil.pdf).
- Rossi, T. (2021) *Isolamento, interação e socialização: uma abordagem sociológica da suspensão do ensino presencial na formação de crianças e adolescentes*. Org & demo. DOI: [10.36311/1519-0110.2021.v22n2.p103-118](https://doi.org/10.36311/1519-0110.2021.v22n2.p103-118).
- Senkevics, A. S., & Bof, A. M. (2022). *Desigualdades educacionais na pandemia: análise das respostas das escolas brasileiras à suspensão das atividades presenciais em 2020*. *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais*. DOI: [10.24109/9786558010630.ceppe.v7.5574](https://doi.org/10.24109/9786558010630.ceppe.v7.5574).
- Senna, S. R. C. M., & Dessen, M. A. (2012). *Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 101–108. DOI: [10.1590/S0102-37722012000100013](https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013)
- Severino, A. J. (2017). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.
- Tseng, V. (2020) *As our friends and colleagues brave the front lines, we must also get ready for a series of aftershocks*. It's very hard to plan this far ahead while we're in survival mode. We must prepare early and strategize our response to the collateral damage of #COVID19. [Twitter].  
<https://twitter.com/VectorSting/status/1244671755781898241?s=20>
- Unesco. (2023) *Global monitoring of school closures caused by COVID-19*.  
<https://covid19.uis.unesco.org/data/>

- Viig, N. G., Fosse, E., Samdal, O., & Wold, B. (2011). *Leading and Supporting the Implementation of the Norwegian Network of Health Promoting Schools*. Scandinavian Journal of Educational Research. DOI: [10.1080/00313831.2011.621139](https://doi.org/10.1080/00313831.2011.621139).
- World Health Organization. (2014). *Mental health: a state of well-being*. <https://www.who.int/data/gho/data/themes/theme-details/GHO/mental-health>
- World Health Organization. (2021). *Making every school a health-promoting school: global standards and indicators for health-promoting schools and systems*. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240025059>
- Zhou, S. J., Zhang, L. G., Wang, L. L., Guo, Z. C., Wang, J. Q., Chen, J. C., Liu, M., Chen, X., & Chen, J. X. (2020). *Prevalence and socio-demographic correlates of psychological health problems in Chinese adolescents during the outbreak of COVID-19*. *European child & adolescent psychiatry*, 29(6), 749–758. DOI: DOI: [10.1007/s00787-020-01541-4](https://doi.org/10.1007/s00787-020-01541-4).

### 3. ARTIGO II – “*Foi a pior época da minha vida*”: Impactos da pandemia de Covid-19 no retorno escolar presencial de adolescentes

#### 3.1. Introdução

Pouco mais de um semestre após o fim da pandemia de Covid-19 (OPAS, 2023), ainda são muitos os prejuízos a serem contabilizados em múltiplas áreas e para diversos públicos. No tocante ao campo da educação, muitos são os estudos que apontam os prejuízos deixados na concentração dos alunos (Instituto Ayrton Senna, 2023; MPSC, 2021), na defasagem da aprendizagem (Banco Mundial, Unicef e Unesco, 2022), na exclusão digital durante o ensino emergencial (Macedo, 2021) e na consequente desigualdade de acesso à educação durante o período (Senkevics & Bof, 2022), além das demandas emocionais diversas de alunos que retornam para o ambiente escolar com aumento de problemas psicológicos, com destaque para ansiedade e depressão (Zhou et al., 2020; Meherali et al., 2021).

Adolescentes e crianças sempre permearam os estudos sobre a Covid – 19 como um dos públicos mais suscetíveis a impactos deletérios da pandemia, tendo em vista suas condições de sujeitos ainda em desenvolvimento (Senna & Dessen, 2012). Nesse caso, preocupa que as ações sofridas possam influenciar negativamente outras fases de suas vidas, e assim, tenham efeitos mais duradouros (Meherali et al., 2021),

A pandemia impactou a vida adolescente, geralmente marcada por interações sociais, por exigir restrições, isolamento, falta de convívio social e aumento das relações familiares (Martin-Storey et al., 2021). A partir disso, ganha destaque conhecer como as instituições escolares estão lidando com os impactos negativos e as respostas que estão oferecendo para as múltiplas demandas de seus estudantes. Os adolescentes que enfrentaram o afastamento das atividades sociais e do espaço escolar precisam realizar um movimento inverso, com a flexibilização das medidas de controle e o retorno gradual à convivência em um “novo normal” ou “pós-normal” (Farias & Gomes, 2021).

Expostos a intensas tensões em uma fase pessoal já demarcada por dúvidas e inseguranças (Ministério da Saúde, 2017), os adolescentes da pandemia merecem atenção especial na forma de pesquisas que os compreendam e, consequentemente, colaborem para que as demandas subjetivas que despontaram, especialmente com o retorno escolar presencial, possam ser acolhidas em espaços de escuta (Jucá, 2020) que possam dar voz a seus desejos, planos e percepções sobre o próprio bem-estar.

A presente pesquisa considerou adolescente as pessoas entre 10 e 19 anos (Ministério da Saúde, 2010) que, culturalmente, vivem a transição para vida adulta na forma de um luto de



seus papéis, corpo e pais da infância (Aberastury & Knobel, 1981). Entende-se que assim como existem várias adolescências a partir das influências sociais, culturais e históricas (Oliveira & Egry, 1997), também os efeitos que a pandemia provocou na história pessoal de cada adolescente dessa geração da pandemia ocorreram de maneira singular e merecem ser investigados, inclusive analisando a ocorrência local de impactos já comprovados em outros contextos.

Nesse contexto, foi realizado um estudo de campo, de abordagem qualitativa, a partir da metodologia de Grupos Focais. Com caráter descritivo e exploratório, a pesquisa envolveu a realização de quatro Grupos Focais que versaram sobre os impactos da pandemia com dez adolescentes entre 15 e 18 anos inseridos no contexto de retorno escolar presencial.

O presente estudo teve como objetivo examinar os desafios enfrentados pelos adolescentes ao voltarem para a escola presencial e as consequências dessa situação atual, assim como as estratégias desenvolvidas por eles e pela escola para lidar com as dificuldades encontradas. Os objetivos específicos incluíram identificar os desafios enfrentados pelos adolescentes, descrever as consequências da pandemia na sua saúde mental e propor intervenções para promover a saúde mental escolar como maneira de atender às necessidades dos alunos.

A seleção da instituição escolar para a realização da pesquisa deu-se a partir de parcerias anteriores da pesquisadora, que, sendo docente de uma instituição privada de ensino superior no território, viu facilitada a comunicação e o estabelecimento de parcerias com o colégio citado. O contato com professores e gestores permitiu conhecer algumas demandas educacionais e de saúde mental percebidas pela comunidade escolar. Assim, nessa fase exploratória, pôde-se perceber a disponibilidade do campo para a realização da pesquisa e a aderência do tema com os problemas reais da instituição, que apontava um alto índice de alunos com transtornos mentais após o período pandêmico. Com base nessas informações, foi possível perceber a viabilidade do projeto e a relevância de abordar a saúde mental dos estudantes no contexto da educação, tendo em vista a necessidade ainda vigente de organização do setor educacional no retorno escolar presencial.

Por tudo isso, revelou-se importante acessar as impressões subjetivas dos adolescentes sobre os desafios desse itinerário incomum e desafiador que é a adolescência, sobretudo, em um contexto de retorno presencial e possível necessidade de ajustes e readaptação por parte da comunidade escolar, na forma de estratégias de saúde mental escolar. O desenvolvimento da pesquisa e seus resultados serão apresentados a seguir.

## 3.2. Método

### 3.2.1 Tipo de estudo

Como consequência das demandas identificadas na literatura relativas aos impactos da pandemia na adolescência e os reflexos disso no ambiente escolar, empreendeu-se a realização de uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, utilizando a metodologia de Grupo Focal. O Grupo Focal pode ser entendido como uma técnica de acessar dados diretamente a partir das falas dos participantes de um grupo, que expõe suas narrativas em relação a um tema de conhecimentos coletivo (Leopardi, 2001). Sobre a técnica, Gaskel (2003, p. 76) afirmou que “o grupo focal é um ambiente mais natural e holístico no qual os participantes consideram os pontos de vista dos outros na formulação de suas respostas e comentam suas próprias experiências e as dos outros.” Ela pode vir combinada com outros métodos (Flick, 2009), e isso foi adotado no presente trabalho, em que se triangulou os dados do grupo focal, do questionário sócio-demográfico e da entrevista individual.

O grupo focal apresenta um enfoque interativo de coleta de dados, cuja característica crucial se respalda, justamente, na interação do grupo para a produção de dados e impressões sobre determinado tema. Esse método permite perceber como a questão pode ser construída e alterada quando debatida de forma grupal. A composição do grupo deve ser diversa (Flick, 2009) e isso foi considerado na formação dos grupos da atual pesquisa.

Segundo a literatura (Flick, 2009), pode-se utilizar da metodologia de Análise de Conteúdo para trabalhar os dados, utilizando-se da comparação entre os enunciados dos participantes dentro de um mesmo grupo ou entre grupos diferentes. Nesta pesquisa, optou-se por formar quatro grupos focais, a partir de um conjunto inicial de 10 adolescentes, em função da amplitude das questões da pesquisa e com a intenção de aprofundar a discussão das temáticas levantadas.

O Grupo Focal, segundo Trad (2009), pode ter indicações terapêuticas, educativas e para pesquisa. É recomendado para pesquisa de campo, já que, em pouco tempo e baixo custo permite uma diversificação e um aprofundamento dos conteúdos relacionados ao tema de interesse. Adequa-se à proposta deste estudo, pois possibilita o movimento dialético da indagação e do esclarecimento representado pela espiral que transita no sentido da base para o ápice, isto é, do “explícito” para o “implícito” com o objetivo de clareá-lo ou explicitá-lo. No que se refere aos adolescentes, durante as discussões em grupo, eles manifestam suas opiniões de forma mais autêntica, com mais veemência e menos resistências por estarem com seus pares e com isso percebe-se que a identificação do grupo favorece a inter-relação.

Em suma, o estudo realizado foi de tipo descritivo e exploratório, realizando-se quatro grupos focais para alcançar as verbalizações dos participantes sobre os temas sugeridos, e, a partir de uma abordagem qualitativa, foi possível aproximar-se da complexidade com que a pandemia atravessou os processos subjetivos da dinâmica de tornar-se adolescente junto ao grupo pesquisado. Também foram utilizados um Questionário Sócio-demográfico e uma Entrevista Semi-estruturada como técnica de produção de dados. Além disso, a pesquisa orientou a escrita de um Produto Técnico-Tecnológico – PTT no formato de um Relatório Técnico Conclusivo, com indicações sobre Intervenções em saúde mental escolar, apresentada aos gestores da instituição.

### 3.2.2 Aspectos éticos

O presente estudo submeteu-se às recomendações éticas do Conselho Nacional de Saúde - CNS, através da Resolução nº 466 (Brasil, 2012), que estabelece as regulamentações para pesquisas com seres humanos. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Instituto Multidisciplinar em Saúde/Campus Anísio Teixeira/UFBA, obtendo o parecer favorável n.º 69808623.6.0000.5556.

Todos os participantes da pesquisa tiveram conhecimento e assinaram os respectivos documentos comprobatórios para a participação na pesquisa, como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos, ambos assinados pelos responsáveis legais do adolescente, e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE, assinado pelo próprio adolescente. A pesquisa ocorreu com a devida autorização dos gestores da instituição de ensino na qual a intervenção foi realizada e seguiu todos os cuidados devidos relativos à confidencialidade e sigilo dos dados.

### 3.2.3 Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi realizada em um colégio estadual de ensino integrado, situada no município de Irecê-BA. A unidade escolar oferta o ensino médio nas modalidades de Ensino Regular e Curso Técnico Integrado e atende cerca de 1.030 alunos com uma equipe de 30 professores (Qedu, 2023).

Atendendo às recomendações sanitárias, o referido colégio teve sua rotina amplamente alterada durante o período pandêmico. O colégio suspendeu as atividades presenciais de ensino em março de 2020 e adotou o Ensino Emergencial Remoto. Passado um ano, o colégio adotou o Ensino Híbrido em março de 2021 e retornou às atividades presenciais com as devidas recomendações sanitárias a partir de julho de 2021.

O colégio selecionado localiza-se na cidade de Irecê. O Município de Irecê possui 72.967 habitantes e representa a cidade pólo do Território de Identidade de Irecê, composto por mais 19 municípios de sua microrregião. Localizado no Centro-Norte Baiano, tem 85,8% do Produto Interno Bruto municipal derivado do comércio e de serviços (Irecê, 2023). Como ocorreu em todo o país, a economia ireceense também sofreu prejuízos no período pandêmico. As micro e pequenas empresas – MPEs, que representam a maioria no cenário econômico do município, foram afetadas pelas restrições de circulação e paralisação de estabelecimentos comerciais adotadas pela prefeitura em atendimento às recomendações sanitárias vigentes. Pesquisas apontaram que as MPEs do município de Irecê sofreram graves prejuízos nas vendas e prestação de serviços e a maioria conseguiria se manter no mercado, apenas, por no máximo de um ano caso continuasse com o comércio fechado. As atividades educacionais também foram totalmente suspensas no município enquanto vigorou os decretos restritivos de circulação (SEI, 2021).

Irecê já foi reconhecida nacionalmente por sua produção agrícola, ganhando títulos de “capital mundial do feijão” e “capital mundial da mamona”. Atualmente, ainda se destaca por sua produção agrícola, apesar de um considerado declínio na década de 2010. Hoje tem no comércio e na prestação de serviços suas principais atividades econômicas (SEI, 2021).

A pesquisa foi dividida em dois momentos: Momento 1 - Grupos Focais com a realização de quatro grupos formados por adolescentes do referido colégio; e Momento 2: elaboração de proposta do PT, na forma de um Relatório Técnico Conclusivo com indicações sobre intervenções em Saúde Mental Escolar compartilhado com a equipe gestora da escola.

Participaram da pesquisa 10 estudantes, oriundos do 1º, 2º e 3º anos. Todos os encontros foram filmados e gravados para posterior transcrição e análise, considerando-se o acordo firmado no Termo de Autorização de Uso da Imagem. O cronograma de encontros foi previamente organizado, compondo um roteiro de temáticas a serem exploradas conforme os objetivos da pesquisa. Foi possível cumprir integralmente o roteiro pré-estabelecido e os grupos focais ocorreram em outubro de 2023, nas dependências do colégio pesquisado em contraturno escolar.

Em relação aos critérios de inclusão no estudo, estabeleceu-se que, para participar da pesquisa, a(o) adolescente deveria: ter entre 15 anos e 18 anos; estar participando presencialmente nas atividades escolares; estar cursando o Ensino Médio; ter disponibilidade de horário; e obedecer à ordem de inscrição da atividade. Além disso, era indispensável que os responsáveis e a(o) adolescente assinassem os documentos autorizativos da pesquisa, a saber, o Termo de assentimento livre e esclarecido (TALE) (Apêndice 1), o Termo de consentimento

livre e esclarecido (TCLE) (Apêndice 2), e o Termo de Autorização de Uso da Imagem (Apêndice 3). Os adolescentes que não atenderam a esses critérios foram excluídos da pesquisa.

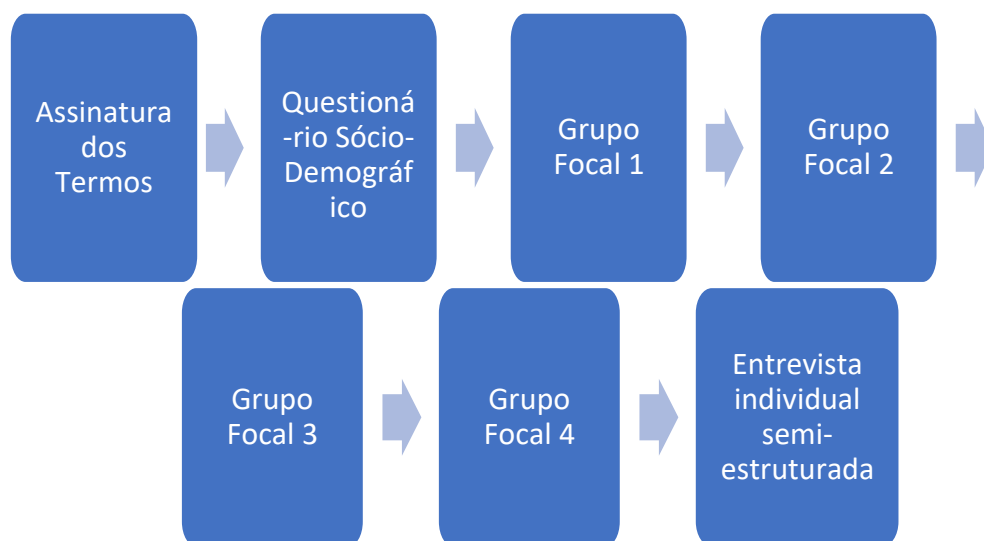
### 3.2.4 Instrumentos de produção e organização dos dados

Visando realizar a triangulação dos dados, foram pensados múltiplos instrumentos /técnicas de produção de dados: Questionário Sociodemográfico (Apêndice 4), 04 Grupos Focais (Apêndice 5) e Entrevista individual Final (Apêndice 6).

A Figura 1, a seguir, apresenta o Fluxograma de produção de dados no Momento 1 da pesquisa relativo à aplicação dos instrumentos/técnicas junto ao público-alvo da pesquisa, o grupo de adolescentes.

Figura 1

*Fluxo dos instrumentos de produção de dados relativos ao Momento 1 da pesquisa.*



*Nota.* Fonte: Autoria própria, 2023.

Com o grupo de 10 adolescentes mobilizados para a atividade e os Termos devidamente assinados, procedeu-se às etapas da pesquisa. Antes da realização do 1º Grupo Focal, foi aplicado, individualmente, o primeiro instrumento de coleta de dados, o Questionário Sociodemográfico, para investigar características gerais dos participantes da pesquisa. O roteiro continha questões mistas, contemplando fatores sociodemográficos do adolescente, aspectos familiares, tempo de permanência na instituição escolar e condições gerais de saúde.

Percebeu-se que o Grupo Focal, de fato, mostrou-se uma técnica de produção de dados eficiente para entender as percepções e os sentimentos do grupo de participantes. Os encontros seguiram o Cronograma exposto na Tabela 1. A realização dos encontros seguiu integralmente

o planejamento inicial da pesquisadora (Apêndice 6).

Tabela 1  
*Dados sobre os Grupos Focais*

Grupo Focal/ Data	Temática	Quantidade de Participantes	Participantes
G1: 11/10/2023	Adolescer na pandemia: desafios e dificuldades	05	A1, A2, A3, A4 e A5
G2: 16/11/2023	Pandemia e saúde mental: impactos e estratégias de cuidado	06	A1, A4, A6, A7, A8 e A9
G3: 19/11/2023	Escolarização e reabertura escolar: desafios e possibilidades	05	A1, A2, A3, A4 e A5
G4: 23/11/2023	Suporte emocional na escola: pensando estratégias de cuidado em saúde mental	07	A1, A2, A3, A4, A5, A9 e A10

*Nota.* Fonte: Autoria Própria

Pela complexidade das questões estudadas e buscando um aprofundamento da compreensão dos participantes sobre os temas, realizou-se 04 Grupos Focais que abordaram os seguintes assuntos: o Grupo Focal 1 abordou as significações sobre tornar-se adolescente na pandemia, considerando a obrigatoriedade de distanciamento social e os possíveis impactos decorrentes dessa situação; o Grupo Focal 2 tratou sobre a saúde mental e buscou investigar os sintomas possivelmente desenvolvidos no período e as estratégias utilizadas para manejar tais alterações; o Grupo Focal 3 investigou as impressões sobre o ensino emergencial e seus possíveis impactos nos processos de ensino-aprendizagem; e o Grupo Focal 4 buscou compreender como os alunos foram acolhidos no retorno escolar presencial e levantar as sugestões de estratégias que o colégio adota ou poderia adotar para o acolhimento dos estudantes e para a promoção do bem-estar no ambiente escolar.

Na etapa dos Grupos Focais, participaram um total de dez alunos, considerando a frequência em pelos menos 1 do total de 4 encontros. Ao fim do Grupo Focal 4, foi realizada, individualmente, uma Entrevista Semi-estruturada. Esse instrumento caracterizou-se por um roteiro semi-estruturado, aplicado com cada um dos adolescentes para que eles pudessem se expressar livremente sobre a metodologia adotada e avaliassem os encontros realizados.

No que se refere aos adolescentes, percebeu-se que os mesmos ficaram à vontade em

companhia de seus pares para expressarem suas opiniões, que eram logo reforçadas pelos demais, em expressão de identificação, ou refutadas, quando os ouvintes passavam a descrever as diferenças em seu ponto de vista. Tal observação corrobora com o que afirma Telles (2007), que ao utilizar a mesma técnica com adolescentes em ambiente escolar, afirmou ter percebido que as discussões no grupo fluíam com autenticidade, veemência e menos resistência, com o grupo favorecendo a inter-relação grupal.

### 3.2.5 Método de Análise dos Dados

Para a análise dos dados obtidos com a pesquisa, foi utilizado um método qualitativo de análise. Deste modo, os dados da pesquisa foram analisados através do método de Análise de Conteúdo, do tipo categorial temática, que, segundo Bardin (2016), consiste em conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de sua produção.

Conforme a autora citada (Bardin, 2016), o método foi organizado em três fases: Fase 01 - a Pré-análise, caracterizada pela organização do material, sistematização das ideias e leitura fluente na qual se realizou a leitura geral das transcrições dos grupos focais e a sistematização temática a partir da criação de uma legenda com cores diversas para identificação das diferentes temáticas; Fase 02 - a Exploração do material através da codificação temática na qual continuou-se a codificação temática por cores e a exploração das categorias com sucessivos agrupamentos por semelhanças e organização de categorias e subcategorias; e Fase 03 - a fase de Tratamento dos resultados, inferência e interpretação destinada à condensação das informações com interpretações reflexivas e críticas, fase na qual realizou as interpretações e organização dos resultados em forma de texto e discussão de cada categoria e subcategoria.

## 3.3. Resultados e Discussão

Passaremos, a seguir a analisar os significados dos estudantes adolescentes sobre as consequências de vivenciar a adolescência em tempos pandêmicos e as repercussões disso em vários aspectos de suas vidas. No Artigo 3, que será apresentado na sequência, constará outra dimensão desse trabalho, o PT – Relatório Técnico Conclusivo com a síntese de sugestões para a promoção de saúde mental na instituição escolar. Iniciaremos com a caracterização sócio-demográfica dos estudantes participantes da pesquisa.

### 3.3.1 Caracterização das(os) Adolescentes Participantes da Pesquisa

O processo de produção de dados e aplicação do Instrumento 1 – Questionário Sociodemográfico permitiu a caracterização dos estudantes adolescentes participantes da

pesquisa, que vivenciaram os reflexos da pandemia nos processos de ensino-aprendizagem e na vivência escolar durante e após a pandemia.

Considerando-se o que afirma Souza (2010), mostra-se importante adotar uma variedade de indicadores para a realidade educacional ser retratada de maneira mais adequada, já que o uso isolado de um indicador pode apresentar limitações. Sendo assim, o questionário sociodemográfico foi elaborado para contemplar vários aspectos, desde informações sociodemográficas e características singulares relacionadas à composição e renda familiar, até a relação do estudante com o colégio no qual a pesquisa foi realizada. Além disso, foram estabelecidos outros instrumentos de produção de dados como os Grupos Focais e a entrevista semi-estruturada, que terão seus resultados descritos ao longo do presente trabalho.

Por meio do Questionário Sociodemográfico, foi possível conhecer os participantes desse estudo. O questionário foi respondido por um grupo de 10 (dez) adolescentes, residentes na zona urbana de Irecê, cidade sede do Colégio de Ensino Médio *locus* da pesquisa. Todas(os) as(os) adolescentes residiam na zona urbana de Irecê, eram solteiras(os) e sem filhos. Considerando que os cinco grupos de indicadores educacionais mais relevantes para analisar a desigualdade educacional são gênero, etnia ou raça, renda, faixa etária e local de residência (SOUZA, 2010), faremos a seguir a apresentação de parte desses dados descritivos retratados na Tabela 2.

Tabela 2

*Dados do Questionário Sociodemográfico*

Características	Variáveis	Valores
<u>Gênero</u>	Masculino	1
	Feminino	8
	Não binário	1
<u>Idade</u>	15 anos	2
	16 anos	3
	17 anos	3
	18 anos	2
<u>Raça/cor</u>	Branco	4
	Pardo	5
	Preto	1
<u>Religião</u>	Sim	3
	Não	7
<u>Quantidade de pessoas residentes na mesma casa</u>	1 a 3 pessoas	4
	4 pessoas	2
	5 a 6 pessoas	4
<u>Renda Familiar</u>	1 salário Mínimo	3



---

1 a 2 Salários Mínimos	4
2 a 4 Salários Mínimos	3

---

*Nota.* Fonte: Autoria própria, 2023.

As informações levantadas revelam que a maioria das/os participantes desta pesquisa são mulheres, sendo assim oito do gênero feminino, um do gênero masculino e um não-binário. Vale destacar que a pesquisa não adotou o gênero como critério de inclusão na pesquisa e, assim sendo, o convite para a participação no estudo foi feito para todas(os) as(os) alunas(os) de maneira indiscriminada. Mesmo assim, percebeu-se um interesse maior pela temática entre o público feminino.

Ressalta-se, também, que o único adolescente homem cis do grupo, embora tenha preenchido os termos TCLE/TALE e respondido ao questionário, compareceu apenas ao último Grupo Focal, que versou sobre as possíveis estratégias que a escola poderia adotar para acolher melhor seus alunos. Assim, a temática do encontro despertou o interesse do aluno, que, embora não tenha trazido narrativas sobre sua própria experiência, como líder de turma, decidiu contribuir com o que entendeu serem as possíveis sugestões para o colégio.

Por outro lado, a predominância de mulheres na pesquisa pode indicar outra particularidade já que publicações científicas nacionais (Silva & Melo, 2021) e internacionais (Parent et al., 2018) apontam maior resistência do público masculino em buscar ajuda em saúde mental, e, portanto, uma maior procura e acesso de mulheres nos serviços de saúde mental. Considerando esse dado, entende-se que sendo a pesquisadora, também, psicóloga, e como os objetivos do estudo permeavam sobre saúde mental, a proposta de montar grupos focais pode ter sido associada a uma experiência de cuidado em saúde mental, e, portanto, acarretado a menor disposição masculina para práticas com profissionais da área psi.

Dando continuidade, participaram da pesquisa adolescentes com idades entre 15 a 18 anos, que se autodeclararam brancos (4), pardos (5) e preto (1). Tais dados estão de acordo com o que foi verificado pela pesquisa SAEB (2021), em que a maioria dos estudantes de ensino médio no contexto estudado se autodeclararam negros.

Os dados apresentados acima também expressam que a maioria das (os) adolescentes pesquisados, embora residam todos em Irecê - BA, moram em bairros afastados da instituição de ensino, ocupando um total de oito bairros distintos. Assim, representam um grupo residente integralmente na zona urbana do município. Segundo pesquisa SAEB (2021) apenas 17% dos alunos do referido colégio têm acesso a transporte escolar, enquanto a maioria se desloca a pé percorrendo a distância entre sua moradia e a escola. Além disso, as(os) adolescentes são solteiras(os) e sem filhos e, do total, apenas três declararam possuir religião.

Com o intuito de acessar algumas informações familiares das(os) adolescentes, o questionário também abordou essa temática. Sobre isso, a Tabela 3 sumarizou alguns dados familiares dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

A pesquisa expôs que a maioria das(os) adolescentes vivem com renda familiar de até dois salários mínimos e apenas três tem rendimentos superiores. Os indicadores das condições socioeconômicas na educação são considerados relevantes pela literatura educacional, pois conforme Ministério da Educação (2023), eles apresentam forte relação com os parâmetros de aprendizagem enquanto apontam desigualdades educacionais e podem subsidiar decisões sobre investimentos e programas para sua minimização.

Além disso, conforme Souza (2010), a baixa renda familiar pode resultar em dificuldades para suprir as despesas educacionais dos estudantes, mesmo em contexto de educação pública, representando um importante indicador para a educação. Percebeu-se, também, que a maioria das famílias possui mais de quatro pessoas residindo na mesma moradia, levando a um destaque na baixa renda familiar e, conseqüentemente, na renda *per capita* de cada núcleo familiar.

No que concerne à relação com o colégio estudado e informações sobre saúde, foi possível delinear um perfil das(os) adolescentes participantes desta pesquisa por meio da análise das informações apresentadas pela Tabela 3.

Tabela 3  
*Dados da relação estudante - instituição escolar*

Características	Variáveis	Valores
<u>Série escolar</u>	1° série	5
	2° série	3
	3° série	2
<u>Já passou por retenção no ano escolar</u>	Sim	2
	Não	8
<u>Problemas de saúde mental</u>	Sim	4
	Não	6
<u>Há quanto tempo estuda no colégio</u>	1 ano	6
	2 anos	3
	3 anos	1
<u>Estudava no colégio antes da pandemia de Covid-19</u>	Sim	0
	Não	10
<u>Estudava no colégio durante a pandemia de Covid-19</u>	Sim	4
	Não	6

Notas: Fonte: Autoria própria, 2023.

Os dados revelam que a maioria dos participantes do estudo é formada por alunos do 1º e 2º anos do Ensino Médio. Apesar da pesquisa delinear interesse inicial, preferencialmente, por alunos do 3º ano, foi notado que esse grupo estava envolvido, no período de coleta dos dados, em atividades voltadas para a realização de aulas para o ENEM e prova SAEB 2023, e justificaram a dificuldade em comparecer aos grupos. Entretanto, considerou-se positiva a composição de um grupo heterogêneo, com alunos dos 3 anos do Ensino Médio e avalia-se que isso contribuiu para a diversidade de percepções e vivências descritas pelos estudantes.

Do grupo estudado, duas(dois) alunas(os) revelaram ter passado por retenção escolar, sendo que uma(um) delas(es) afirmou que isso ocorreu por dificuldades em acompanhar as aulas em modelo online durante a pandemia, e outra(o) aluna(o), por sua vez, informou ter sido reprovada(o) durante o ensino fundamental, e, portanto, antes da pandemia.

Segundo dados de QEdU (2023) no INEP 2019 a taxa de aprovação no colégio foi de 85,6%, enquanto no INEP 2020, primeiro ano da pandemia, a taxa caiu para 64,9% de aprovação apenas. Essa menor taxa de aprovação frente à linha histórica do colégio parece ter se expressado nos dados empíricos da presente pesquisa e aponta para um cenário de dificuldades nos processos de ensino-aprendizagem do colégio no período pandêmico.

Continuando a análise, percebe-se que parte dos alunos participantes da pesquisa vivenciaram a pandemia no colégio estudado, enquanto a maioria estuda no mesmo há apenas um ano. Esse dado revela que as características apontadas na relação aluno-escola ao longo da pesquisa também contemplam outras realidades escolares nas quais as(os) alunas(os) estudavam antes de serem inseridos no colégio estudado.

Um sub-grupo de quatro alunas(os) descreveram problemas de saúde mental desenvolvidos durante a pandemia, e três ainda apresentam sintomas atualmente. São inúmeros os estudos científicos que apontaram o aumento de transtornos mentais entre adolescentes durante a pandemia. Sobre isso, destacamos COVID-19 Mental Disorders Collaborators (2021) que apontou o aumento de 27,6% no Transtorno Depressivo Maior e 25,6% no transtorno de Ansiedade em todo o mundo, devido à pandemia de COVID-19. Destaca-se, ainda, o estudo de Oliveira et al. (2020), que sinalizaram a importância de novas pesquisas com abordagens qualitativas, capazes de captar as experiências subjetivas dos adolescentes durante a pandemia, um cenário que gerou tamanho medo e insegurança.

Dito isto, e a partir da análise realizada que permitiu conhecer as características do grupo de adolescentes participantes da pesquisa, procederemos a seguir às análises dos Grupos Focais

e às narrativas adolescentes dali resultantes. Os dados foram trabalhados a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2016) e as(os) participantes foram identificados na pesquisa a partir do uso de codinomes.

### 3.3.1 Análise dos Grupos Focais

A análise das narrativas dos grupos focais, permitiu perceber o quanto as(os) participantes ficaram à vontade com a metodologia adotada e discorreram sobre seus pensamentos e percepções acerca das questões aventadas pela pesquisa. Pareciam ávidas(os) por compartilhar suas impressões sobre um período tão conturbado e que, ainda hoje, impõe suas marcas. Embora todas(os) tenham atravessado o mesmo evento adverso, qual seja, a pandemia, cada um(a) dos(as) adolescentes participantes da pesquisa enfrentou desafios particulares durante o período pandêmico e as ressonâncias desses desafios ainda podem ser percebidas em suas narrativas atuais.

As características pessoais e familiares de cada uma(um) se relacionou com as circunstâncias psicossociais e escolares atípicas e resultou em consequências muito particulares, que valem a investigação. Isso foi percebido a partir da análise realizada das narrativas expostas pelos participantes da pesquisa nos quatro Grupos Focais realizados.

Após submeter as transcrições das narrativas produzidas nas interações durante os Grupos Focais à Análise de Conteúdo de tipo categorial temática de Bardin (2016), emergiram as seguintes categorias de análise: I) Desafios pandêmicos: o encontro com o inesperado; II) Implicações nos processos de ensino-aprendizagem; III) Implicações na Saúde Mental Adolescente; IV) Estratégias em Saúde Mental Escolar. Essas categorias foram organizadas em subcategorias conforme demonstrado a seguir:

Tabela 4  
*Categorias e subcategorias de análise trabalhadas*

Categoria Temática	Subcategorias
Desafios pandêmicos: o encontro com o inesperado	1- Adolescer na pandemia 2- Relações interpessoais na pandemia 3- Incertezas com o Fim do Ciclo Básico
Impactos da Pandemia nos processos de ensino-aprendizagem	1- Dificuldades no Ensino Emergencial 2- Dificuldades no Retorno Escolar Presencial 3- Dificuldades com o Novo Ensino Médio
Impactos da Pandemia na saúde mental	1- Sintomas relatados 2- Estratégias de enfrentamento 3- Convivendo com o “novo normal”

---

Nota. Fonte: Autoria própria, 2023.

A seguir, serão apresentados os resultados e a discussão para cada uma das categorias e subcategorias levantadas. Para isso foram consideradas como unidade de análise os próprios grupos focais, e assim, as falas destacadas serão identificadas em relação ao Grupo Focal (1, 2, 3 e 4).

### **Categoria 1 - Desafios Pandêmicos: o encontro com o inesperado - “Foi o período mais difícil da minha vida”**

Para Costa et al. (2021), embora não tenham sido considerados um grupo de risco para a Covid-19, os adolescentes mostraram-se vulneráveis a impactos biopsicossociais da pandemia em virtude do próprio processo de desenvolvimento e de construção identitária atrelada às medidas restritivas de convivência social a que todos foram submetidos. Sendo assim, “adolescer” na pandemia revelou-se um desafio.

Com os participantes desta pesquisa não foi diferente, pois a convivência com o inesperado da pandemia, juntamente com as questões levantadas pela própria fase adolescente, resultou em uma equação subjetiva delicada que trouxe dificuldades em diversas áreas da vida. Perceberam-se repercussões na percepção sobre a adolescência, nos processos de socialização e em suas relações familiares e nas incertezas frente ao fim do Ciclo Básico de Educação.

Na *Subcategoria 1 – Adolescer na pandemia*, ao serem instigados a falarem sobre os significados atribuídos à adolescência, os grupos discorreram sobre desafios, dificuldades, amadurecimentos, transição e expectativas sociais e pessoais. As expressões a esse respeito podem ser visualizadas nos trechos a seguir:

*Ser adolescente é um verdadeiro desafio, (...) porque a gente está passando pela mudança do corpo (...) tem problemas familiares (...) problemas com nós mesmos (...) é uma porrada de coisa que gera muitos conflitos internos e, às vezes, externos. (G1)*

*Ser adolescente é quebra de expectativa, é você sair do seu sonho de infância. Entrar no mundo real. E você não atinge as expectativas que a sociedade te impõe e você fica frustrado. (G1)*

Foram percebidas dificuldades em se adaptarem às mudanças típicas da adolescência, assim como, ao atravessamento decorrente das circunstâncias pandêmicas. Davim et al. (2009)

apontaram que os adolescentes enfrentam muitos desafios para se adaptarem às mudanças vivenciadas nessa fase do desenvolvimento e que as múltiplas alterações físicas, emocionais, sociais e sexuais resultam em novos comportamentos e emoções. Costa et al. (2021) já haviam apontado o quanto o processo de adolecer se torna essencial por suas repercussões nas futuras gerações e que a pandemia estaria ameaçando essa transição para a fase adulto-jovem.

Silva et al. (2021) destacaram que a aquisição de novos papéis sociais e o surgimento de novas responsabilidades são aspectos que demarcam a transição da infância para a adolescência. Sobre isso, os participantes afirmaram:

*É a fase em que você está deixando de ser criança, que geralmente é uma coisa fácil. Quando você é adulto você já está meio que estabilizado na vida, (...) adolescência é o momento de transição. A gente está meio perdido. (G1)*

*O peso de ser alguém, a gente tem que estudar, ter nota boa pra gente ser alguém no futuro (...), não é porque tá fazendo 18 anos, assim, que a gente deixou de ser uma criança. (G1)*

As falas citadas expressam uma ambivalência de sentimentos frente à percepção de que precisam atender às expectativas sociais de amadurecimento, na forma de uma pressão para se tornar “alguém”, e a sensação de que não estão aptos para tamanha transformação, especialmente na pandemia.

Vivenciar tais desafios em plena pandemia sanitária foi descrito de forma ambígua pelos grupos focais. Em um deles destacou-se as perdas decorrentes da necessidade de isolamento e distanciamento social, que não permitiu a convivência social, frente ao amadurecimento que lhe parecia natural. Acerca disso, foi pontuado que:

*Eu sinto que a pandemia meio que congelou essa fase nossa, eu tinha problemas que eu ia resolver ao longo dos anos e a pandemia meio que parou, travou, aí tem coisas que eu acho que eu não resolvi, e acabou que ficou mal resolvido. A gente perdeu 2 anos de experiência porque a gente não teve. (G2)*

Em contrapartida, o grupo também levantou o tema do amadurecimento, possivelmente, impulsionado pela pandemia. Para a(o) aluna(o), a pandemia teria exigido dos adolescentes um certo amadurecimento precoce, já que teria redirecionado a atenção para questões mais

importantes, como a saúde e a própria vida. Sobre isso, ele(a) afirmou que:

*Eu acho que nos forçou a amadurecer mais rápido... você tem que se preocupar com coisas mais importantes, como a sua vida no geral, né? A sua vida, da sua família, dos seus amigos, não é aquelas coisas tipo "ah, fulano não gosta de mim", que são as preocupações adolescentes. (G2)*

Esse contraste de percepções aponta para a reflexão de que, possivelmente, os adolescentes tenham amadurecido em certos aspectos, mas sintam-se em defasagem em outros. Isso porque alguns aspectos vivenciados na pandemia são inesperados para a atual construção social do que é a adolescência, tais como a responsabilidade com a própria saúde e o senso de coletividade, enquanto outros, que são socialmente esperados nessa fase, foram prejudicados, como os processos de socialização e os relacionamentos amorosos.

Sobre esse tema, Rossi (2021) afirmou que o processo de socialização que privilegia a convivência entre pares acabou por ser afetado na pandemia e gerou impactos na formação da autoidentidade e nos ajustes à vida social do adolescente. Vale destacar que é na inter-relação entre as variáveis contextuais e pessoais que o sujeito adolescente se forma, já que, como afirmaram Berni e Roso (2014), o adolescente deve ser visto como um ser social e histórico, que sofre influências de sua cultura e vai se constituindo a partir dela.

Assim, entende-se, resumidamente, que as transcrições acima apontam as marcas deixadas em uma geração de adolescentes pandêmicos empurrados, contraditoriamente, para o isolamento social em uma fase em que, tradicionalmente, seriam impelidos à maior convivência extra-familiar (Aberastury e Knobel, 1981).

Costa et al. (2021) chamaram a atenção para as vivências paradoxais a que os adolescentes ficaram expostos na pandemia, como: a necessidade de separação dos pais ou responsáveis e o confinamento familiar; a necessidade de interação grupal e o isolamento social; e a necessidade de cuidado integral e as alterações nas prioridades de atendimentos nos serviços de saúde. Entende-se que essas contradições estão na origem da atipicidade da adolescência pandêmica.

Outra relevante consequência da pandemia consiste na substituição de parte das atividades sociais de trabalho e de educação por alternativas remotas, que, por realizarem-se no ambiente doméstico, causaram o afastamento radical das formas habituais de interação social, implicando no recomendado isolamento social. Esse tema foi sintetizado na *Subcategoria 2 – Relações Interpessoais na Pandemia* e refletiu as implicações do convívio forçosamente ampliado com os familiares, o distanciamento dos pares e as alternativas de interação via internet.

Santos et al. (2022) destacaram que as relações familiares foram afetadas pela pandemia de Covid-19, ao passo em que a qualidade do manejo parental durante o período esteve associada à ansiedade em adolescentes. Sobre o aumento compulsório da convivência familiar, houve a seguinte referência:

*A gente tinha muito as duas opções, as duas opções trazem muito problema, ou a casa estava muito cheia e isso dá muita agonia, ou você ficava sozinho também, aí tem a solidão. (G2)*

Martin-Storey et al. (2021) apontaram percepções heterogêneas de adolescentes em relação à qualidade das relações familiares durante a pandemia. Ao passar mais tempo com a família no período em que seria esperado o contrário, houve repercussões distintas de melhora e de piora nos relacionamentos. A percepção de mudança na relação foi atribuída à condição psicossocial do adolescente e associada à necessidade de acompanhamento pós-pandemia.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2020), durante a adolescência ocorre um movimento esperado que visa gradativamente afastar-se dos pais ou responsáveis para trilhar o desenvolvimento da autoidentidade pessoal e da percepção de seu lugar social. Entretanto, na pandemia, os adolescentes foram forçados a manterem-se confinados com aqueles de quem deveriam estar se diferenciando. Certamente, essa contradição deixou marcas.

A intensificação do convívio familiar, a alteração das rotinas e um contexto de incertezas e medo trouxe também impactos às relações familiares, e os adolescentes, já confusos em meio às questões que envolvem a travessia do período adolescente durante a pandemia, nem sempre receberam o apoio de que necessitavam. A convivência familiar exacerbada aumentou o risco de conflitos durante a pandemia (Costa et al., 2021).

*Ninguém tinha ficado dentro de casa. Dois anos trancado com a própria família o tempo todo. Então foi um momento difícil e que a gente deveria ter tido mais apoio dos nossos pais, mas eu acho que a gente não recebeu. (G2)*

*A comunicação da família foi péssima, acho que pra todo mundo. Foi sobrecarregando todo mundo. (G2)*

Miliauskas e Faus (2022) destacaram o papel da família no auxílio ao adolescente durante a pandemia, apontando o diálogo aberto como importante ação de cuidado familiar. Vale



destacar que o contexto pandêmico atingiu também aos adultos e que os pais também enfrentaram desafios diversos enquanto exerciam suas funções parentais durante uma pandemia. As famílias também estavam sobrecarregadas durante a pandemia, e talvez por isso, tiveram dificuldades em representar todo o apoio de que os filhos precisavam.

Alem Filho (2022) apontou a sobrecarga materna em um estudo sobre relações familiares na pandemia. Foram percebidas as dificuldades de conciliar os cuidados domésticos, o cuidado com os filhos e a vida profissional. Marchetti et al. (2020) apontaram que 17% da amostra de seu estudo apresentava sintomas significativos de exaustão relacionados com o exercício da parentalidade durante a pandemia. Os autores alertaram que as dificuldades parentais refletem no bem-estar dos filhos e que os pais também precisavam receber suporte durante o período pandêmico.

Um tema que veio à tona nos grupos focais refere-se ao fato de que, na pandemia, adolescentes foram alçadas ao lugar de responsáveis pelos cuidados da família e enfrentaram dificuldades nessa função familiar. Cabral et al. (2023) destacaram que permanecer em casa em tempo integral amplificou as atribuições domésticas das(os) adolescentes, especialmente das meninas. Sobre isso, destaca-se:

*Foi o período mais difícil da minha vida (...) o ano de 2020. Porque eu estava dando conta de praticamente tudo da minha casa e eu tinha o quê? 15. Eu tinha que cuidar da casa (...), da minha irmã mais nova (...), discussões com a irmã do meio (...), porque a minha mãe não estava bem, e ela é o pilar da minha casa (...), e eu, como irmã mais velha, assumi. E aí acabou que eu fiquei com muito peso nas minhas costas. (G1)*

*É a minha mãe ficou muito estressada. E eu que tinha que cuidar e eu odiava cuidar do meu irmão, inclusive eu acho que ele deve ter trauma por causa disso. (G1)*

Com as restrições da convivência social em vigor, a socialização adolescente com seus pares foi diretamente afetada. Essa que talvez seja uma das grandes habilidades testadas na adolescência, quando o jovem se afasta dos limites seguros do sistema familiar em direção a outros sistemas sociais e amplia suas relações, foi podada em tempos de recomendações de isolamento e distanciamento social.

Como alternativas, surgiram o uso mais frequente das redes sociais e as amizades *online*. Sobre isso, destacam-se as percepções descritas:

*Eu fiz muita amizade online na pandemia, tanto que a minha melhor amiga até hoje ela mora no [indicou nome de outro estado]. Eu nunca conheci ela, eu fazia amizade com gente do outro lado do mundo porque era fácil, entendeu? Ela estava muito longe de mim, então eu não a encontrei por um motivo bem maior. (G3)*

Para Cabral et al. (2023), as redes sociais supriram as demandas adolescentes por socialização entre os pares na pandemia, mas não substituíram os afetos que a convivência presencial propicia. Além disso, o uso da internet como recurso para manter a socialização na pandemia gerou prejuízos (Costa et al., 2021). Sobre isso, destacaram-se as falas que se referiram ao uso frequente das redes sociais e o impacto disso na autoimagem por propiciar o estímulo a autocomparações.

*É uma coisa que eu mexia muito comigo foi que, além de eu perceber que eu não conseguia ter o controle total da minha vida, do que acontecia, isso me assustava. Era o acesso à rede social porque ficou ainda mais intenso e eu tenho muito uma coisa de me comparar exatamente tudo. (G1)*

Na *Subcategoria 3 – Incertezas com o Fim do Ciclo Básico*, reuniram-se exemplos de citações dos grupos focais que descreveram inquietações com o futuro. Aproximando-se o fim do ano, representantes do 3º ano, principalmente, levantaram nos grupos a sensação de sentirem-se pressionadas(os) a alcançarem resultados acadêmicos, além de se perceberem prejudicadas(os) pelo processo de formação vivenciado ao longo de um ensino médio pandêmico. Isso pode ser percebido no exemplo no trecho a seguir:

*Então eu comecei a falar "ai meu Deus do céu, é agora que eu vou fazer 18" eu comecei a surtar, é tanto que eu parei de fazer muita coisa que eu gosto (...) eu fico ah, poderia tá estudando, pra arrumar um emprego. (G1)*

*Você falou, né? 18, você disse 18, meu coração já fica "ui". (G1)*

*Eu não sei se eu vou conseguir passar em alguma coisa, (...) o que eu vou ser ano que vem? (...) vem aquela questão de estar atrasada, porque faltam dois meses para as aulas acabarem. Como é que eu vou correr atrás de tudo que eu não estudei? (G1)*

Nota-se que a iminência do fim do ciclo de Educação Básica parece assustar. Com toda a vida organizada em torno da rotina escolar, o fim do “terceirão” (expressão utilizada nos grupos ao se referirem ao último ano do Ensino Médio) parece intimidar, pois encerra, também, uma etapa linear que transmite segurança e após a qual se inicia uma nova fase indefinida.

*Eu fico pensando, assim, poxa, nessa geração, deste ensino médio, a gente passou por tanta coisa na pandemia que alguns se atrasaram, outros têm desfalques de conteúdo, que é muito ruim a gente ficar se sentindo, eu acabo me sentindo menos que outras pessoas. (G1)*

*São mais ou menos 16 anos com a mesma rotina, todos os dias. E simplesmente daqui dois meses vai acabar e, tipo, não tem um processo, (...) simplesmente eu vou chegar, um dia, vou dar “tchau” pra dormir e amanhã eu não preciso acordar cedo. É uma coisa muito doida. (G1)*

As falas apresentam essa fase como um luto. Fazem lembrar os autores Aberastury e Knobel (1981) que descreveram a adolescência como a fase com três lutos: luto pelo corpo infantil; luto pela identidade e pelo papel infantil; e luto pelos pais da infância. Os pais do adolescente, por sua vez, também vivenciam um processo de angústias e reelaborações que podem ser percebidos na forma de um luto dos filhos da infância. No caso específico, fica mais claro o sentimento de pesar diante da proximidade de ter que deixar para trás todo o mundo conhecido e ir em busca do desconhecido.

### **Categoria 2 - Implicações no Processo de Ensino-Aprendizagem: “era mais fácil tirar nota boa, mas isso não significava que estava aprendendo”**

No tocante aos desafios inerentes aos processos educativos, percebeu-se nas narrativas dos grupos focais sentidos de prejuízos e perdas que os próprios isolamento e distanciamento provocaram, assim como, as limitações e inconsistências nas metodologias pedagógicas adotadas, percebidas na forma de impactos na aprendizagem durante o período e após a pandemia. Foi notado que as narrativas se referiram a momentos distintos da educação na pandemia e, por isso, foram organizadas em subcategorias específicas.

No tocante a *Subcategoria 1 – Dificuldades no Ensino Emergencial* reuniram-se as verbalizações que tratavam dos períodos descritos pelos adolescentes como Ensino Remoto, marcado pelo uso de aulas *onlines* ou atividades assíncronas, e Ensino Híbrido, quando grupos

de alunos eram autorizados a assistirem aula presencial, enquanto outros grupos assistiam às aulas de forma síncrona, em sistema de rodízio. Em ambos os momentos, foram descritas algumas perdas, desafios e dificuldades de adaptação.

*Nem todo mundo tem acesso (...), você não interage, não tem aquela interação aluno e professor. Aí pra tirar uma dúvida não é a mesma coisa. No ensino remoto não dá, (...) era a mesma coisa de você assistir na internet. (G4)*

Essa fala evidencia a perdas dos estudantes em relação à mediação pedagógica em sala de aula pelo professor e o impacto disso na aprendizagem. Sobre a Educação à Distância - EaD, o Decreto n.º 9.057 (Decreto n.º 9.057, 2017) define-a como a modalidade educacional que utiliza tecnologias de informação e comunicação, conta com profissionais qualificados, mecanismos próprios de acompanhamento e avaliação, que envolve estudantes e profissionais em lugares e tempos diferentes. Durante a pandemia, a Resolução CEE N.º 27, de 25 de março de 2020 (Conselho Estadual de Educação da Bahia, 2020) autorizou o desenvolvimento de atividades curriculares, em regime especial nas instituições de ensino estaduais.

Entretanto, Vieira et al. (2020) consideraram que os rearranjos metodológicos ocorridos no Brasil durante a pandemia não se caracterizam nem como EaD, nem como ensino híbrido, mas sim, um ensino emergencial em que as escolas apenas migraram do presencial para as plataformas digitais sem planejamento prévio. Segati e Jordão (2022) também apontaram a baixa interatividade entre os atores envolvidos no ensino emergencial como uma de suas dificuldades devido à forma como a tecnologia foi utilizada.

Ainda sobre esse cenário, nesta pesquisa, eclodiram expressões distintas sobre a substituição dos modelos metodológicos em virtude tanto das impressões pessoais de cada participante, mas também pelas experiências terem ocorrido em instituições diferentes. Apesar disso, notam-se semelhanças nos discursos, pois, em geral, descrevem dificuldades de infraestrutura das escolas e dos alunos e prejuízos na aprendizagem.

Percebeu-se que foi esperada autonomia por parte dos alunos, mas não lhes foram ofertados os recursos, inclusive, de inclusão digital, para operacionalizar o ensino emergencial em ambiente doméstico. Nota-se isso nas falas a seguir:

*(...) no meu caso, nas aulas online, praticamente não participei de nenhuma, porque eu não tinha internet direito naquela época. Então não participei muito bem das aulas online. (G3)*

*Nem todo mundo tem acesso [à internet]. (G4)*

Nota-se a desigualdade de acesso à educação durante a pandemia que se refletiu no rendimento no período pós-pandêmico. Esses achados corroboram com Macedo (2021), que enfatizou que a pandemia exacerbou as desigualdades educacionais, sociais e digitais brasileiras. Para a autora citada, em face das disparidades de acesso às tecnologias digitais e a ausência de uma política nacional que uniformize o enfrentamento desse problema, o acesso à educação durante a pandemia no Brasil revelou-se um privilégio, pois acentuou as diferenças educacionais entre ricos e pobres e entre escolas privadas e públicas. Senkevics e Bof (2022) apontaram o aprofundamento, durante a pandemia, das desigualdades educacionais já existentes.

Aprofundando-se na compreensão do acesso à conectividade e aos meios digitais no Brasil, destaca-se a pesquisa TIC Domicílios 2022 que mostrou que apesar de 82% dos domicílios brasileiros possuírem algum acesso à *internet*, nem sempre isso representa o acesso a uma conexão adequada. Isso porque, 29% dos domicílios não tem acesso a banda larga fixa, que permitiria uma maior velocidade de conexão e constância no acesso. Além disso, 20% dos domicílios com acesso à banda larga dispõe de uma conexão insuficiente para garantir um acesso adequado à *internet*. E, por último, 16% dos domicílios com acesso à *internet* compartilha-a com vizinhos por limitações no orçamento familiar (NIC-Br, 2023). Ou seja, o ensino emergencial envolveu uma infraestrutura de conectividade que ainda não é realidade para a maioria das famílias brasileiras, resultando em dificuldades de acesso à educação no período.

Destaca-se que os dados da pesquisa TIC Domicílios 2022 ainda revelaram que essas diferenças se acentuam quando considerados alguns marcadores sociais, como raça, gênero, classe social e regionalismo, que apontam o agravamento da precariedade no acesso à *internet* no Brasil quando considerados os diferentes grupos socioeconômicos (NIC-Br, 2023). Isto é, os dados do Nordeste são ainda mais preocupantes, especialmente quando cruzados com outras características sociais que vulnerabilizam determinados grupos.

Entretanto, algumas instituições escolares fizeram uso de atividades assíncronas em detrimento das aulas *online*. Porém, essa alternativa metodológica também apresentou problemas, compondo os exemplos de desigualdade de acesso à educação no período estudado. Sobre isso, A1 desabafa:

*No meu caso, no primeiro ano da pandemia, eu fiquei sem aula, a escola começou dando*

*umas atividades de tipo impressa, depois eles pararam de enviar e o ano foi passando e a gente sem estudar. (G3)*

Outro tema emergente, ainda relacionado ao ensino emergencial, referiu-se à incongruência no binômio aprendizagem-avaliação, pois, embora alguns participantes tenham alcançado notas expressivas no período, os mesmos alegam que tais parâmetros não descrevem adequadamente o nível de aprendizagem adquirido. Sobre isso, destacam-se as seguintes narrativas:

*Minhas notas foram ótimas na pandemia, mas rendimento sentido aprender, aí não. (...) era mais fácil tirar nota boa, mas isso não significava que estava aprendendo. (G3)*

*Como ela disse em relação às notas, eu sempre tive notas boas. Mas é aquele lance do aprendizado, né? As notas estão lá, mas o aprendizado, ele não ficou, de fato. (G3)*

Nota-se a percepção de inconsistências entre os bons resultados das avaliações de aprendizagem e a autopercepção de que não houve aprendizagem significativa. Sobre isso, Oliveira e Souza (2020) apontaram a necessidade de adaptação dos métodos avaliativos educacionais durante a pandemia, já que o processo de avaliação utilizado pelo professor deriva de sua metodologia de ensino. Nobre et al. (2023) apontaram, em seu estudo de campo, que o repertório dos adolescentes se revelou insuficiente no momento do retorno escolar presencial pela ausência de uma experiência plena durante o ensino remoto. Porém, a experiência plena e outras características do ensino EaD propriamente dito, como a preparação do corpo docente, parecem não terem ocorrido no colégio estudado e em sua experiência de ensino emergencial.

Em continuidade, foram mencionados nos grupos o aparente despreparo da maioria dos professores para o desempenho das novas metodologias pedagógicas e o quanto isso fazia diferença no cotidiano das aulas.

*Os professores eram muito importantes no quesito da gente querer assistir à aula. E tinha muitos (...) que não entendiam isso... na aula online a gente tinha outras opções [jogos e gincanas online](...), eles precisavam fazer aulas mais dinâmicas para a gente se interessar. (G3)*

*Por exemplo, na aula online, tinha professores que eles faziam jogos, (...) criavam em*

*perguntas, fazia e botavam no grupo (...), dava pra gente aprender mais. (G3)*

Sobre isso, Bernardo, Maia e Bridi (2020) apontaram que a mudança brusca das atividades presenciais para o modelo de ensino remoto impossibilitou aos docentes que realizassem o planejamento de seu trabalho. Isso comprometeu a adaptação dos professores às novas metodologias de ensino que se fizeram necessárias.

Para além das questões de infraestrutura, foram descritas também dificuldades de concentração e de adaptação ao Ensino Emergencial, tendo em vista ser a primeira experiência do gênero vivenciada pelos estudantes.

*A gente estava lidando com a primeira experiência online (...) e a gente foi se sobrecarregando mais, e aí é juntando a questão de você ficar trancada dentro de casa, não poder literalmente sair para nada, afetou bastante. (G2)*

*Depois de uns dois dias eu desisti de assistir, não assistia mais online. (G2)*

*E aí veio a pandemia e eu senti muitas dificuldades de estudar em casa, de me concentrar nas aulas. (G1)*

Sobre o tão esperado retorno também foram descritos alguns desafios que foram sintetizados na *Subcategoria 2 - Dificuldades no retorno escolar presencial*. A pandemia prejudicou a experiência educacional dos estudantes e causou sentimentos de angústia por não aprenderem de maneira eficaz quando comparado ao período pré-pandemia (Zaeske et al., 2023). O tema da concentração, em especial, foi debatido como algo inesperado e recorrente no retorno presencial. Como os alunos passaram muito tempo assistindo a aulas online em meio à rotina familiar, o retorno ao ambiente disciplinado do colégio e a posição passiva de assistir às aulas presenciais gerou dificuldades de readaptação.

*É sobre a questão da concentração, a professora estava falando um monte de coisas ali, mas nunca eu estava lá pensando. Você fica tipo, e agora o que eu faço? Eu não tenho uma louça pra lavar aqui, né? Você tem que prestar atenção na aula. (G3)*

*E aí eu senti que depois que eu voltei para o presencial eu não consegui ter a mesma capacidade de concentração na sala de aula como tinha antes. Então eu senti dificuldade.*

(G3)

*(...) aí eu fico, agora, de ficar distraíndo umas aulas. Eu não tinha isso antes da pandemia*

(G3)

*(...) aí depois foi lá e misturou todo mundo junto de novo [refere-se aos dois grupos nos quais foram divididas as turmas durante o ensino híbrido] e aí eu tive a sensação de que eu tinha desaprendido, eu falei, cara, eu não sei mais apresentar trabalho na frente dessas pessoas. (G3)*

*Como eu não tinha visto praticamente dois anos de aula, quando voltou, eu senti um impacto muito grande, porque eu não tinha nada na cabeça, literalmente nada. (G3)*

A análise das citações descritas permite compreender que as dificuldades de adaptação, com perdas de atenção e concentração no retorno ao ensino presencial, afetaram a aprendizagem e ainda hoje trazem prejuízos. Uma pesquisa realizada com escolares da rede de ensino de São Paulo do 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio, apontou que um em cada três estudantes confirmou ter dificuldades de concentração em sala de aula no retorno presencial após o isolamento social (Instituto Ayrton Senna, 2023). Segundo Ministério Público de Santa Catarina (2021), dificuldades de concentração e desempenho no retorno presencial já eram esperados por envolver a necessidade de reorganização gradual dos processos cognitivos envolvidos na aprendizagem.

Dando continuidade, destaca-se a *Subcategoria 3 – Dificuldades com o Novo Ensino Médio - NEM*. Embora não perdurasse entre os objetivos iniciais a serem investigados, o NEM mostrou-se um tema relevante que emergiu na pesquisa e descreveu as adversidades vivenciadas pelos adolescentes, que, ao retornarem do isolamento social, também tiveram que se adaptar a um novo arranjo organizacional do ensino.

*Eu acho que eles jogaram muita coisa ao mesmo tempo, não levaram em consideração que os alunos estavam voltando de uma pandemia, que com as aulas online teve um déficit de aprendizagem, porque algumas pessoas têm dificuldade ali de concentração online mais do que no presencial. Então foi muita adaptação. Querendo ou não, eles jogaram o novo ensino médio, assim, no colo. (G3)*



Como parte das alterações causadas pelo NEM, os alunos do 1º ano do Ensino Médio tiveram sua carga horária ampliada ao migrarem para o regime integrado, com atividades diárias presenciais das sete às quinze horas. Com isso, além dos impactos da pandemia e das mudanças curriculares do NEM, esses alunos também viram sua permanência na escola se ampliar consideravelmente. Sobre isso, um desses alunos afirma:

*Uma das coisas, assim, que me prejudicou muito, assim, é porque foi uma coisa, um novo ensino muito novo, tanto para os alunos quanto para o colégio (...) Ano passado eram 10 matérias, esse ano são 22. (G4)*

Foi percebido que o processo de transição para o NEM com ensino integral emergiu com conotação de sobrecarga para os estudantes do 1º ano do Ensino Médio do colégio pesquisado. Pois, além das questões inerentes ao período pandêmico, no caso estudado, esse retorno ocorreu concomitantemente com outras modificações importantes no formato e na organização do ensino ofertado.

A reforma do Ensino Médio foi aprovada pela Lei n.º 13.415/2017 (2017), com objetivos de ampliar a carga horária, flexibilizar a grade curricular e disponibilizar ensino profissionalizante. Conforme Silva et al. (2023), a pandemia ocasionou dificuldades no processo de implementação do NEM, que merece adequações no pós-pandemia. Os alunos pesquisados narraram dificuldades e incoerências no NEM, com ausência de disciplinas relevantes para a formação e para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Esses dados corroboram Cruz et al. (2023), que apontaram a pandemia de Covid-19 como responsável por interromper a convivência social no espaço escolar e que, entre outras consequências, afetou o curso da implementação do NEM.

Para as autoras, o protagonismo juvenil referendado pelo NEM deve prevalecer também na escuta das adequações e inconsistências apontadas pelos próprios estudantes no curso das alterações em seu sistema formativo. Loureiro (2020) destacou que os adolescentes precisam ser envolvidos na construção de soluções para as questões que os afetam no retorno pós-pandêmico.

Decerto, concordamos com a perspectiva que preconiza protagonismo para os adolescentes ao tempo em que se oferecem espaços de discussão como forma de incidir nas inquietações dos adolescentes pesquisados. Assim, entendemos que eles poderão estar ativos no processo de escolhas de seus itinerários para a vida, pós-pandemia e pós-adolescência.

### **Categoria 3 - Impactos da Pandemia na Saúde Mental Adolescente: “quem ela não matou, ela deixou sequelas”**

As implicações já apresentadas acima referentes às percepções inconclusas sobre adolecer, o futuro pós-adolescência e as dificuldades na socialização (Categoria 1) e a análise dos impactos da pandemia nos processos educativos (Categoria 2) muitas vezes resultaram em sofrimento psíquico e sintomas psicopatológicos nos adolescentes.

No presente estudo também foi possível verificar como a saúde mental dos grupos foram atravessadas pela experiência pandêmica. Sobre esse tema, foram organizadas três subcategorias. Embora tenha representado uma ameaça concreta, causando mortes e incertezas, a maneira como a pandemia marcou os sujeitos foi muito diversificada, pois envolveu os próprios recursos subjetivos para lidar com situações de estresse.

A *Subcategoria 1 – Sintomas relatados* sumariza os sinais e os sintomas desenvolvidos pelos adolescentes e atribuídos por eles como resultantes da vivência ansiogênica da pandemia. Sobre isso, destaca-se:

*Eu acho que a pandemia, quem ela não matou, ela deixou sequelas. Físicas, para quem pegou o vírus. Ou mentais, para as outras pessoas que estavam presas em casa todos os dias. Então eu acho que ninguém saiu ileso. (G2)*

De fato, a previsão de uma Quarta Onda da Pandemia de Covid-19 (Tseng, 2020) com o aumento de casos de transtornos mentais infelizmente se confirmou e, especialmente no público adolescente, percebeu-se o aumento de casos de estresse, ansiedade e agressividade, além de maior risco para ideação ou comportamentos suicidas (Oliveira et al., 2020).

O fechamento das escolas afetou os adolescentes, pois a atividade educacional revela-se uma de suas principais atividades sociais e, sendo assim, as restrições a seu funcionamento impactaram na socialização e nas rotinas cotidianas por um longo período (Vazques et. al., 2021). Lembrando que o Brasil foi o segundo país do mundo que ficou mais dias com as escolas fechadas nos anos de 2020 e 2021 (Qedu, 2023) e, portanto, teve todo esse impacto negativo prolongado.

Silva et al. (2021) enfatizaram que os desafios emocionais e a ansiedade decorrentes das novas responsabilidades e expectativas pessoais da adolescência foram fortemente agravadas por efeito da pandemia. Percebeu-se que as narrativas dos grupos legitimaram tais achados a partir dos seguintes exemplos:

*E aí eu também entrei muito em desespero nisso (...) eu não via mais sentido em viver porque, tipo, o mundo estava um caos, e na minha cabeça a Terra não ia durar até os 18. (G1)*

*Todo mundo aumentou a ansiedade e preocupação com o amanhã. (G2)*

*(...) eu não tenho o costume de sair de casa, eu tenho e agravou a minha fobia social durante a pandemia é... (G1)*

*(...) aí eu cheguei pra minha mãe, falei, mãe, eu acho que eu tô com depressão porque eu constantemente chorava sozinha no quarto, porque eu não me sentia bem com tanta coisa para fazer (G1)*

*E depois de muito tempo eu comecei a piorar, tipo a ponto de não sair mais nem nada do tipo e aí eu fui para uma psicóloga e diagnosticaram depressão e ansiedade. Ansiedade teve um grau elevado no teste, acho que eu fiz 42 pontos de ansiedade e a depressão ela falou que estava tipo assim, mediana né (G3).*

*Fiquei um ano sem estudar, tive muita crise de ansiedade e aí esse ano eu acabei entrando em depressão (...) Entre esses dois meses, se eu vim cinco vezes no colégio foi muito, minhas notas despencaram. E eu estou continuando estudando porque eu estou à base de um relatório médico. (G1)*

Não à toa, Loades et al. (2020) já tinham apontado que os adolescentes e as crianças são mais suscetíveis a desenvolverem depressão e ansiedade durante e após longos períodos de isolamento social compulsório. Esses exemplos corroboram os dados nacionais e internacionais que apontam consequências no sofrimento psíquico, com destaque para depressão e ansiedade (Zhou et al., 2020; Almeida et al., 2022) e com repercussões mais duradouras nos adolescentes (Meherali et al., 2021).

Confirmando a literatura, os grupos focais relataram perceberem e/ou sentirem o aumento de sintomas de depressão, ansiedade generalizada e fobia social, um tipo específico de ansiedade, além de sentimentos de desespero, desamparo e incertezas em relação ao futuro.

Nascimento et al. (2021) já haviam apontado o surgimento da “coronofobia” na forma de desordens psíquicas decorrentes da experiência pandêmica e caracterizada por depressão,

ansiedade generalizada, transtorno do estresse pós-traumático e síndrome do pânico. Tais transtornos mostraram-se mais frequentes no sexo feminino e adultos jovens e caracterizaram-se, no geral, por medo excessivo, persistente e irreal de situações, pessoas e/ou objetos associados à Covid-19.

Vale destacar que quatro alunas participantes da pesquisa relataram enfrentar problemas de saúde mental desenvolvidos durante a pandemia. Em decorrência do sofrimento psíquico, alguns participantes buscaram serviços de saúde mental para lidar com os impactos narrados e, atualmente, ainda fazem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico. As narrativas que discorreram sobre esse contexto foram organizadas na *Subcategoria 2 – Estratégias de enfrentamento*.

Por estratégia de enfrentamento ou *copping*, entende-se o conjunto de estratégias utilizadas para que as pessoas se adaptem às situações estressoras (Antoniazzi et al., 1998). No caso da presente pesquisa, foram percebidas referências às estratégias de enfrentamento da pandemia em relação ao uso do sistema de saúde e a qualidade da assistência recebida. Exemplos dessas narrativas podem ser visualizadas a seguir:

*Lá no CAPS mesmo, eu faço acompanhamento psicológico (...) com psiquiatra e com o psicólogo. (G1)*

*Eu também estava passando pelo psicólogo esse ano. (G1)*

*Eu não vim no encontro passado porque tava no psicólogo. (G3)*

*Eu cheguei a fazer psicólogo, só que eu tive que parar porque se mudou para um lugar muito longe e eu simplesmente não tenho como ir (...) e a minha família também não tem condições de pagar um psicólogo. (G1)*

Conforme alertaram Rossi et al. (2019), nota-se no Brasil um histórico de oferta de cuidado em saúde mental para crianças e adolescentes marcado por omissão, exclusão e institucionalização. Além disso, os estudos sobre esse tema acabaram focando a perspectiva psicopatológica e o cuidado individualizante, sem considerar os aspectos biopsicossociais que envolvem o mundo do adolescente. Isso foi identificado na pesquisa na medida em que houve referências a dificuldades no acesso e na continuidade da assistência em saúde mental ofertada pela Rede de Atenção Psicossocial – RAPS do território.

Uma participante descreveu sintomas depressivos e ideações suicidas durante o ensino híbrido e lamentou não ter recebido suporte escolar e ainda apresentar problemas psicossociais atuais. Essa participante foi orientada pela pesquisadora a retomar o atendimento no CAPS, inclusive com suporte de estagiários e Supervisora de Estágio no referido serviço, porém, alegando dificuldades no acesso e no atendimento no CAPS em situação anterior, ela não aderiu ao encaminhamento.

Pode-se inferir que, no território descrito, nem o colégio ofertou um olhar e uma escuta qualificados para as demandas específicas da adolescente, e nem mesmo a RAPS local conseguiu realizar esse cuidado de maneira continuada. Vale ressaltar, ainda, que, embora o Ministério da Saúde (2023) tenha apontado a inclusão da temática de Saúde Mental no Ciclo 23/24 do Programa de Saúde na Escola – PSE, não foram descritas pelos estudantes ações intersetoriais sobre saúde mental, neste ano, no âmbito do colégio estudado.

O aumento da incidência de casos de transtornos mentais causou uma maior procura por assistência em saúde mental e a necessidade de organização dos serviços assistenciais para ofertar esse cuidado. Foram descritos impactos das dificuldades sentidas na assistência psicológica e psiquiátrica, como se segue:

*Eu acho que (...) apesar de existir um grande estigma e uma grande hipocrisia na sociedade, a pandemia ajudou as pessoas a enxergar, a identificar o problema e pedir ajuda. Depois da pandemia a saúde mental foi mais enxergada (...), pessoas estão procurando mais ajuda, procurando mais informação. (G1)*

O processo pandêmico na totalidade se revelou adoecedor e isso se aplica, inclusive, ao momento tão aguardado de retorno às atividades sociais. O momento do retorno escolar presencial, por exemplo, revelou-se preditor de novos desafios, dando origem a novos sintomas frente ao que se colocou como o “Novo Normal”. Essas questões foram organizadas na *Subcategoria 3 – Convivendo com o “novo normal”*, que sintetizou as inseguranças e resistências em flexibilizar, individualmente, as medidas restritivas de combate à Covid-19, em uma fase em que isso já era estimulado pelas autoridades sanitárias. A seguir, percebemos exemplos dessas colocações:

*Eu tenho um avô, eu não moro com ele, mas costumo visitar ele (...) e eu ficava assim, ‘eu vou pra escola, eu vou ver ele, eu vou passar e já era, vai ser culpa minha’, aí então eu fiquei um bom tempo. Assim, assustada, entendeu? (G1)*

*É, e eu também fiquei assim e tanto que muitas das próprias pessoas na minha casa falavam tipo assim, ‘Ah, larga de ser besta, já acabou, né?’ Só que eu não conseguia, eu demorei um bom tempo (G1)*

*Acho que eu tive um começo de uma fobia social, só que é tipo, eu lembro que a minha mãe pedia para ir no mercado para sair e eu surtava, entendeu? Eu não conseguia. (G3)*

Percebe-se nos trechos descritos o surgimento de padrões de esquiva visando evitar o encontro com o outro por insegurança, medo e dificuldades incomuns de adaptação à gradativa flexibilização das medidas sanitárias que fizeram parte da vida por quase dois anos. Segundo Taylor (2019), existem algumas características psicológicas individuais que podem contribuir para experiências mais intensas e desadaptativas em período pandêmicos como: intolerância à incerteza, percepção de vulnerabilidade à doença, tendência à ansiedade em contato com notícias relacionadas, baixos níveis de ansiedade com ausência de preocupação e otimismo excessivo com criação de falsas expectativas. Tais comportamentos implicam nas estratégias de enfrentamento adotadas pelos sujeitos frente ao evento estressor pandemia.

Farias e Gomes (2021) discorreram sobre os pormenores da expressão tão utilizada “novo normal”. Para as autoras, não é razoável esperar que voltemos à norma na forma de um tempo passado, retomando-o no tempo presente como um “novo”. Pois, na verdade, estaríamos, inevitavelmente, falando de outra regra, outra norma, chamada por elas de “pós-normal”, representado por nosso momento pós-pandêmico. Em suma, entende-se que não poderemos voltar ao que vivíamos antes, principalmente, porque a pandemia teve um efeito multifacetado em nossas vidas. E assim, também na educação, precisaremos nos organizar para acolher as mudanças típicas de um tempo pós-pandêmico.

#### **Categoria 4: Saúde Mental Escolar: “Foi como se a gente tivesse tido voltado do feriado”**

Muitos foram os desafios, mas a construção subjetiva da adolescência em tempos pandêmicos e suas consequências ainda vigentes não precisam ser elaboradas de maneira solitária por cada adolescente. Isso porque se entende que as instituições, sobretudo as escolares, podem se estruturar para oferecer suporte em saúde mental ao aluno remanescente de tantos impactos.

Estudos atuais sobre o período pós-pandemia descreveram sérios agravos ao bem-estar de crianças e adolescentes em todos os níveis educacionais, afetando a disposição para a

aprendizagem e apontando uma grave situação: uma crise de saúde mental dentro da crise sanitária (Banco Mundial, Unicef e Unesco, 2022).

A partir da análise das narrativas, foi identificada a categoria que discute as estratégias escolares de assistência em saúde mental escolar. Nesse ínterim, foram percebidos dois agrupamentos possíveis: Subcategoria 1 - Recepção no Retorno Escolar Presencial e Subcategoria 2 - Estratégias em Saúde Mental Escolar.

A análise descrita das categorias anteriores e a revisão de literatura já mostraram o quanto o retorno presencial trouxe demandas emocionais, sociais e de aprendizagem que devem ser acolhidas e enfrentadas. No entanto, o retorno ao ambiente escolar estudado, após um ano e meio distante, não aconteceu da maneira esperada pelos estudantes. Sobre isso, a *Subcategoria 1 - Recepção no Retorno Escolar Presencial* apresenta as seguintes falas:

*Estava tentando lembrar, né? Nossa, teve alguma coisa, não! Tipo chegou e disse, ó alô, voltou como se nada tivesse acontecido. (G4)*

*Foi como se a gente tivesse tido voltado do feriado. (G4)*

*Um feriadão né? Gigante! (G4)*

*Voltou normal, como se não tivesse acontecido nada. (...) Eles não colocaram a gente naquele ambiente de uma forma harmoniosa, (...) não fizeram nenhuma atividade que fosse unir a turma. (G4)*

*Não! Eles só obrigaram a gente entrar e medir a nossa temperatura todo dia. (G4)*

Parecia que tudo iria, realmente, voltar ao que era antes. Ou seja, esperava-se que os estudantes voltassem às escolas e retomassem suas vidas. Eles seriam acolhidos e os problemas, resolvidos. Mas depois de tanto tempo de aulas online e emoções acumuladas, não foi isso que aconteceu. Apesar do aparente retorno ao normal, vários eram os sinais de que os estudantes precisavam de suporte emocional.

*Mas eu acho que uma coisa que me influenciou na pandemia foi a autocobrança demais, agora eu fico me cobrando constantemente. (G3)*

*Se você quiser, eu trago as cartas depressivas que eu escrevi durante a aula falando que ia me matar, um querido, né? Era isso que eu fazia na aula. (G3)*

*Quando eu fui participar de um debate, a minha vista escureceu. Eu falei, eu vou desmaiar aqui. Quando voltou pro presencial, eu senti que essa ansiedade tinha aumentado. (G3)*

*Nessa sala mesmo tem uma menina que ela desmaiou duas ou três vezes, que ela saiu de cadeira de roda e tudo. E ninguém estava preparado. (G4)*

*Na minha sala, só este ano eu vi duas situações, duas colegas. Uma, ela se sentiu muito ansiosa, saiu de sala (...). E outro dia eu estava com uma amiga e ela (...) começou a se sentir sintomas de tontura, estava tipo com as mãos frias. (G4)*

Percebe-se que as narrativas obtidas coadunam com as referências da literatura que associam a pandemia com o aumento da prevalência de transtornos mentais, como a ansiedade e a depressão, principalmente nas crianças e adolescentes (Rohde, 2021; Almeida et al., 2022).

Pensando nas ações que poderiam ser desenvolvidas nesse reencontro dos alunos com o ambiente escolar, surgiu a *Subcategoria 2 - Estratégias em Saúde Mental Escolar* com o intuito de sumarizar as ideias trazidas pelos grupos sobre como gostariam de ter sido recebidos no retorno escolar presencial após a flexibilização das medidas sanitárias. Quando estimulados a falarem sobre suas sugestões para um melhor acolhimento em saúde mental no ambiente escolar, os grupos responderam:

*Eu acho que é aquele lance dos professores terem um preparo. Como saber lidar com os alunos em caso de crise? E (...) aulas mais dinâmicas, um dia para os alunos poderem respirar. (G4)*

*Eu acho que seria legal ter (...) uma espécie de uma pessoa da saúde física, não só da saúde mental (...). Então era pra ter uma equipe de saúde, uma enfermaria. (G4)*

*Principalmente, está entrando no colégio de tempo integral. Eles têm que mudar (...) no conforto para esse aluno que passa o dia inteiro. (G4)*



*Não é só os professores, todos os funcionários da escola precisam de um preparo para saber como lidar nesses tipos de situações. (G4)*

*Eu acho que as escolas têm meio que colocar psicólogos (...) nesse começo, eu acho que deveria ter mais um, entendeu? (G4)*

*Seria bom ter um grupo, com alguns alunos, para discutir certo tema (...). E dependendo, ir para o particular com o psicólogo. (G4)*

*Ter eventos, palestras, talvez, para ensinar a gente a como lidar com as emoções (...) e dicas de formas de estudar, pois existem diferentes formas de estudos. (G4)*

*Em algumas matérias-base, ter uma noção do desempenho dos alunos, se os alunos, tem pelo menos o básico sobre os conteúdos, como português, matemática, história, e se sentir que os alunos não sabem, tirar ali algumas aulas para a ensinar. (G4)*

Em síntese, as sugestões dos grupos apontaram para: preparação da comunidade escolar (docentes e outros funcionários) para lidar com questões de saúde mental no ambiente escolar; mudanças nas metodologias das aulas para se tornarem mais dinâmicas; melhorias na infraestrutura para ofertar mais conforto aos estudantes do regime integrado; implantação de serviço de saúde física e mental; inclusão de psicólogas na equipe; realização de grupos de discussão de alunos conduzidos por psicólogos ou professores; realizar palestras sobre como lidar com as emoções; realizar o levantamento do nível de aprendizado dos alunos; e executar atividades para sanar as dificuldades percebidas.

O colégio *locus* da pesquisa possui uma equipe de Atendimento Educacional Especializado – AEE, que inclui uma profissional de psicologia. Porém, o trabalho dessa equipe volta-se para o acompanhamento de alunos com deficiências e orientações aos professores sobre o manejo e as adaptações avaliativas necessárias em cada caso.

Com isso, durante a pesquisa, ficou claro que, apesar de sua importância, o trabalho da psicóloga que atua na instituição tem uma atuação restrita e que não é conhecida pelos alunos em geral que apresentam demandas de ordem socioemocional ou que pudessem se beneficiar de ações preventivas e de promoção de saúde.

Surgiu no grupo a referência de uma participante que conhecia a psicóloga que presta serviço na instituição vem apresentando muitas dificuldades de aprendizagem após a pandemia,

inclusive com retenção e necessidade de acompanhamento psicológico e psiquiátrico, e recebeu o suporte do serviço de AEE nas questões pedagógicas, sentindo-se bem acolhida por ele. Entretanto, a maior parte do grupo, cujas demandas tinham mais caráter emocional e relacional, ficaram surpresos com a informação de que o colégio conta com os serviços de uma psicóloga, e demonstraram não compreenderem seu papel na instituição, pois esperavam abordagens preventivas e integrais.

Para ilustrar tais questões, apresentam-se algumas falas a seguir:

*Inclusive mesmo até a própria psicóloga devia [em complemento a fala de outra participante sobre preparação para lidar com situações de ansiedade], inclusive eu estou chocada em ter um psicólogo no colégio. Podia tentar conversar com essa pessoa, tipo (...). (G4)*

*Eu acredito que, por exemplo, se essa psicóloga fosse "disponível", né, mais acessível pra gente, a gente poderia rapidamente recorrer a ela. "Ó, tem uma aluna passando mal", então o profissional certamente vai sabendo melhor o que fazer do que um aluno qualquer ali no momento. (G4)*

*Tipo, você estava falando [aponta para a pesquisadora], que tem psicólogo na escola. Eu não sabia disso. (G4).*

*Eles não divulgam a quem deveria. (G4)*

*Eu descobri aquele dia [referindo-se ao outro encontro do Grupo Focal], foi a primeira vez que vi falar. (G4)*

Sobre as metodologias a serem adotadas visando a promoção da saúde mental na escola, foram citadas atividades em pequenos grupos, que possibilitassem a participação de todos e, ao mesmo tempo, permitissem a troca de experiências entre os estudantes. Assim, cabe aos profissionais da educação pensar a readequação do conteúdo escolar, priorizando a saúde emocional e modificando as formas de aprendizado conforme a evolução das fases da pandemia (Miliauskas & Faus, 2020).

*Mês passado teve uma palestra (...), a psicóloga perguntou se alguém tinha ansiedade e*

*ninguém levantou a mão. Então, em grupos menores, as pessoas iam se abrir. (G4)*

*Às vezes (...) a gente conversando entre a gente mesmo, a gente consegue arrumar ajuda, não precisa o psicólogo conversar com aluno por aluno (...), eu acho que seria legal, assim, um grupo. (G4)*

Nota-se que os grupos expressaram o desejo por maior suporte emocional no contexto escolar, envolvendo a preparação da comunidade escolar para o acolhimento das demandas. Vazques (2022), em estudo com alunos de 21 escolas públicas estaduais e municipais paulistas, verificou a relevância da rotina escolar para os estudantes e enfatizou a importância das ações de promoção de saúde mental escolar no período pós-pandemia. Miranda et al. (2020) reforçaram que a saúde mental deve prevalecer como uma preocupação na pandemia pela necessidade de priorizar grupos vulneráveis como as crianças e os adolescentes que demandam intervenções para a redução da sobrecarga emocional das circunstâncias estressoras. Vale ressaltar a importância da oferta de espaços de escuta em que os adolescentes possam discutir seus projetos de vida durante o ensino médio e possam organizar os determinantes sociais e subjetivos de suas escolhas (Jucá, 2020).

Banco Mundial, Unesco e Unicef (2023) resumiram a agenda necessária para o enfrentamento dos impactos da pandemia na educação com quatro compromissos prioritários: priorizar a educação na agenda pública; reintegrar os alunos que evadiram da escola na pandemia; investir na recuperação do conteúdo defasado e no bem-estar socioemocional das crianças; e valorizar e formar os professores para os desafios vigentes. Em relação, especificamente, à saúde mental escolar, sugeriram a ênfase na implantação de avaliações diagnósticas sobre os efeitos da pandemia na saúde psicossocial e no bem-estar dos estudantes e o planejamento de estratégias para enfrentá-los.

Em continuidade, destacaram-se as narrativas que revelam a importância primordial da figura do professor para a construção de um ambiente acolhedor e promotor de saúde no retorno pós-pandemia. Sobre isso, foi citado:

*Mas, assim, o professor no lugar dele passar em si a matéria dele, ele meio que interagir com o aluno, pegar um dia tipo em cada mês, parar pra conversar com o aluno, ouvir o que a gente tem. (G4)*

*Eu acho que sim! Acho que também seria legal (grupos) com professores. (G4)*

Assim, percebe-se a importância atribuída ao acolhimento pelos professores na retomada da vida escolar, reforçando o binômio “escola-professor” na percepção dos alunos sobre o bem-estar no ambiente escolar. Além disso, notam-se as demandas para diversificar mais as aulas, utilizando, inclusive, espaços de que a escola já dispõe e que podem contribuir com o desenvolvimento diversificado de habilidades pelos adolescentes. Embora não existam indícios de que os professores tenham sido preparados para tais funções.

*Um lugar pra gente sentar, esticar as costas. No horário de almoço, a gente almoçou pronto. A gente tem uma hora e meia de almoço, a gente almoça, vamos botar aqui no máximo meia hora, e essa uma hora de relógio. A gente seguia tipo lá na vaga no colégio porque não tem um lugar para tomar um banho, para poder descansar um pouco. (G4)*

*A gente tem diversas salas. Tem laboratório, tem esse campo, tem a quadra e ninguém usa nada? (G4)*

*Tem vestiário, mas não é aberto. (G4)*

Miliauskas e Faus (2020) apontaram a importância que atividades artísticas, de cultura e esporte podem ter na promoção de saúde mental de adolescentes no ambiente escolar, pois atividades que fortaleçam a imaginação e a criatividade contribuem para o sentimento de pertencimento ao grupo e para o desenvolvimento saudável do adolescente.

Sobre isso, Antero (2023) concluiu que o retorno escolar presencial demanda a sensibilidade da gestão para as demandas dos alunos e dos professores a partir de um planejamento centrado na realidade escolar. Lourero (2020) apontou a relevância de garantir o bem-estar e a saúde mental de alunos tendo em vista que o impacto da pandemia nos mesmos foi devastador. Urruth e Jaeger (2022) enfatizaram que uma estratégia de prevenção em saúde mental no ambiente escolar deve envolver a oferta de espaço de escuta e acompanhamento aos adolescentes e a promoção de um ambiente psicológico seguro e positivo que considere o universo familiar, sociocultural e relacional do adolescente.

As sugestões dos grupos referentes à estruturação de um serviço de Saúde Mental Escolar, se adotadas pelo colégio, poderiam aproximá-lo da perspectiva das Escolas Promotoras de Saúde - EPS previstas pela OMS/Unesco, que preconizam o ambiente escolar como o local ideal para a promoção de saúde, bem-estar e qualidade de vida (PAHO, 2022). Para Murta

(2007), em uma metanálise referênciada na área da saúde mental escolar, alguns indicadores importantes para os programas de promoção de saúde mental escolar no Brasil são: ter caráter de prevenção de transtornos mentais ou de promoção de competências; considerar os fatores de risco e de proteção e a multideterminação dos processos de saúde mental; ter origem em problemas reais e incluir a comunidade escolar no planejamento e implementação; basear-se em evidências empíricas; serem acompanhados e avaliados para alcançarem melhores resultados.

Campos (2021), por sua vez, apontou os dez principais fatores para que os programas de saúde mental escolar se tornem exitosos, os quais são: intersetorialidade, equipe dedicada, comunicação e combate ao estigma, ancoragem legal e orçamento específico, integração com o currículo, formação dos envolvidos, intervenção precoce, material estruturado, processos claros de encaminhamento e envolvimento da comunidade.

### **3.4. Considerações finais**

Quando, durante um grupo focal, emergiu a discussão de que ninguém saiu ileso da pandemia, ela parecia resumir o mote de todo esse trabalho. De fato, os impactos da pandemia não pouparam ninguém. Claro que muitos tiveram perdas reais, objetivas, de entes e sonhos. Mas mesmo aqueles que não conseguiram nomear suas perdas, ainda podem precisar de suporte nesse processo, e em outros, para retomar com qualidade as funções sociais, os projetos, as relações.

Muitos adultos também permearam as estatísticas da onda de saúde mental da Covid-19 que vivemos, pois ou desenvolveram sintomas, ou viram seus quadros sintomáticos prévios se agravarem no período. Mas foram os grupos vulneráveis, como crianças e adolescentes, que mais sofreram com o confinamento compulsório. E no retorno presencial, lhes foram cobrados aprendizagens, habilidades, projetos de vida e equilíbrio emocional para lidar com todo o contexto, como se não houvessem lhes “roubado” dois longos e importantes anos de seu desenvolvimento.

Nesse sentido, a presente pesquisa visou chamar a atenção para esse debate tão necessário, retomando concepções da clínica ampliada para defender o ambiente escolar como o mais adequado para promover o bem-estar dos adolescentes, em meio a seu desenvolvimento integral. Espera-se que a apresentação dos resultados dessa pesquisa à instituição educativa possa trazer o tema da saúde mental escolar para o debate, contribuindo para que a escola seja vista como palco não apenas de conhecimento, mas também de bem-estar e saúde.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados quando nos aproximamos do universo simbólico dos participantes e conhecemos seus desafios na compreensão de seu novo papel social como adolescente, quase adulto, seus desafios familiares durante tão longo isolamento social e a sensação de estarem perdidos frente ao universo de possibilidades que o mundo adulto oferece. Ficou claro que a sonhada liberdade, por hora, ainda assusta.

Quanto aos processos educativos, eles acumulam perdas enquanto realizam prova para avaliar a aprendizagem e o ENEM, do qual dependem para sonhar mais alto. Dificuldades de acesso às aulas, de concentração durante as aulas e de aprendizagem real para além das provas online são algumas das queixas presentes. Para complicar, o esperado retorno escolar não ocorreu da maneira sonhada, visto que não houve acolhimento suficiente e as mudanças do NEM e do Regime Integrado de aulas contribuiu para tornar esse momento ainda mais desafiador.

Do ponto de vista da saúde mental, os achados confirmaram as pesquisas da área, apontando como o estresse pandêmico afetou os frágeis adolescentes, gerando ansiedade, depressão, autocobrança e dificuldades de relacionamentos, e como isso os afeta, ainda, atualmente. Foi possível acessar, também, as demandas por escuta e acolhimento que se expressaram, inclusive, na facilidade de montar os grupos focais e na adesão e participação entusiasmada de parte dos participantes.

As sugestões de estratégias para a saúde mental escolar resumem as demandas por metodologias ativas, atividades expressivas e pela melhor utilização de recursos e infraestrutura e que a própria escola dispõe. Mas, também, levantam a necessidade de profissionais especializados, como o psicólogo escolar, para atuar de forma integral e preventiva e envolver toda a comunidade escolar. Vale ressaltar que a atuação no contexto escolar deve pautar-se por uma perspectiva crítica para que não se revele uma via de medicalização do cotidiano escolar.

Por fim, reconhece-se que, entre as vítimas da pandemia, encontram-se também os profissionais da educação, exigidos à exaustão e para além do suporte em infraestrutura que receberam. Assim, vale ressaltar que a pesquisa não visou apontar fragilidades, nem diminuir o empenho e desempenho de quem constrói a escola pública diariamente. Pelo contrário, visou-se conhecer um cenário de demandas ao tempo em que buscou despertar o interesse para essa área. Com isso, defende-se o aprimoramento prático da escola como promotora de saúde e da saúde mental como condição *sine qua non* para uma educação realmente integral.

Vale destacar os aspectos positivos da pesquisa desenvolvida, por sua capacidade de replicação da proposta de intervenção que envolve desde a inserção do psicólogo escolar, até parcerias com outras instituições de ensino e ações que podem envolver professores e gestores,

antes de mesmo de uma possível estruturação de um programa de saúde mental escolar formal, que torçamos para ocorrer. A proposta ainda pode ser expandida, pois tem baixa complexidade e envolve uma tecnologia leve, de baixo custo e fácil aplicação.

Por fim, compreende-se que a pandemia de Covid-19 resultou em desafios significativos e que precisam ser enfrentados à altura com a estruturação de novas políticas públicas. E por isso, a inclusão de profissionais de psicologia nas escolas nunca foi tão urgente, frente às vulnerabilidades sociais e subjetivas que se expressam no ambiente escolar.

### 3.5. Referências

Alem Filho, F. (2022). Sobreposição de transformações e desafios: experiência de mães de adolescentes na pandemia da Covid-19. Universidade Federal de São Carlos. UFSCAR Dissertação de Mestrado Pós-Graduação em Enfermagem – PPGEnf.

Baldissera, A. (2001). Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. *Revista Sociedade em Debate*.

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70.

Cabral, C. S., Guimarães, J. S., Teixeira, A., Generoso, N. K., França, I., Borges, A. L. V. (2023). A gente quer abraçar o amigo”: a pandemia de covid-19 entre adolescentes de baixa renda. *Revista saúde Pública*.

Resolução CEE n. 27, de 25 de março de 2020. Conselho Estadual de Educação da Bahia, 2020. <http://www.conselhodeeducacao.ba.gov.br/arquivos/File/homologadares272020.pdf>

Costa, L. C. R., Gonçalves, M., Sabino, F. H. O., Oliveira, W. A. de ., & Carlos, D. M.. (2021). Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. *Interface. Comunicação, Saúde, Educação*. DOI: 10.1590/Interface.200801.

Cruz, M.S.R. S., Mota, M.L. & Nascimento, M.A. (2023). NOVO ENSINO MÉDIO: Sentidos e significados para estudantes do Alto Solimões, Amazonas, no contexto da Pandemia da COVID-19. *Nova revista amazônica*.

Dallabrida, M.M., Oliveira, M.S. de. & Arruda, M.P. de. (2023). Educação (remota) on-line e Covid-19: experiência de professores na educação médica mediada por metodologias ativas. *Revista Brasileira De Educação Médica*. DOI: [10.1590/1981-5271v47.1-20220098](https://doi.org/10.1590/1981-5271v47.1-20220098).

Decreto n. 9.057, de 25 de maio, 2017. Regulamenta o art. 80 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm).

Deslandes, S. F., Coutinho, T. (2020). O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência & Saúde Coletiva*. DOI: 10.1590/1413-81232020256.1.11472020.

Farias, F. R. D. & Gomes, B. S. M. R. (2021). O retorno a um “novo normal”: a emergência de um pós-normal em educação?. *Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade*. DOI: [10.9771/re.v10i1.37982](https://doi.org/10.9771/re.v10i1.37982).

Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Artmed.

Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In: M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Org.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (Original publicado em 2000).

Global Education Coalition. (2022). *Education: From COVID-19 school closures to recovery*. Unesco.Ministério da Educação. (2020). *Educação básica: Sinopse estatística da Educação Básica 2022*. Inep.

Global Education Coalition (2022). United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2020). *Sinopse Estatística da Educação Básica*. Inep.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2021). *Indicador de Nível Socioeconômico do Saeb 2021: nota técnica*. Inep.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2022). *Diretoria de Estatísticas Educacionais Censo Escolar 2022. Divulgação dos Resultados*. Inep.

Irecê. (2023). Prefeitura. *Economia: perfil socioeconômico do município de Irecê*. <http://www.pmirece.ba.ipmbrasil.org.br/artigo?codartigo=3258>

Jucá, V. J. S. (2020). *Adolescência, Ensino Médio e projetos de vida na escola pública*. *Estilos da Clínica*. DOI: [10.11606/issn.1981-1624.v25i3p394-406](https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i3p394-406).



Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm).

Leopardi, M.T. (2001) Metodologia da pesquisa em saúde. Pallotti.

Berni, V. L. & Roso, A. (2014). A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. *Psicologia & Sociedade*. DOI: [10.1590/S0102-71822014000100014](https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100014).

Macedo, R. M. (2021). Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. *Estudos Históricos*. DOI: [10.1590/S2178-149420210203](https://doi.org/10.1590/S2178-149420210203)

Marchetti, D., Fontanesi, L., Mazza, C., Di Giandomenico, S., Roma, P., Verrocchio, M.C.(2020). Parenting-Related Exhaustion During the Italian COVID-19 Lockdown. *J Pediatr Psychol*. 2020 Nov 1;45 Doi: [10.1093/jpepsy/jsaa093](https://doi.org/10.1093/jpepsy/jsaa093).

Martin, S. A., Dirks M., Holfeld B., Dryburgh N.S.J., Craig W. (2021). Family relationship quality during the COVID-19 pandemic: The value of adolescent perceptions of change. *Journal of Adolescence*. DOI: [10.1016/j.adolescence.2021.11.005](https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2021.11.005).

Miliauskas, C. R., & Faus, D. P. (2020). Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. *Physis: Revista De Saúde Coletiv*. DOI: [10.1590/S0103-73312020300402](https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300402).

Minayo, M. C. S. (2001). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Vozes.

Ministério da Educação (2022). *Diretoria de Estatísticas Educacionais: Censo Escolar 2022. Divulgação dos Resultados*. Inep.

Ministério da Educação. (2023). *Saeb 2021: Indicador de Nível Socioeconômico - Nota técnica*. Inep.

Ministério do desenvolvimento industrial, comércio e serviço. (2022). *Relatório Anual 2022. BNDES*.

Ministério Público de Santa Catarina. *Cartilha Retorno às Atividades Presenciais na Escola e o Cuidado com a Saúde Mental*. M.P.S.C.

Nascimento, L. P., Santos, J. P. dos. & Siqueira, M. da C. C. de. (2021). Coronofobia e as desordens psíquicas emergentes na pandemia: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*. DOI: [10.51891/rease.v7i10.314](https://doi.org/10.51891/rease.v7i10.314).

Nobre, M. R., Lima, N. L., Grillo, C. F. C., Alzamora, G. C., Neves, M. S. Andrade, L. & Tarcia, L. Geane Carvalho Alzamora, Maralice de Souza Neves, Luciana Andrade, Lorena Tarcia. (2023) What post-pandemic school? SciELO Preprints. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.533.

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (2023). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2022. Comitê Gestor da Internet no Brasil.

Oliveira W. A., Silva J.L., Andrade A.L.M., Micheli D.D, Carlos D.M, Silva M.A.I. (2020). A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. Cad. Saúde Pública 36 (8). DOI: [10.1590/0102-311X00150020](https://doi.org/10.1590/0102-311X00150020).

Oliveira, H. do V. de. & Souza, F. S. d . (2020). Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). Boletim De Conjuntura (BOCA), 2(5), 15–24. DOI: 10.5281/zenodo.3753654.

Organização Pan-Americana da Saúde (2023). OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19. <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referent>

Paiva, V. et al. (2021). Youth and the COVID-19 crisis: Lessons learned from a humanrights-based prevention programme for youths in são paulo,brazil. Global public health. DOI: [10.1080/17441692.2021.1916055](https://doi.org/10.1080/17441692.2021.1916055)

Parent M. C. et al. (2018). Men's Mental Health Help-Seeking Behaviors: An Intersectional Analysis. American Journal of Men's Health. DOI: [10.1177/15579883156257](https://doi.org/10.1177/15579883156257).

Portaria nº 343/2020. De 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/portaria/prt/portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/prt/portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm).

Rossi, L. M., Marcolino, T. Q., Speranza, M. & Cid, M. F. B. (2019). Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. Cadernos De Saúde Pública. DOI: [10.1590/0102-311X00125018](https://doi.org/10.1590/0102-311X00125018).

Segati, A. F.; Jordão, R. S. Os Contextos do Ensino Remoto e Remoto/Presencial sob a Perspectiva dos Alunos do Ensino Médio durante a Pandemia da COVID-19. EaD Em

Foco. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v12i2.1664>.

Silva, R. P & Melo, E. A. (2021). Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo? *Ciência & Saúde Coletiva* DOI: 10.1590/1413-812320212610.10612021.

Silva, T. S. da, Pasqualli, R., & Spessatto, M. B. (2023). DESAFIOS DA IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO: O QUE DIZEM OS PROFESSORES. *Educação Em Foco*, 28(1).

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. (2021). *Panorama da covid-19 na Bahia em 2020*. Salvador: SEI.

Szymanski, H.E., & Cury, V.E. (2004). A pesquisa intervenção em Psicologia da Educação em clínica: pesquisa e prática psicológica. *Revista Estudos de Psicologia*. DOI: [10.1590/S1413-294X2004000200018](https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200018).

Thiollent, M. (2011). *Metodologia da pesquisa-ação*. Cortez.

Trad, L. B. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(3). DOI: 10.1590/S0103-73312009000300013.

Vazquez, D. A., Caetano, S. C., Schlegel, R., Lourenço, E., Nemi, A., Slemian, A., & Sanchez, Z. M.. (2022). Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. *Saúde Em Debate*, 46(133), 304–317. DOI: [10.1590/0103-1104202213304](https://doi.org/10.1590/0103-1104202213304).

World Health Organization. (2020). *Addressing violence against children, women and older people during the COVID-19 pandemic: Key actions*.

Zaeske, L. M , Harris, T.P., Williams, A., Scheibel, G., Long, H. & Kerr, B. A (2023). Creative adolescent experiences of education and mental health during COVID-19: A qualitative study. *Psychology in the schools*. DOI: [10.1002/pits.22734](https://doi.org/10.1002/pits.22734).

Zhou, S. J., Zhang, L. G., Wang, L. L., Guo, Z. C., Wang, J. Q., Chen, J. C., Liu, M., Chen, X., & Chen, J. X. (2020). Prevalence and socio-demographic correlates of psychological health problems in Chinese adolescents during the outbreak of COVID-19. *European child & adolescent psychiatry*. DOI: [10.1007/s00787-020-01541-4](https://doi.org/10.1007/s00787-020-01541-4).



## **4. ARTIGO III – Relatório Técnico - Repercussões da pandemia da covid-19 em adolescentes estudantes de ensino médio: pensando alternativas**

### **4.1. Síntese do Relatório Técnico Conclusivo**

#### **Introdução**

Durante a pandemia de Covid-19, escolas públicas e privadas brasileiras fecharam para controlar a disseminação da doença. Passados mais de três anos desde o início do isolamento social, ainda verificamos impactos na saúde mental, perdas na aprendizagem, danos na socialização e agravos nas percepções subjetivas sobre o processo de travessia adolescente. Portanto, intensificou-se a necessidade de elaborar estratégias de promoção da saúde mental nas escolas.

#### **Objetivo**

Analisar os desafios enfrentados por adolescentes no retorno escolar presencial após a flexibilização das medidas restritivas decorrentes da pandemia de Covid-19, em 2022, e suas repercussões no período presente, bem como as estratégias criadas pelos adolescentes e pela instituição escolar para lidar com as dificuldades encontradas. Apresentar sugestões de intervenções e uma proposta de Projeto de Extensão, visando a promoção de saúde mental escolar na instituição pesquisada.

#### **Métodos**

Realizamos estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, a partir da metodologia de Grupos Focais. Participaram 10 adolescentes matriculados no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Foram realizados 04 Grupos Focais sobre os seguintes temas: 1 - Adolescer na pandemia: desafios e dificuldades; 2 - Pandemia e saúde mental: impactos e estratégias de cuidado; 3 - Escolarização e reabertura escolar: desafios e possibilidades; 4 - Suporte emocional na escola: pensando estratégias de cuidado em saúde mental. Ocorreram quatro encontros semanais em período de contraturno escolar, em colégio estadual localizado em Irecê - BA. Aplicamos questionário sociodemográfico e entrevista semi-estruturada individual com cada participante ao final dos encontros. Os encontros do grupo focal e as entrevistas foram gravados e transcritos. Realizamos Análise de Conteúdo do tipo categorial temática.

#### **Principais resultados**

Dez adolescentes entre 15 e 18 anos participaram, sendo oito de gênero feminino, um de gênero masculino e um não-binário. Quatro relataram enfrentar problemas de saúde mental que emergiram durante a pandemia. A análise de conteúdos dos grupos focais identificou quatro categorias:

1. Desafios pandêmicos: o encontro com o inesperado: Os grupos relataram que a adaptação às mudanças típicas da adolescência se tornou mais complexa devido ao atravessamento pelas circunstâncias pandêmicas. Verbalizaram sentimento de perda de oportunidades de socialização, acarretando em ansiedade social no retorno presencial. Durante o isolamento social, aumentaram a frequência de uso de redes sociais e recorreram a amizades *online*.

2. Implicações no processo ensino-aprendizagem: Os relatos indicaram desigualdade de acesso à educação na pandemia devido à ausência de recursos para participar das aulas *online*. Os que puderam participar, afirmaram dificuldades de adaptação a esse formato, processo que parece ter se agravado diante das dificuldades dos professores, forçados a se adaptarem às novas metodologias de ensino. No retorno presencial, declararam ter sofrido perdas de atenção e concentração, acarretando em problemas de aprendizagem. Relataram perceber inconsistências entre os bons resultados das avaliações de aprendizagem e a autopercepção de que não houve aprendizagem significativa. Por fim, expuseram angústias diante do fim do ciclo do Ensino Básico e das pressões por resultados acadêmicos diante da possibilidade de ingressar no ensino superior. Declararam também sobrecarga por terem que se adaptarem concomitantemente com o Novo Ensino Médio e o Ensino Integrado no momento do retorno presencial.

3. Implicações na Saúde Mental Adolescente: Os grupos relataram perceber aumento dos casos de ansiedade, depressão, fobia social e outros transtornos mentais ao longo da pandemia. Relataram também que o suporte social familiar foi insatisfatório, até pelo contexto de crise pelo qual passavam, também, os adultos, agravando o sofrimento psíquico. A percepção de problemas de saúde mental levou ao aumento da busca por serviços de saúde, mas foram relatadas dificuldades de acesso e continuidade da assistência.

4. Estratégias em Saúde Mental Escolar: Sobre o retorno à sala de aula presencial, os grupos declararam que não receberam suporte emocional adequado. Conforme seus relatos, as atividades presenciais iniciaram como se não tivesse havido a lacuna de quase dois anos de isolamento social em contexto de pandemia. Quando questionados sobre estratégias que a escola poderia utilizar, sugeriram realização de aulas mais dinâmicas, grupos de discussão, equipes de saúde física e mental nas escolas e preparação dos professores para lidarem com situações de crises.

### **Propostas de intervenção**

Diante dos principais achados desta pesquisa, propomos algumas ações que podem ser implementadas pela escola, no sentido de promover a saúde mental dos adolescentes:

- Oferecer espaços de escuta e reflexão grupal para elaboração sobre adolecer na pandemia.
- Facilitar atividades lúdicas com objetivo de promover a socialização entre pares.

- Realizar atividades em sala de aula em duplas ou grupos pequenos, estimulando-se a cooperação e a solidariedade.
- Oferecer revisão de conteúdos anteriores e “aulões” preparatórios em contraturno escolar.
- Adotar metodologias ativas que estimulem a participação e proatividade dos alunos.
- Ofertar formações continuadas para os docentes, para que possam introduzir novas metodologias e tecnologias em seus planejamentos, seja para aulas *online* – caso ainda sejam necessárias em alguns contextos – ou presenciais, considerando-se as dificuldades ainda presentes no retorno escolar.
- Criação de espaços para lazer, socialização e reflexão sobre o planejamento pós-Ensino Médio, refletindo sobre a viabilidade de oferecer orientação vocacional.
- Articular-se com a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do município para viabilizar encaminhamentos mais efetivos, com mecanismos de referência e contrarreferência. Em especial, recomenda-se mobilizar a Atenção Básica que integra a RAPS e tem maior cobertura nos territórios onde os estudantes residem.
- Realizar parcerias com cursos de graduação em saúde, viabilizando estágios e projetos de extensão com objetivo de dar assistência à saúde mental dos estudantes do colégio.
- Estruturar um fluxo de identificação, acompanhamento e encaminhamentos efetivos de alunos que apresentem demandas em saúde mental.
- Promover, de forma continuada, ações de prevenção e promoção de saúde mental para toda a comunidade escolar como palestras, oficinas, grupos reflexivos, atividades de psicoeducação e plantão psicológico.

A partir dos resultados, propomos a realização do projeto de extensão: “Observar, escutar e conectar: grupos reflexivos de adolescentes na promoção de saúde mental escolar”, em parceria entre o colégio e os cursos de Psicologia e Farmácia da Faculdade de Irecê (FAI). O projeto, descrito no último capítulo deste relatório, tem como objetivos específicos: identificar estudantes em sofrimento psíquico; proporcionar um espaço de escuta qualificada e compartilhada, através da troca de experiência entre os participantes; oportunizar aos estudantes intervenções integrais através das práticas integrativas e complementares em saúde (PICs); e direcionar as necessidades específicas relacionadas aos grupos para a RAPS do município, para a Clínica Escola de Psicologia - CEP da FAI e/ou Clínica de Práticas Integrativas da FAI.

#### 4.2. Apresentação

Este Relatório Técnico Conclusivo foi elaborado no âmbito do Mestrado Profissional

em Psicologia da Saúde do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia (IMS/UFBA) e consiste em um produto técnico que visa sintetizar os achados referente à pesquisa empírica intitulada “SAÚDE MENTAL ADOLESCENTE E RETORNO ESCOLAR PRESENCIAL: pensando o adolescer em tempos pandêmicos”.

Seu desenvolvimento se deu para apresentar para a instituição escolar, de forma sintética, as informações mais relevantes observadas no desenvolvimento da pesquisa citada. Isso porque, entende-se que os dados obtidos e analisados podem subsidiar a estruturação de estratégias em saúde mental escolar, sobretudo com as informações específicas do *lócus* de pesquisa e por isso, com maior possibilidade de eficiência. Por fim, no bojo deste Relatório Técnico Conclusivo também será apresentado um projeto de extensão com possibilidade de contribuir com a realidade escolar estudada.

Este Relatório Técnico Conclusivo atende a uma lacuna de uma clara demanda social do segmento adolescente que precisa ter seu bem-estar integral cada vez mais estimulado no ambiente escolar, especialmente no período pós-pandemia, apontando para uma alta demanda de propostas como essa. Entende-se que há uma alta relevância, tendo em vista a avaliação positiva dos estudantes participantes da pesquisa empírica que deu origem a esse produto e a ausência de outras iniciativas. Além disso, enfatiza-se a capacidade de replicação desta proposta, com vistas a alcançar também resultados positivos a nível regional. Esse potencial de expansão deve-se também à mediana complexidade do projeto, que facilita sua implementação por envolver grupos reflexivos, e portanto, uma tecnologia leve, de baixo custo e fácil aplicação.

### 4.3. Introdução

O ambiente escolar exerce importantes funções no desenvolvimento biopsicossocial de crianças e adolescentes, pois mais do que a transmissão do conhecimento, a educação formal propicia a socialização, acesso a direitos e garantia de alimentação para alunos em situação de vulnerabilidade (Fonseca et al., 2020). Além disso, conforme orientações de órgãos internacionais, o ambiente escolar seria o local adequado para a promoção de bem-estar de estudantes, profissionais e familiares, alcançando assim, toda a comunidade escolar (PAHO, 2022).

Na contramão dessas premissas, destacam-se os indicadores de fechamento das escolas públicas e privadas brasileiras durante a pandemia de Covid-19. O Brasil ocupou o segundo lugar em *ranking* mundial nesse quesito (QEDu, 2023). Embora por motivações justificáveis, a saber, o controle da propagação da Covid-19, passados mais de três anos desde o anúncio do



estado pandêmico, ainda contabilizamos os prejuízos da pandemia e do fechamento escolar.

Rossi (2021) analisou que a demora no retorno escolar presencial brasileiro reflete uma conjuntura política e cultural que não prioriza a educação em nosso país. A partir da análise das políticas públicas e da alocação de recursos, percebe-se que a educação não foi vista como prioridade. Isso porque, a imunização dos profissionais da educação somente foi realizada muito tardiamente, assim como não houve investimentos suficientes em infraestrutura, logística e campanhas educativas para tornar as escolas sanitariamente seguras para a comunidade escolar e no menor tempo possível. Ao contrário, a educação foi tratada como um setor que poderia esperar.

Sintetizando os inumeráveis prejuízos que o distanciamento social e o fechamento das escolas causaram na população adolescente, destacam-se: impactos na saúde mental (Gadagnoto et al., 2022), perdas na aprendizagem, fazendo com que, em média, os alunos voltassem nove a quinze meses atrasados em comparação com o nível anterior à pandemia (Unesco, Unicef & World Bank, 2021), danos na socialização, de forma até mais grave do que nos adultos (Oliveira et al., 2020) e agravos nas percepções subjetivas sobre o processo de travessia adolescente (Andrade et al, 2022).

No contexto público, especificamente, Koslinski e Bartholo (2022) apontaram os desafios que a pandemia da Covid-19 acarretou nas redes públicas de ensino em todo o mundo, com impactos na aprendizagem, na saúde mental e no aumento das desigualdades e do abandono escolar.

Com tudo isso, entende-se que, pela complexidade, ineditismo e duração, o contexto de retorno para as escolas após o longo período de fechamento escolar necessita ser compreendido, especialmente quando se torna possível perceber as singularidades regionais, a partir de estudos empíricos capazes de ouvir os principais envolvidos no processo: os estudantes adolescentes.

Nesse contexto, surge a importância de retomar concepções anteriores à pandemia e que já apontavam ser a instituição escolar o espaço ideal para promover ações de saúde para os adolescentes por ser um local em que eles ficam grande parte do tempo, relacionam-se, compartilham experiências e adquirem conhecimentos (Koehler, 2021). Inclusive, a Política Nacional de Promoção de Saúde (Ministério da saúde, 2002) já apontava isso ao destacar a responsabilidade da escola na manutenção do bem-estar e da saúde dos estudantes, a partir de uma perspectiva de saúde integral.

Sendo assim, entende-se ser importante a área de saúde mental escolar que, uma vez organizada na instituição educacional, possa acolher e manejar as demandas emocionais e do processo de ensino-aprendizagem em situações de crise, tal qual a pandemia de Covid-19. E

para isso, pensa-se ser essencial conhecer as narrativas, as percepções e os sentimentos dos próprios alunos, ao tempo que se averigüe a existência, ou não, de políticas de saúde mental escolar estruturadas, ou em fase de estruturação para acolher as demandas da pós-pandemia.

#### **4.4. Objetivos**

##### **4.4.1 Objetivo geral**

Analisar os desafios enfrentados por adolescentes no retorno escolar presencial após a flexibilização das medidas restritivas decorrentes da pandemia de Covid-19, ocorrida em 2022, e suas repercussões no período presente, bem como as estratégias criadas pelos adolescentes e pela instituição escolar para lidar com as dificuldades encontradas.

##### **4.4.2 Objetivos específicos**

1. Apresentar a síntese dos resultados de pesquisa empírica realizada com adolescentes do ensino médio ante ao retorno do ensino presencial em um colégio público no interior baiano.
2. Descrever os desafios decorrentes do retorno escolar presencial no período presencial após a flexibilização das medidas restritivas decorrentes da pandemia de Covid-19.
3. Identificar as demandas de estratégias institucionais referente à saúde mental escolar.
4. Apresentar uma proposta de intervenção, em formato de Projeto de Extensão visando a promoção de saúde mental escolar na instituição pesquisada.

#### **4.5. Método**

O presente trabalho consiste em um Relatório Técnico Conclusivo que integra o produto técnico do Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde da pesquisadora. Objetiva fornecer informações sobre as repercussões da pandemia da Covid-19 em adolescentes estudantes de ensino médio no retorno escolar presencial e as consequências atuais, bem como as estratégias desenvolvidas pelos adolescentes e pela instituição escolar para lidar com as dificuldades encontradas.

##### **4.5.1 Tipo de Estudo**

Foi realizado um estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, a partir da metodologia de Grupos Focais, por ser essa uma metodologia adequada para incentivar o diálogo, a expressão de sentimentos e o compartilhamento de opiniões. É também recomendada para pesquisa de campo, já que, em pouco tempo e com baixo custo, permite uma diversificação

e um aprofundamento dos conteúdos relacionados ao tema de interesse (Trad, 2009).

Foram realizados quatro encontros focais no interior do ambiente escolar, em contrarturno escolar. Os encontros foram gravados e transcritos. Realizou-se Análise de Conteúdo de tipo categorial temática (Bardin, 2016) e seus resultados principais foram sintetizados nesse trabalho com fins de divulgação junto a instituição escolar em que o estudo empírico foi realizado.

#### 4.5.2 Local de estudo

A pesquisa foi realizada no município de Irecê-BA, localizada no Território de Identidade de Irecê, composto por 20 municípios da região Nordeste da Bahia. Irecê possui uma área geográfica de 319,174 km<sup>2</sup> e uma população total de 74.507 habitantes, segundo dados do Censo Demográfico de 2022 (IBGE,2022). O lócus de estudo foi uma unidade de ensino estadual, que oferta o ensino médio nas modalidades de Ensino Regular e Curso Técnico Integrado no município de Irecê - BA. O colégio atende cerca de 1.000 alunos e conta com uma equipe profissional de 31 professores (INEP, 2020). A coleta de dados ocorreu no segundo semestre de 2023, após a qualificação e a aprovação do projeto pela CONEP (Comissão Nacional de Pesquisa com Seres Humanos).

Sendo a pesquisadora também professora em uma instituição de ensino superior do território, houve contato com a instituição de ensino selecionada, e a partir de parcerias realizadas para outros objetivos, foi possível perceber as demandas educacionais e de saúde mental diretamente expressas pelos professores e gestores da instituição de ensino médio. Esse contato prévio permitiu perceber a viabilidade do projeto, assim como a disponibilidade do campo. Também se percebeu a relevância da temática, que se revelou aderente com as demandas reais da realidade escolar, uma vez que se observou, em etapa exploratória, o alto índice de estudantes com transtornos mentais após o período pandêmico.

Vale destacar que, apesar da escola contar com uma equipe de Atendimento Educacional Especializado – AEE, que possui uma psicóloga em sua equipe, o trabalho dessa equipe não acessa a totalidade dos alunos e não contempla as demandas socioemocionais. Diferente disso, o foco de atuação da equipe restringe-se ao acompanhamento de alunos com deficiências e orientações aos professores acerca desse tema.

#### 4.5.3 Participantes

A pesquisa contou com a participação de 10 adolescentes entre 15 e 18 anos, inseridos no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, selecionados por vivenciarem os dois anos de pandemia

matriculados em instituição escolar e por terem vivenciado os desafios do retorno presencial desde 2022.

A amostra foi de tipo não-probabilística e foi utilizada como técnica de recrutamento a divulgação junto aos alunos da unidade escolar e a livre inscrição dos interessados na pesquisa, por ordem de procura, até alcançar o limite de 10 estudantes.

#### 4.5.3 Instrumentos

Foram utilizados múltiplos instrumentos para a produção dos dados, visando realizar a triangulação dos dados. Os instrumentos utilizados foram os seguintes:

1 – Questionário Sociodemográfico (Apêndice 1): foi aplicado antes de se iniciar o Grupo Focal 1 para investigar aspectos sociodemográficos e familiares dos participantes da pesquisa.

2- Grupos Focais (Apêndice 2): atenderam ao objetivo de apreender percepções, opiniões e sentimentos frente a um tema determinado num ambiente de interação. Os grupos de discussão são úteis para pesquisas de campo, permitindo a diversificação e aprofundamento do conteúdo relacionado ao tema de interesse. Para adolescentes, eles possibilitam expressar opiniões autênticas e levantar problemas com base no conhecimento das aspirações do grupo (Trad, 2009).

3 – Entrevista Individual Final (Apêndice 3): o entrevistado foi convidado a falar com certo tempo para reflexão. Para este fim, procurou-se estabelecer uma relação de confiança e segurança entre a entrevistadora e o(a) participante. Vale ressaltar que a entrevista ocorreu de forma individual e presencial, adequando-se às orientações éticas específicas para esse contexto de pesquisa e utilizou-se de um roteiro semi-estruturado, tendo em vista a importância de deixar os adolescentes se expressarem livremente sobre os temas gerais do encontro e relacionados com os objetivos da pesquisa.

#### 4.5.4 Procedimentos

Após autorização pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos e anuência da direção da instituição escolar, foram realizadas as visitas de planejamento e realização dos Grupos Focais, entre os dias 21/09/2023 a 27/10/2023. A pesquisa começou com reuniões com a equipe gestora e a coordenação da escola para obter autorização. Um grupo de 17 representantes de turma foi convidado a participar e a divulgar o estudo em suas respectivas turmas.

Após isso, um grupo de 10 adolescentes demonstrou interesse em participar da pesquisa. Os participantes e seus familiares assinaram os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido

(TALE), Termo de Autorização do Uso de Imagem e Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e responderam ao Questionário Sociodemográfico (Apêndice 1) para obtenção de dados sociodemográficos.

Posteriormente, ocorreram os quatro Grupos Focais, que versaram sobre os seguintes temas: A - Adolescer na pandemia: desafios e dificuldades; B - Bem-estar e saúde mental: impactos e estratégias de cuidado; C - Escolarização e reabertura escolar: desafios e possibilidades; D - Suporte emocional na escola: pensando estratégias de cuidado em saúde mental (Apêndice 2). Ao fim do último encontro foi aplicada a Entrevista Individual Final (Apêndice 3).

#### 4.5.5. Análise de Dados

O estudo utilizou a Análise de Conteúdo, de tipo Categorical Temática de Bardin (2016) para analisar os dados. Os dados da pesquisa foram analisados a partir de três fases: Pré-análise, Exploração do material e Tratamento dos resultados.

### 4.6. Resultados e Discussão

#### 4.6.1 Perfil sociodemográfico dos participantes

Foram selecionados adolescentes de gênero feminino (8), masculino (1) e não-binário (1) que aceitaram livremente responder aos instrumentos de coleta de dados, totalizando 10 adolescentes residentes em Irecê, na zona urbana. A pesquisa também revelou que os participantes têm entre 15 e 18 anos e se identificaram como brancos, pardos ou negros. Além disso, todos os adolescentes são solteiros e sem filhos e apenas três têm religião.

A pesquisa também revelou que a maioria dos adolescentes vive com uma renda familiar de até dois salários mínimos, enquanto alguns possuem uma renda acima desse valor. Em relação ao desempenho acadêmico, dois alunos admitiram terem sido reprovados devido às dificuldades de acompanhar as aulas *online* durante a pandemia, enquanto um aluno reprovou durante o ensino fundamental. Vale destacar que quatro alunos relataram enfrentarem problemas de saúde mental atuais desenvolvidos durante a pandemia.

#### 4.6.2 Análise das transcrições dos encontros dos Grupos Focais

A Figura 1 sintetiza os principais achados dos Grupos Focais, a partir das categorias temáticas construídas a partir da análise de conteúdo. Esses resultados serão detalhados no texto a seguir, levantando-se possibilidades de ação pela instituição escolar. Em referência a unidade

de análise do estudo, as falas destacadas foram identificadas como G1, G2, G3 e G4, relativas ao seu Grupo Focal de origem. Também foram apresentadas sugestões de ações que poderiam ser implementadas pela escola para promover a saúde mental dos adolescentes, a partir das demandas identificadas.

Tabela 5

*Síntese dos Grupos Focais e das sugestões de ações para promoção de saúde mental no ambiente escolar.*

<b>Síntese dos achados</b>	<b>Exemplos de verbalizações pelos adolescentes</b>	<b>Sugestão de estratégias a serem implantadas pela escola</b>
1. Desafios pandêmicos: o encontro com o inesperado		
<p>1.1. Dificuldades em se adaptarem às mudanças típicas da adolescência, que se tornaram mais complexas devido ao atravessamento pelas circunstâncias pandêmicas. Sentimentos de ambivalência: constataram que o confronto com a pandemia os obrigou a amadurecer rapidamente a preocupação com a própria sobrevivência, mas o isolamento social prejudicou a socialização.</p>	<p>Exemplo 1: <i>Ser adolescente é um verdadeiro desafio, ... porque a gente está passando pela mudança do corpo...tem problemas familiares... problemas com nós mesmos (...)</i>é uma porrada de coisa que gera muitos conflitos internos e, às vezes, externos. (G1)</p> <p>Exemplo 2: <i>“Eu acho que [a pandemia] nos forçou a amadurecer mais rápido... você tem que se preocupar com coisas mais importantes, como a sua vida no geral, né?”</i> (G2)</p>	<p>➤ Proporcionar espaços de escuta e reflexão em grupo para elaboração sobre ser adolescente na pandemia.</p>
<p>1.2. Sentimento de perda de oportunidades de socialização, acarretando em ansiedade social no retorno presencial. Recorreram ao aumento da frequência de uso das redes sociais e amizades <i>online</i> como alternativa.</p>	<p>Exemplo 3: <i>“Eu sinto que a pandemia meio que congelou essa fase nossa, eu tinha problemas que eu ia resolver ao longo dos anos e a pandemia meio que parou.”</i> (G2)</p>	<p>➤ Facilitar atividades lúdicas com objetivo de promover a socialização entre pares.</p> <p>➤ Realizar atividades em sala de aula em duplas ou grupos pequenos, estimulando a cooperação e a solidariedade.</p>

Síntese dos achados	Exemplos de verbalizações pelos adolescentes	Sugestão de estratégias a serem implantadas pela escola
1.3. Suporte social familiar insuficiente agravou o sofrimento psíquico.	<p>Exemplo 4: <i>“Ninguém tinha ficado dentro de casa. (...) Então foi um momento difícil e que a gente deveria ter tido mais apoio dos nossos pais, mas eu acho que a gente não recebeu.” (G2)</i></p> <p>Exemplo 5: <i>“A comunicação da família foi péssima, acho que pra todo mundo. Foi sobrecarregando todo mundo.” (G2)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Realizar atividades com os familiares dos estudantes sobre a importância das relações familiares na adolescência.</li> <li>➤ Realizar ações de combate à psicofobia e ao estigma em saúde mental</li> </ul>
1.4. Angústias diante do fim do ciclo do Ensino Básico (fim do “terceirão”) e das pressões por resultados acadêmicos diante da possibilidade de ingressar no ensino superior.	<p>Exemplo 6: <i>“São mais ou menos 16 anos com a mesma rotina, todos os dias. E simplesmente daqui 2 meses vai acabar (...) É uma coisa muito doida.” (G1)</i></p> <p>Exemplo 7: <i>“Eu não sei se eu vou conseguir passar em alguma coisa, ... o que eu vou ser ano que vem?...vem aquela questão de estar atrasada, porque faltam 2 meses para as aulas acabarem.”(G1)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Criação de espaços para lazer, socialização e reflexão sobre o planejamento pós-Ensino Médio, refletindo sobre a viabilidade de oferecer orientação vocacional.</li> <li>➤ Realizar atividades integradas junto à disciplina de Projeto de Vida do NEM.</li> </ul>
<b>2. Implicações no processo de ensino-aprendizagem</b>		
2.1. Desigualdade de acesso à educação na pandemia, devido à ausência de recursos para participar de aulas <i>online</i> .	Exemplo 8: <i>“no meu caso, nas aulas online, praticamente não participei de nenhuma porque eu não tinha internet direito naquela época. Então não participei muito bem das aulas online.” (G3)</i>	➤ Oferecer aulas de revisão de conteúdos anteriores e “aulões” preparatórios em contraturno escolar.



Síntese dos achados	Exemplos de verbalizações pelos adolescentes	Sugestão de estratégias a serem implantadas pela escola
<p>2.2. Dificuldades de adaptação ao ensino remoto e perda de atenção e concentração no retorno ao ensino presencial, acarretando em problemas de aprendizagem. Percepção de inconsistências entre os bons resultados das avaliações de aprendizagem e a autopercepção de que não houve aprendizagem significativa.</p>	<p>Exemplo 9: <i>“E aí eu senti que depois que eu voltei para o presencial eu não consegui ter a mesma capacidade de concentração na sala de aula como tinha antes. Então eu senti dificuldade.” (G3)</i></p> <p>Exemplo 10: <i>“... aí eu fico, agora, de ficar distraído umas aulas. Eu não tinha isso antes da pandemia.” (G3)</i></p>	<p>➤ Adotar metodologias ativas que estimulem a participação e proatividade dos alunos.</p>
<p>2.3. Impactos das dificuldades dos professores e alunos no processo de adaptação às novas metodologias de ensino.</p>	<p>Exemplo 11: <i>“Os professores eram muito importantes no quesito da gente querer assistir a aula. E tinha muitos ... que não entendiam isso... na aula online a gente tinha outras opções...eles precisavam fazer aulas mais dinâmicas para a gente se interessar.”(G3)</i></p>	<p>➤ Ofertar formações continuadas para os docentes para que possam introduzir novas metodologias e tecnologias em seus planejamentos, sejam para aulas <i>online</i> – caso ainda sejam necessárias em alguns contextos – ou presenciais, considerando-se as dificuldades ainda presentes no retorno escolar.</p>

Síntese dos achados	Exemplos de verbalizações pelos adolescentes	Sugestão de estratégias a serem implantadas pela escola
<p>2.4. Dificuldades diante da adaptação ao Novo Ensino Médio e ao Ensino Integrado, concomitante com o retorno escolar presencial.</p>	<p>Exemplo 12: <i>Eu acho que eles jogaram muita coisa ao mesmo tempo, não levaram em consideração que os alunos estavam voltando de uma pandemia, (...) Então, foi muita adaptação. Querendo ou não, eles jogaram o novo ensino médio, assim, no colo. (G3)</i></p> <p>Exemplo 13: <i>Uma das coisas assim que me prejudicou muito assim, é porque foi uma coisa, um novo ensino muito novo, tanto para os alunos quanto para o colégio (...) Ano passado eram 10 matérias, esse ano são 22. (G4)</i></p>	<p>➤ Ofertar espaços de escuta e discussão com os estudantes sobre as mudanças na formação.</p>
<p>3. Implicações na Saúde Mental Adolescente</p>		
<p>3.1. Percepção de aumento dos casos de ansiedade, depressão, fobia social e outros transtornos mentais.</p>	<p>Exemplo 14: <i>“Todo mundo aumentou a ansiedade e preocupação com o amanhã.” (G2)</i></p> <p>Exemplo 15: <i>“...eu não tenho o costume de sair de casa, eu tenho e agravou a minha fobia social durante a pandemia é...” (G1)</i></p>	<p>➤ Promover, de forma continuada, ações de prevenção e promoção de saúde mental para toda a comunidade escolar como palestras, oficinas, grupos reflexivos, atividades de psicoeducação e plantão psicológico.</p>

Síntese dos achados	Exemplos de verbalizações pelos adolescentes	Sugestão de estratégias a serem implantadas pela escola
3.2. Aumento da busca por serviços de saúde e dificuldades de acesso e assistência.	<p>Exemplo 16: <i>“Eu cheguei a fazer psicólogo, só que eu tive que parar porque se mudou para um lugar muito longe e eu simplesmente não tenho como ir ... e a minha família também não tem condições de pagar um psicólogo.” (G1)</i></p> <p>Exemplo 17: <i>“Lá no CAPS mesmo, eu faço acompanhamento psicológico (...) com psiquiatra e com o psicólogo.” (G1)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Articular-se com a Rede de Atenção Psicossocial- RAPS do município para viabilizar encaminhamentos mais efetivos, com mecanismos de referência e contrarreferência. Em especial, recomenda-se mobilizar a Atenção Básica, que integra a RAPS e tem maior cobertura nos territórios onde os estudantes residem.</li> <li>➤ Realizar parcerias com cursos de graduação em saúde, viabilizando estágios e projetos de extensão com objetivo de dar assistência à saúde mental aos estudantes do colégio.</li> </ul>
3.3 O momento do retorno escolar presencial, por exemplo, revelou-se preditor de novos desafios dando origem a novos sintomas frente ao que se colocou como o “Novo Normal”.	<p>Exemplo 18: <i>“Eu tenho um avô, eu não moro com ele, mas costumo visitar ele ... e eu ficava assim, ‘eu vou pra escola, eu vou ver ele, eu vou passar e já era, vai ser culpa minha’, aí então eu fiquei um bom tempo. Assim, assustada, entendeu?” (G1)</i></p> <p>Exemplo 19: <i>“É, e eu também fiquei assim e tanto que muitas das próprias pessoas na minha casa falavam tipo assim, ‘Ah, larga de ser besta, já acabou, né?’ Só que eu não conseguia, eu demorei um bom tempo.” (G1)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Oferecer orientações e atividades de promoção de saúde mental de maneira continuada no ambiente escolar.</li> </ul>
4. Estratégias em saúde mental escolar		

Síntese dos achados	Exemplos de verbalizações pelos adolescentes	Sugestão de estratégias a serem implantadas pela escola
4.1. No retorno à sala de aula presencial, os estudantes declararam que não receberam o suporte emocional adequado.	<p>Exemplo 20: <i>“Estava tentando lembrar, né? Nossa, teve alguma coisa, não! Tipo chegou e disse, ó alô, voltou como se nada tivesse acontecido.” (G4)</i></p> <p>Exemplo 21: <i>“Foi como se a gente tivesse tido voltado do feriado.” (G4)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Dispor de equipe em saúde mental escolar para realizar os acompanhamentos adequados.</li> </ul>
4.2. Os próprios estudantes sugeriram estratégias: realização de aulas mais dinâmicas; grupos de discussão; equipes de saúde física e mental nas escolas; preparação dos professores para lidarem com situações de crises.	<p>Exemplo 22: <i>“Eu acho que é aquele lance dos professores terem um preparo. Como saber lidar com os alunos em caso de crise? E ...aulas mais dinâmicas.” (G4)</i></p> <p>Exemplo 23: <i>“Eu acho que seria legal ter ... uma espécie de uma pessoa da saúde física, não só da saúde mental ... Então era pra ter uma equipe de saúde, uma enfermaria.” (G4)</i></p> <p>Exemplo 24: <i>“Eu acho que as escolas têm meio que colocar psicólogos (...) nesse começo eu acho que deveria ter mais de um, entendeu?” (G4)</i></p> <p>Exemplo 25: <i>“não precisa o psicólogo conversar com aluno por aluno .... eu acho que seria legal assim, um grupo.” (G4)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Estruturar um fluxo de identificação, acompanhamento e encaminhamentos efetivos de alunos que apresentem demandas em saúde mental.</li> <li>➤ Promover, de forma continuada, ações de prevenção e promoção de saúde mental para toda a comunidade escolar como palestras, oficinas, grupos reflexivos, atividades de psicoeducação e plantão psicológico.</li> <li>➤ Estimular as ações do PSE – Programa Saúde na Escola na instituição escolar e priorizar ações voltadas para a Saúde Mental.</li> <li>➤ Inserir psicólogos escolares na equipe.</li> </ul>

#### 4.6.3 Desafios pandêmicos: o encontro com o inesperado

Nessa categoria, foram sintetizadas as narrativas adolescentes sobre os desafios gerais no enfrentamento da Pandemia de Covid-19. Os participantes sentiram dificuldades em lidar com as incertezas da pandemia, juntamente com as questões específicas da fase adolescente, vista como uma transição para a vida adulta, mas também como fruto de receios e dúvidas.

Em relação ao processo de adolescência, os participantes mencionaram significados de desafios, amadurecimento, transição entre fases e expectativas sociais. Percebeu-se que os adolescentes descreveram muitas mudanças enfrentadas nessa fase nos aspectos físicos, emocionais e sociais. Afirmaram, ainda, sentimentos de ambivalência em relação ao amadurecimento necessário para atender às expectativas sociais, pois ora se sentem impulsionados pela pandemia a amadurecerem mais rápido, e ora pensam ter sido prejudicados, impedidos de amadurecer devido ao isolamento social.

Com o final do ano se aproximando, os alunos do chamado “Terceirão”, como os alunos se referem ao 3º ano do Ensino Médio, mostraram-se pressionados a alcançarem resultados acadêmicos expressivos. Assim, o término do ensino médio tem sido cercado por medos e incertezas, pois os adolescentes, que tiveram toda a sua vida organizada em torno da rotina escolar, vêem o fim desse ciclo a partir das incertezas sobre o futuro.

Devido às restrições impostas pela pandemia, as interações sociais foram reduzidas, resultando em um aumento do convívio familiar e em desafios subsequentes. Durante esse período, os adolescentes enfrentaram dificuldades em lidar com as mudanças nas rotinas e muitas vezes não receberam o suporte familiar necessário.

Além disso, a socialização, uma das principais competências desenvolvidas durante a adolescência, foi severamente afetada pelo distanciamento social. Como resultado, muitos adolescentes recorreram ao aumento da frequência de uso das redes sociais e amizades *online*.

#### 4.6.4 Implicações no processo de ensino-aprendizagem

Os participantes também relataram desafios e impactos no processo educativo propriamente dito, tanto no ensino emergencial, como no híbrido e no presencial. Foi constatada a desigualdade de acesso à educação durante esse período, o que tem afetado o desempenho dos alunos no pós-pandemia. A pesquisa mostrou que alguns estudantes não tinham acesso à *internet* adequada durante as aulas remotas e sentiram-se prejudicados.

Os participantes também relataram dificuldades de concentração e adaptação durante o ensino emergencial, visto que era uma experiência nova para muitos alunos. Outros, por sua vez, revelaram dificuldades no retorno presencial, pois a essa altura já estavam habituados às aulas *online* e despreparados para o retorno à rotina de aulas presenciais.

Outro tema que emergiu foi a questão da avaliação, pois embora alguns participantes tenham alcançado notas expressivas, eles sentiram que não estavam aprendendo de forma adequada. Logo, foi observada uma inconsistência entre os resultados das avaliações e a autopercepção quanto à aprendizagem significativa. Também foram mencionadas as dificuldades dos professores no processo de adaptação às novas metodologias de ensino durante o período remoto. Nesse sentido, ressalta-se que o corpo docente também estava submetido à incertezas e novas exigências, apontando uma conjuntura educacional de desafios que envolveu todos os atores do campo educacional.

No ensino híbrido, as principais dificuldades relatadas foram relacionadas à socialização, pois as turmas eram divididas e os alunos assistiam às aulas em horários diferentes, o que gerou desafios de adaptação tanto para os professores, quanto para os alunos. O retorno ao ensino presencial, por sua vez, foi descrito como um momento em que as dificuldades e perdas dos períodos anteriores foram sentidas de forma mais acentuada, incluindo conteúdos não vistos ou aprendidos, dificuldades de concentração, aprendizagem e problemas de socialização.

Outro tema que emergiu, apesar de não constar entre os objetivos foram as dificuldades diante da adaptação ao Novo Ensino Médio e ao Ensino Integral, que ocorreram concomitante com o retorno escolar presencial.

#### 4.6.5 Implicações na Saúde Mental Adolescente

Outra importante categoria versou sobre os impactos da pandemia de Covid-19 na saúde mental adolescente. A Pandemia de Covid-19 causou um aumento significativo nos casos de transtornos mentais, como ansiedade e depressão, estresse e agressividade, além de haver maior risco para ideação ou comportamentos suicidas (Oliveira et al, 2020). Esses dados tem sido observado principalmente entre os adolescentes e também foi constatado no grupo estudado.

Foi percebido que o fechamento das escolas afetou a socialização e as rotinas diárias dos participantes da pesquisa por um longo período. Além disso, eles narraram sentir falta de suporte social familiar, além de revelarem insegurança e medo em relação ao futuro que causaram sofrimento psíquico.

Alguns participantes buscaram serviços de saúde mental para lidar com esses impactos e ainda continuam em acompanhamento psicológico ou psiquiátrico. No entanto, nem todos têm acesso a esses serviços devido a questões financeiras ou falta de profissionais disponíveis. A pandemia enfatizou a importância da saúde mental e levou a um aumento na procura por assistência.

#### 4.6.6 Estratégias em saúde mental escolar

Nesta categoria, discutiram-se as narrativas que tratavam da importância do apoio em saúde mental nas escolas no período pós-pandêmico. A análise das verbalizações do grupo revelou que o retorno à sala de aula após um longo período de afastamento levou à percepção, pelos estudantes, de que suas demandas emocionais não foram acolhidas e que não ocorreu um planejamento em relação à atenção à saúde mental.

Vale esclarecer que o colégio conta com uma equipe de Atendimento Educacional Especializado – AEE, que, dentre outros profissionais, conta também com uma psicóloga. No entanto, os objetivos de trabalho são bem distintos do que se discute nesse relatório, pois se voltam para o acompanhamento dos alunos com deficiências e orientações aos professores acerca desse tema. Assim, chama a atenção que, dos participantes da pesquisa, apenas um conhecia a psicóloga que presta serviço na instituição. Essa por estar apresentando muitas dificuldades de aprendizagem, com acompanhamento psicológico e psiquiátrico, recebeu o suporte do serviço de AEE e sentiu-se bem acolhida por ele.

Apesar de um importante papel, o trabalho da equipe de AEE não é conhecido pelo público escolar em geral, que apresenta demandas de ordem socioemocionais. Os demais participantes da pesquisa ficaram surpresos com a informação e curiosos para que pudessem acessar a profissional, apontando o quanto consideram importante o papel do psicólogo na escola para abordagens preventivas e integrais.

Para lidar com esse cenário, foram discutidas estratégias sugeridas pelos próprios alunos. Eles destacaram a importância dos professores estarem preparados para lidar com crises, sugeriram ações como a realização de aulas mais dinâmicas e a reserva de tempo para ouvi-los, além da presença de equipes de saúde física e mental nas escolas.

Quanto às estratégias de atenção à saúde e as metodologias a serem adotadas, os alunos sugeriram atividades em pequenos grupos para haver participação e troca de experiências entre eles. Em suma, foi relatada a necessidade de oferecer apoio em saúde mental nas escolas, considerando especialmente os desafios enfrentados pelos alunos durante a pandemia e com a presença de psicólogos no ambiente escolar.

A partir dos resultados alcançados e a percepção da dificuldade da instituição escolar em ofertar medidas de Suporte Escolar Emocional imediatas, pensou-se na estruturação de um Projeto de Extensão a ser apresentado à gestão escolar para sua implementação no semestre seguinte. O projeto visa utilizar os recursos disponíveis no território a partir de uma parceria anterior entre a Instituição Escolar e a Instituição de Ensino Superior com a qual a pesquisadora

principal tem vínculo empregatício.

#### **4.7 Proposta De Intervenção: Projeto De Extensão “Observar, Escutar e Conectar: Grupos Reflexivos de Adolescentes na Promoção de Saúde Mental Escolar”**

##### **4.7.1 Introdução**

A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus e, em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou seu *status* de pandemia mundial, devido à sua disseminação em várias regiões e países do mundo. Em virtude de seu alto potencial de transmissão, recomendou-se o distanciamento social para conter a propagação do vírus (OPAS, 2020) e essas medidas afetaram o campo educacional, pois foi necessário fechar as escolas por longos períodos.

Nesse contexto, o projeto de extensão extracurricular "Observar, escutar e conectar: grupos reflexivos de adolescentes na promoção de saúde mental escolar" pretende conduzir um trabalho grupal com as/os estudantes do colégio estadual de ensino médio de Irecê-BA, considerando os desafios que enfrentaram e ainda enfrentam em decorrência do distanciamento social e fechamento das escolas durante a pandemia de Covid- 19.

A proposta baseia-se nas orientações para os primeiros cuidados psicológicos no ambiente escolar frente às situações emergenciais recomendados pela OPAS (2015). Essa abordagem considera três princípios básicos: 1- Observar a situação respeitosamente e sem julgamentos, olhando para o sujeito em sofrimento e para o contexto; 2- Escutar ativamente as preocupações e necessidades, estimulando a formação de vínculos; 3- Aproximar-se das pessoas, ofertando ajuda para se conectar com o próximo e encontrar soluções para os problemas. Tais recomendações parecem adequar-se perfeitamente ao cenário de crise pós-pandêmica.

O *locus* de intervenção do projeto será, inicialmente, um colégio estadual, que oferece o ensino médio nas modalidades de Ensino Regular e Curso Técnico Integrado no município de Irecê, possui cerca de 1.000 alunos e uma equipe profissional de 31 professores (INEP, 2020). Futuramente, após avaliação dessa etapa preliminar, pode-se expandir o projeto para outros colégios do município de Irecê, contando com psicólogas/os escolares e estagiárias/os de psicologia após realização de ação de capacitação.

Como justificativa para a elaboração deste projeto, destacam-se os diversos desafios levantados pelos estudantes no retorno escolar presencial após a flexibilização das medidas repositivas de controle da pandemia de Covid-19. Além disso, vale ressaltar a inexistência de



uma política institucional para suporte emocional dos estudantes e a viabilidade de direcionar as parcerias já existentes entre o Colégio Estadual e a Faculdade de Irecê (FAI), instituição com a qual a pesquisadora possui vínculo trabalhista.

Dessa maneira, este Projeto de Extensão propõe a realização de grupos reflexivos com estudantes e será desenvolvido pela pesquisadora em sua função como docente da Disciplina de Ênfase II – Psicologia e Processos Institucionais e Sociais, junto ao 8º Semestre do Curso de Bacharelado em Psicologia da FAI. Além disso, o projeto será inscrito junto ao Núcleo de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão (NUPPEX) da FAI, para poder selecionar um/a docente e quatro estudantes extensionistas do Curso de Farmácia da FAI para participação no projeto. A parceria entre os cursos de Psicologia e Farmácia visa trabalhar numa perspectiva interdisciplinar de Clínica Ampliada e contemplar as sugestões dos alunos que apontaram a necessidade de terem momentos mais dinâmicos e voltados para a saúde física e mental.

O pré-requisito para a participação dos discentes da FAI no projeto é que estejam cursando a partir do 8º semestre e tenham cumprido os créditos das disciplinas básicas ao longo do curso. O projeto será executado semestralmente, em parceria formalizada com o Colégio Estadual de Ensino Médio, mediante Convênio de Estágio. Para este projeto serão destinadas até 04 (oito) vagas para os estudantes de Farmácia e 01 (uma) vaga para docente do curso de Farmácia. No curso de Psicologia, a atividade envolverá a docente da disciplina e outros alunos matriculados na disciplina de Ênfase II, até o limite de 04 (quatro) discentes.

As horas dedicadas ao projeto serão pontuadas como horas de atividades complementares para os participantes do curso de Farmácia e como carga horária da disciplina de Ênfase II para os participantes do Curso de Psicologia. O projeto terá duração semestral.

#### **4.7.2 Objetivos**

##### Objetivo geral

- Desenvolver “Grupo reflexivos sobre saúde mental escolar” para as/os estudantes do Colégio Estadual de Ensino Médio de Irecê-Ba.

##### Objetivos específicos

- Realizar o levantamento de estudantes em sofrimento psíquico no período de pós-pandemia;
- Proporcionar um espaço de escuta qualificada e compartilhada, através da troca de experiência entre os participantes;
- Oportunizar aos estudantes intervenções integrais através das práticas integrativas e complementares em saúde (PICs);
- Direcionar as necessidades específicas relacionadas aos grupos para a rede de serviços

em saúde mental do município, para a Clínica Escola de Psicologia - CEP da FAI e/ou Clínica de Práticas Integrativas da FAI.

#### 4.7.3 Método

Serão realizados encontros grupais, nos quais serão trabalhados temas relacionados à saúde mental e física dos estudantes.

Para a implementação do projeto, foram estabelecidas algumas etapas:

- Etapa 01 - Apresentação: o projeto será apresentado à direção e coordenação escolar do referido colégio para apreciação da proposta, autorização e sugestões para sua execução;
- Etapa 02 - Momento Formativo: Serão desenvolvidos momentos formativos com os professores e equipe pedagógica da referida escola sobre a Saúde Mental Escolar visando prepará-los para identificar e encaminhar demandas de sofrimento psíquico entre os estudantes. Serão realizados quatro encontros com as seguintes temáticas: 1 – Saúde Mental Escolar - Conhecendo os transtornos mentais; 2 - Saúde Mental Escolar - Identificando e encaminhando estudantes em sofrimento psíquico; 3 - Promovendo a Saúde Mental em Sala de aula: metodologias ativas; 4 - Como promover saúde na escola? O uso dos espaços escolares.
- Etapa 03 - Diagnóstico: nessa etapa ocorrerá o levantamento das demandas relacionadas a saúde mental e física dos estudantes e ocorrerá, mediante a aplicação de questionário específico junto aos docentes sobre as demandas principais que possam ser trabalhadas nos grupos com os alunos;
- Etapa 04 - Divulgação e Mobilização: nessa etapa os professores e a equipe do Projeto promoverão a divulgação da proposta e a inscrição voluntária de alunos disposta/os a participarem de todas as demais etapas do projeto.
- Etapa 05 - Realização dos Encontros: nessa etapa serão realizados os encontros. O projeto acontecerá no formato de ciclo terapêutico, que será organizado da seguinte forma: 10 (dez) encontros semanais, durante o período de 04 (quatro) meses – relativo ao semestre letivo. Cada encontro terá duração de uma hora e trinta minutos, e será conduzido por docente e discentes dos cursos de Psicologia e Farmácia da FAI. O grupo será composto por 10 estudantes voluntários. Conforme o projeto alcance seus objetivos, ele poderá ser ampliado nos próximos semestres, alcançando um número maior de estudantes. Os encontros acontecerão em sala de aula disponibilizada pela instituição escolar, em dia e horário a definir com o grupo participante, com periodicidade semanal. Nesses encontros serão desenvolvidas atividades reflexivas e socioemocionais, bem como intervenções mediadas

por Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICs). As chamadas PIC's consistem em um conjunto de sistemas e recursos que promovem a promoção integral do cuidado, com a ênfase no autocuidado e na visão ampliada do processo saúde-doença. Para isso, estimula-se a construção de um ambiente acolhedor que priorize a escuta atenta, o vínculo terapêutico, a integração do indivíduo com o meio ambiente e a sociedade e a autonomia das pessoas na busca do bem-estar (Ministério da Saúde, 2015).

- Etapa 06 – Avaliação: após a finalização do projeto, os mediadores aplicarão um Questionário de Avaliação com o público-alvo para analisar como foi a experiência dos participantes no projeto.
- Etapa 07 – Encaminhamento: Caso seja verificada a necessidade, durante a realização ou após a conclusão do projeto, estudantes poderão ser encaminhados para acompanhamento no Centro de Especialidades Médicas - CEM, equipamento municipal que oferta atendimentos psicológicos, na Clínica Escola de Psicologia – CEP da Faculdade Irecê-FAI e/ou Clínica de PICs do curso de Farmácia da FAI.
- Etapa 08 – Relatório Conclusivo: Nessa última etapa será elaborado um Relatório Conclusivo da implantação do Projeto de Extensão no colégio parceiro e o planejamento para formação de multiplicadores e expansão do projeto para o âmbito regional. Para isso, o Relatório Conclusivo e o Projeto de Extensão serão apresentados ao Núcleo Territorial de Educação - NTE - 01 Irecê, que responde pela gestão dos colégios estaduais no Território de Irecê.

Abaixo segue o cronograma geral das etapas mencionadas anteriormente.

Tabela 6  
*Cronograma das Etapas do Projeto*

ETAPA	ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL
Etapa 01	Apresentação do Projeto à gestão escolar.	Pesquisadora Fabiana Maria	Colégio Estadual
Etapa 02	Momento formativo para os docentes e equipe pedagógica sobre Saúde Mental Escolar com material estruturado	Docentes e discentes da FAI	Colégio Estadual
Etapa 03	Levantamento das demandas juntos aos docentes.	Docentes e discentes da FAI	Colégio Estadual
Etapa 04	Divulgação e Mobilização dos alunos voluntários.	Docentes e discentes da FAI	Colégio Estadual
Etapa 05	Realização dos encontros em grupo.	Docentes e discentes da FAI	Colégio Estadual
Etapa 06	Avaliação do Projeto junto ao público-alvo	Docentes e discentes da FAI	Colégio Estadual

Etapa 07	Encaminhamentos para a RAPS, quando necessário.	Docentes e discentes da FAI	Rede de Saúde Mental de Irecê - Ba; Clínica Escola de Psicologia - FAI; Clínica de Práticas Integrativas da FAI
Etapa 08	Elaboração de relatório conclusivo e planejamento para formação de multiplicadores e expansão do projeto para o âmbito regional.	Pesquisadora e docentes da FAI	Núcleo Territorial de Educação – NTE 01 - Irecê

Nota.Fonte: Autoria própria (2023)

#### 4.7.4 Cronograma de execução do trabalho

Segue o cronograma de execução do projeto que ocorrerá ao longo do semestre, com as temáticas sugeridas a partir das demandas levantadas na pesquisa empírica. Destaca-se que esse planejamento está sujeito a alterações, tendo em vista que podem surgir novas demandas ao longo do desenvolvimento do projeto. As atividades descritas como Práticas Integrativas e Complementares em Saúde - PICs serão desenvolvidas a partir das seguintes atividades: ventosaterapia, massagem auricular, aurículo-terapia, acupuntura, reflexologia e aromaterapia.

Tabela 7

*Cronograma de execução do Grupo Reflexivo*

<b>AÇÃO</b>	<b>TEMA</b>	<b>RECURSOS</b>	<b>RESPONSÁVEIS</b>
1º Encontro	Momento formativo para os professores e equipe sobre Saúde Mental Escolar - Conhecendo os transtornos mentais.	Notebook e Datashow.	Docentes e discentes da FAI.
2º Encontro	Momento formativo para os professores e equipe sobre Saúde Mental Escolar - Identificando e encaminhando estudantes em sofrimento psíquico.	Notebook e Datashow.	Docentes e discentes da FAI.
3º Encontro	Momento formativo para os professores e equipe sobre: Promovendo a Saúde Mental em Sala de aula com metodologias ativas.	Notebook e Datashow.	Docentes e discentes da FAI.
4º Encontro	Momento formativo para os professores e equipe sobre: Como promover saúde na escola? O uso dos espaços escolares.	Notebook e Datashow.	Docentes e discentes da FAI.

5º Encontro	Apresentação da proposta, apresentação dos participantes. Dinâmica de grupo.	Recursos audiovisuais, corte, colagem, dinâmicas, textos, músicas.	Docentes e discentes da FAI.
6º Encontro	Adolescer na pandemia: desafios e dificuldades	Recursos audiovisuais, corte, colagem, dinâmicas, textos, músicas.	Docentes e discentes da FAI.
7º Encontro	Atendimento integrativo (PICS)	Maca, óleo essencial, agulhas de acupuntura, Semente de mostarda e Fita micropore.	Docentes e discentes da FAI.
8º Encontro	Bem-estar e saúde mental: impactos e estratégias de cuidado	Recursos audiovisuais, corte, colagem, dinâmicas, textos, músicas.	Docentes e discentes da FAI.
9º Encontro	Atendimento integrativo (PICS)	Maca, Óleo essencial, agulhas de acupuntura, Semente de mostarda e Fita micropore.	Docentes e discentes da FAI.
10º Encontro	Escolarização e reabertura escolar: desafios e possibilidades	Recursos audiovisuais, corte, colagem, dinâmicas, textos, músicas.	Docentes e discentes da FAI.
11º Encontro	Atendimento integrativo (PICS)	Maca, Óleo essencial, agulhas de acupuntura, Semente de mostarda e Fita micropore.	Docentes e discentes da FAI.
12º Encontro	Educação emocional e Autocuidado	Recursos audiovisuais, corte, colagem, dinâmicas, textos, músicas.	Docentes e discentes da FAI.
13º Encontro	Atendimento integrativo (PICS)	Maca, Óleo essencial, agulhas de acupuntura, Semente de mostarda e Fita micropore.	Docentes e discentes da FAI.
14º Encontro	Encerramento do Grupo Reflexivo, encaminhamentos e aplicação do Questionário de Avaliação.	Cofee break, Notebook e Datashow.	Docentes e discentes da FAI.

Nota. Fonte: Autoria própria (2023)

#### 4.7.5 Parcerias

O projeto de extensão: “Observar, escutar e conectar: grupos reflexivos de adolescentes na promoção de saúde mental escolar” surge como parte do Produto Técnico da dissertação do Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde, da UFBA- IMS de título SAÚDE MENTAL

ADOLESCENTE E RETORNO ESCOLAR PRESENCIAL: pensando o adolescer em tempos pandêmicos”. Para seu desenvolvimento, o projeto contará com a parceria de um Colégio Estadual de Ensino Médio de Irecê-BA, a Faculdade Irecê – FAI, através dos Cursos de Bacharelado em Psicologia e Farmácia, a Clínica Escola de Psicologia – CEP do curso de Psicologia, a Clínica de Práticas Integrativas em Saúde do curso de Farmácia e o Núcleo de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão (NUPPEX) da FAI.

#### 4.7.6 Previsão de recursos materiais e financeiros

Para a realização do Grupo Reflexivo será necessária a utilização de uma sala de aula do referido colégio, em contraturno escolar e em horário previamente acordado com os participantes do projeto. Além disso, serão necessárias, também, supervisões e orientações para os discentes que integrarão o projeto, com a disponibilidade de 2h (duas horas) semanais para os docentes/coordenadores do projeto realizarem as reuniões de supervisão do projeto na FAI.

Abaixo, segue a relação orçamentária de materiais que serão utilizados nos Grupos Reflexivos no período de 01 (um) semestre. Vale ressaltar que os materiais do projeto serão custeados pela Faculdade Irecê (FAI).

Tabela 8  
*Materiais necessários para a execução do Projeto.*

ITEM	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	TOTAL
Óleo essencial de lavanda	05 fracos de 10ml	R\$ 30,00	R\$150,00
Algodão	01 pacote de 500g	R\$ 27,99	R\$ 27,99
Agulhas de acupuntura	02 caixas com 1.000 agulhas	R\$ 140,00	R\$ 280,00
Óleo vegetal de amêndoas	02 fracos de 120ml	R\$ 37,99	R\$ 75,98
Semente de mostarda	03 caixas de semente ponto auricular	R\$ 36,99	R\$ 110,97
Canetas coloridas	01 caixa	R\$ 37,99	R\$ 37,99
Folha de papel sulfite	01 resma	R\$ 26,89	R\$ 26,89
Folha de cartolina	01 pacote com 50 unidades	R\$ 78,00	R\$ 78,00
TOTAL			R\$ 787,82

*Nota.*Fonte: Autoria própria (2023)

#### 4.8 Considerações finais

Os resultados apontaram que a pandemia impactou os adolescentes pesquisados no tocante à experiência de tornarem-se adolescentes, sobre seus processos educativos e os padrões de socialização com a família e pares, observando-se, em alguns casos, o surgimento de sintomas de adoecimento psíquico. Foi visto que esses impactos ainda reverberam atualmente, tendo em vista que, até o momento, o setor educacional ainda busca se organizar para oferecer aos alunos uma estratégia de acolhimento em saúde mental após o retorno presencial.

Apesar da escola pesquisada contar com o serviço de AEE - Atendimento Educacional Especializado, esse visa identificar e eliminar barreiras decorrentes de necessidades específicas, como transtornos de aprendizagem. Assim, os estudantes em geral não contam, ainda hoje, com suporte universalizado em saúde mental, especialmente no tocante ao desenvolvimento de ações de promoção de saúde mental. Apesar disso, percebeu-se uma notória disposição da coordenação local em acolher e promover a escuta dos alunos, e entende-se que tal conjuntura de boa comunicação entre alunos e gestão, se acrescida de mais profissionais de saúde mental, poderia favorecer um trabalho relevante na promoção de saúde mental nesse espaço.

Foram apontados como vivências atuais sintomas de ansiedade, depressão, dificuldades de socialização e preocupações com a defasagem da aprendizagem. Tais achados se unem para que o último ano letivo (para alguns dos participantes da pesquisa) sejam cercados de apreensão, inseguranças e medo.

Considerando-se as dificuldades de estruturação imediata das medidas percebidas como necessárias no referido colégio, e utilizando-se dos recursos vigentes em relação à parcerias com instituições de ensino superior existentes no território, pensou-se no Projeto de Extensão apresentado como forma de mitigar os efeitos nocivos do retorno escolar presencial sem o suporte adequado e de defender a metodologia de Grupos Reflexivos como alternativa a ser desenvolvida tanto por uma possível equipe de saúde mental da escola, como pela comunidade escolar, desde que devidamente capacitada para isso.

Como alternativas provisórias e complementares, acredita-se que parcerias locais e o fomento às atividades de estágio e extensão no ambiente escolar podem contribuir com a assistência em promoção de saúde no ambiente escolar, ao tempo em que favorece a formação de novos profissionais. No entanto, entende-se que essas iniciativas, além de instáveis, pois dependem do alinhamento entre diversas instituições, estão longe de alcançar o total de alunos da instituição escolar e de dar uma resposta às demandas de suporte emocional na envergadura necessária.

Nesse sentido, pelo que ficou demonstrado ao longo desse trabalho, pelas narrativas dos adolescentes pesquisados e pelas demandas da instituição escolar nesse quesito, defende-se a importância de profissionais de saúde mental a comporem a equipe escolar e contribuírem com a comunidade escolar no tocante à temática de suporte emocional e promoção da saúde mental.

Percebe-se que a proposta de Intervenção em Saúde Mental Escolar apresentada neste Relatório Técnico Conclusivo atende as seguintes características tomando-se por base os indicadores de programas de saúde mental propostos por Murta (2007): contempla ações de prevenção de transtornos e de promoção de saúde; considera a pandemia como determinante em saúde e um fator de risco para o sofrimento psíquico adolescente e as ações de saúde mental no ambiente escolar como fator de proteção; teve origem em demandas reais e será apresentado à escola para apreciação, sugestões e implementação; originou-se de uma pesquisa de campo realizada no referido colégio; e o programa será acompanhado e avaliado ao final.

Além disso, utilizando as referências de Campos (2021) o conjunto de ações propostas ao longo desse relatório também atende aos seguintes critérios: consiste em uma ação intersetorial entre Educação e Saúde; envolverá uma equipe dedicada e capacitada e com psicólogos; realizará ações de combate a psicofobia e estigma; envolverá a integração com o currículo a partir da disciplina de Projeto de Vida do Novo Ensino Médio; promoverá a formação de professores e equipe pedagógica; visará a identificação e a intervenção precoce; e elaborará material estruturado para o momento formativo sobre as temáticas trabalhadas.

Sendo assim, como conclusão, defende-se a estruturação de políticas estaduais de saúde mental escolar, principalmente marcada pela figura do psicólogo escolar nas equipes de modo a favorecer ações integrais, continuadas e com aderência às demandas locais. Conclui-se, também, sobre a importância da preparação da comunidade escolar para lidar com as demandas emocionais na pós-pandemia, pois a rotina escolar desempenha um papel fundamental na saúde e bem-estar de crianças e adolescentes.

Claro que essas medidas extrapolam a jurisdição da gestão escolar local, e por isso, defende-se a estruturação de uma Política Nacional de Saúde Mental Escolar, com ações universais e padronizadas, levando a promoção de saúde mental escolar à toda a Educação Básica brasileira.

Entende-se que estes dados sumarizados no relatório atual poderão subsidiar a reflexão e/ou estruturação de estratégias locais e regionais que visem identificar, promover a saúde mental escolar, intervir e encaminhar os casos de sofrimento psíquico reconhecidos no ambiente escolar e com isso, contribuir com a efetividade da promoção da saúde no contexto escolar.



#### 4.9 Referências

- Andrade, S.F, Costa, C.C., Elias, D.G., Costa, M.L., & Franco, E.C.D. (2022). *Ser adolescentes e viver a adolescência: o que dizem os (as) adolescentes escolares*. Research, Society and Development, v. 11, n. 9. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31371>
- Bardin L. (2016) *Análise de conteúdo*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70.
- Fonseca, R. P., Sganzerla, G. C., & Enéas, L. V. (2020). *Fechamento das escolas na pandemia de COVID-19: impacto socioemocional, cognitivo e de aprendizagem*. Debates em psiquiatria. DOI: [10.25118/2763-9037.2020.v10.23](https://doi.org/10.25118/2763-9037.2020.v10.23)
- Gadagnoto, T.C., Mendes, L.M.C., Monteiro, J.C.S., Gomes-Sponholz, F.A. & Barbosa, N.G. *Emotional consequences of the COVID-19 pandemic in adolescents: challenges to public health*. Rev Esc Enferm USP. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2021-0424>.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2020). *Censo da Educação Básica 2019: notas estatísticas*. [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/notas\\_estatisticas\\_censo\\_da\\_educacao\\_basica\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_da_educacao_basica_2019.pdf)
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2020). *Censo da Educação Básica 2022: notas estatísticas*. [https://www.gov.br/inep/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/notas\\_estatisticas\\_censo\\_da\\_educacao\\_basica\\_2022](https://www.gov.br/inep/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_da_educacao_basica_2022) — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep (www.gov.br)
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). *Cidades e Estados. Irecê*. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/irece.html>
- Koehler, S. M. F.; Gonzales, N. G. P. & Marpica, J. B.(2021). *A escola como promotora da saúde mental e do bem-estar juvenil: oficinas pedagógicas com adolescentes*. Desidades 2021, n.29. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2318-92822021000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822021000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Koslinski, M. C., & Bartholo, T. L. (2022). *Nota técnica: Impactos da pandemia na educação brasileira. Dados para um Debate Democrático na Educação*. [https://d3e.com.br/wpcontent/uploads/nota\\_tecnica\\_2212\\_impactos\\_pandemia\\_educacao\\_brasileira.pdf](https://d3e.com.br/wpcontent/uploads/nota_tecnica_2212_impactos_pandemia_educacao_brasileira.pdf)
- Ministério da Saúde. (2002). *Política Nacional de Promoção da Saúde*. [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nac\\_prom\\_saude.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_prom_saude.pdf).
- Ministério da Saúde. (2015). *Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso*. [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_praticas\\_integrativas\\_complementares\\_2ed.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf)

- Oliveira, W.A, Silva, J.S, Andrade, A.L.M, Micheli, D, Fernández, J.E.R., Dellazzana-Zanon, L.L., Silva, M.A.I, & Santos, M. A. (2022). *Adolescência em tempos de pandemia: Integrando o consenso em um mapa conceitual*. *Estuda do. psicol.* (Natal) vol.25 no.2. DOI: [10.22491/1678-4669.20200014](https://doi.org/10.22491/1678-4669.20200014)
- Oliveira W.A, Silva, J.L, Andrade, A.L.M, Micheli, D.D, Carlos, D.M, Silva, M.A.I. (2020). *A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review*. *Cad Saude Publica*, 36(8): DOI: [10.1590/0102-311x00150020](https://doi.org/10.1590/0102-311x00150020).
- Organização Pan-Americana da Saúde (2015). *Primeiros cuidados psicológicos: guia para trabalhadores de campo*.  
[https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/7676/9788579670947\\_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/7676/9788579670947_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y)
- Pan American Health Organization. (2020). *COVID-19* (doença causada pelo novo coronavírus). <https://www.paho.org/pt/COVID19>.
- Pan American Health Organization. (2022). *School Health Promotion in Latin America and the Caribbean: A Regional Assessment*. Washington. DOI: [10.37774/9789275125922](https://doi.org/10.37774/9789275125922).
- QEdU. (2023). <https://qedu.org.br/>
- Rossi, T. (2021) *Isolamento, interação e socialização: uma abordagem sociológica da suspensão do ensino presencial na formação de crianças e adolescentes*. *Org & demo*. DOI: [10.36311/1519-0110.2021.v22n2.p103-118](https://doi.org/10.36311/1519-0110.2021.v22n2.p103-118).
- Trad, L. B. (2009). *Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde*. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(3), 777-796. DOI:[10.1590/S0103-73312009000300013](https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013)
- Unesco, Unicef & World Bank. (2021). *The state of the 2021 global education crisis: a path to recovery*. Washington: World Bank Group, 2021. \_  
<https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/36744>

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos no fim de 2023 e ainda contabilizamos os danos e manejamos os impactos da onda de problemas de saúde mental pós-pandemia de Covid-19. Nos adolescentes, podados da cena pública e enclausurados no ambiente familiar no auge das demandas pessoais por socialização, essas marcas mostraram-se intensas e com duração prolongada.

Movidos por essa perspectiva, o trabalho realizado no bojo desse mestrado profissional visou, em suma, analisar os desafios enfrentados pelos adolescentes estudantes de ensino médio após o retorno escolar presencial, e os resultados apontaram que os desafios foram diversos e continuam presentes nos processos educativos, na autopercepção sobre adolescência e futuro, na socialização com pares e no convívio com os familiares. Porém, foi na saúde mental que os danos foram mais marcantes. A pandemia fez emergir, para parte desses adolescentes, sintomatologias que ainda os acompanham, ao tempo em que se depararam com uma rede de saúde mental fragilizada e que não consegue atraí-los para seus dispositivos.

Ao visar compreender as demandas psicológicas dos alunos durante a pandemia e como isso se desenvolve atualmente nos corredores da escola, pretendeu-se, no primeiro plano, defender a entrada do psicólogo no ambiente escolar pelas contribuições incontestes que isso poderia trazer para a comunidade escolar. Mas também se pretendeu, em um plano mais abrangente, contribuir com o debate acadêmico e de políticas públicas sobre saúde mental escolar e sobre as consequências prolongadas da pandemia nos adolescentes.

Vale destacar que a área educacional não recebeu prioridade durante o período das medidas restritivas de isolamento e distanciamento social. Pelo contrário, foi tratada como uma área cujo retorno ao funcionamento poderia esperar. Mesmo atualmente, com o retorno presencial, o setor educacional continua a apresentar dificuldades institucionais, agora de estruturar estratégias para acolher os estudantes que chegam cada vez mais ansiosos, depressivos, dispersos e instáveis.

O trabalho do Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde contou com três fases que se complementaram: 1- uma etapa de revisão teórica, em que foi possível visitar o referencial teórico sobre saúde mental adolescente na pandemia e os prejuízos do distanciamento social, assim como identificar as iniciativas já existentes que visam introduzir a saúde mental dos alunos na pauta do dia da educação; 2- Uma etapa de pesquisa empírica em que foi possível apreender significados sobre os adolescentes da pandemia, conhecer seus medos e inseguranças e entender quais marcas a pandemia imprimiu nessa importante etapa de constituição subjetiva;

3 - Uma etapa de elaboração do produto, na forma de um relatório técnico conclusivo com recomendações para a promoção da saúde mental no colégio e para a realização de um projeto de extensão visando a saúde integral do adolescente.

Entende-se que esse trabalho na totalidade atende a uma clara demanda social do grupo adolescente, que tem na escola um dos seus principais espaços sociais, e, portanto, deve ter nesse espaço, também, a promoção de seu bem-estar integral, principalmente a percepção de que esse período pós-pandemia ainda guarda desafios e marcas que precisam ser acolhidas e manejadas. Ressalta-se ainda a ausência de uma política organizada e continuada que responda a essa questão, e, então, essa pesquisa tenta suprir uma lacuna frente a ausência de outras iniciativas.

O presente estudo representa uma iniciativa relevante por, de maneira pioneira no território de Irecê, envolver a abordagem e a escuta das impressões e significações dos adolescentes relativas às marcas da pandemia em seus processos subjetivos e as repercussões desses impactos no ambiente escolar. Outro ponto importante refere-se às sugestões de intervenções em saúde mental levantadas tanto junto aos grupos focais, como a partir das discussões das demandas levantadas em relação ao referencial teórico acessado. E com isso, percebe-se que a pesquisa deixou de maneira direta contribuições para a escola pesquisada, no sentido de implementar e fortalecer ações de promoção de saúde mental em seu contexto, e representou para os adolescentes um espaço de troca e construção.

Foi percebido que os adolescentes estavam ávidos por atividades que lhes ofertem espaços de fala e escuta, o que resultou em certa facilidade em montar os grupos e em realizar as atividades previstas. Nesse sentido, ressalta-se a eficácia da metodologia de Grupo Focais em instigar as interações e relatos sobre as temáticas levantadas. Além disso, representa o fortalecimento de práticas grupais entre pares para o trabalho com adolescentes, em face do êxito das atividades desenvolvidas.

Entretanto, também foram percebidas limitações e lacunas no presente trabalho que poderão ser supridas em estudos futuros. O estudo limitou-se a trabalhar com 10 adolescentes de um colégio estadual do território. Defende-se que o estudo seja expandido para outros colégios que recebem adolescentes, inclusive a nível regional e nacional, para que as políticas públicas de educação possam ser adaptadas para integrar as novas demandas típicas da pós-pandemia.

Outra indicação relevante aponta para a necessidade dos estudos em Psicologia Escolar contemplarem reflexões sobre o importante papel que o psicólogo pode desempenhar na preparação do ambiente escolar para lidar com as novas demandas de nosso tempo. Nesse

sentido, o presente estudo aponta a necessidade de aprofundamento no debate sobre o papel da Psicologia Escolar Crítica no cenário da educação básica brasileira na pós-pandemia.

Por fim, destaca-se que realizar essa pesquisa, e o mestrado profissional como um todo, em plena pandemia, também gerou atravessamentos e desafios para a própria pesquisadora e pesquisa. Com isso, seus resultados só foram alcançados na pós-pandemia. Entretanto, isso permitiu perceber o quanto os impactos da pandemia no público e contexto estudados ainda estão presentes no cotidiano escolar e vivos nas narrativas adolescentes.

Com tudo isso, a pesquisa mostrou-se ao mesmo tempo, fértil ao revelar as nuances dos impactos deixados pela pandemia nos adolescentes pesquisados, alcançando seus objetivos iniciais de análise, e também inspiradora, ao indicar as potencialidades de novos estudos com maior abrangência e em outros contextos a partir do tema em ascensão. Espera-se que esse tema ganhe relevância para que possamos pensar (ou seria, sonhar?) uma escola com plenas condições de educar e promover saúde, preparada para enfrentar as vulnerabilidades subjetivas e sociais que circundam os alunos. E só assim, estaremos cuidando de fato dessa e das futuras gerações.

## Referências

- Aberastury, A., & Knobel, M. (1981). *Adolescência Normal*. Artes Médicas.
- Almeida, I. L. De L., Rego, J. F., Teixeira, A. C. G., & Moreira, M. R. (2022). *Social isolation and its impact on child and adolescent development: a systematic review*. *Revista Paulista de Pediatria*, 40, e2020385. DOI: [10.1590/1984-0462/2022/40/2020385](https://doi.org/10.1590/1984-0462/2022/40/2020385)
- Berni, V. L. & Roso, A. (2014). A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 126-136.  
[scielo.br/j/psoc/a/vOrgynH9BHggw3M5kXnHjmm/?format=pdf](https://scielo.br/j/psoc/a/vOrgynH9BHggw3M5kXnHjmm/?format=pdf)
- Campos. C. O. (2021). *Boas práticas de saúde mental nas escolas: um olhar para oito países*. *Vozes da Educação*. <https://vozesdaeducacao.com.br/wp-content/uploads/2022/04/Levantamento-Internacional-de-Boas-Praticas-de-Saude-Mental-Escolar.pdf>
- Costa, L. C. R., Gonçalves, M., Sabino, F. H. O., Oliveira, W. A. de ., & Carlos, D. M.. (2021). Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. *Interface. Comunicação, Saúde, Educação*. DOI: 10.1590/Interface.200801.
- Decreto nº 6.286, de 5 dezembro de 2007. *Institui o Programa Saúde na Escola – PSE*, e dá outras providências. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm)
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Artmed.
- Fonseca, R. P., Sganzerla, G. C., & Enéas, L. V. (2020). *Fechamento das escolas na pandemia de COVID-19: impacto socioemocional, cognitivo e de aprendizagem*. *Debates em psiquiatria*. DOI: [10.25118/2763-9037.2020.v10.23](https://doi.org/10.25118/2763-9037.2020.v10.23)  
[https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html)
- Instituto Ayrton Senna (IAS). (2022) Relatório de resultados. [instituto-ayrton-senna-2023-relatorio-institucional-2022.pdf](https://www.institutoayrton-senna.org.br/relatorio-institucional-2022.pdf) ([institutoayrton-senna.org.br](https://www.institutoayrton-senna.org.br))
- Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS) (2023). *10 ações para Políticas de Saúde Mental nas escolas*. Cacto instituto. <https://ieps.org.br/wp-content/uploads/2023/04/10-acoes-politicas-saude-mental-nas-escolas-executivo-legislativo.pdf>
- Koslinski, M. C., & Bartholo, T. L. (2022). *Nota técnica: Impactos da pandemia na educação brasileira*. Dados para um Debate Democrático na Educação.  
[https://d3e.com.br/wpcontent/uploads/nota\\_tecnica\\_2212\\_impactos\\_pandemia\\_educacao\\_brasileira.pdf](https://d3e.com.br/wpcontent/uploads/nota_tecnica_2212_impactos_pandemia_educacao_brasileira.pdf)
- Macedo, R. M. (2021). Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. *Estudos Históricos*. DOI: [10.1590/S2178-149420210203](https://doi.org/10.1590/S2178-149420210203)
- Mansfield, R. Santos, J. Deighton, J. Hayes D., & Velikonja, T. Jan R. Boehnke, J. R & Meherali, S., Punjani, N., Louie-Poon, S., Abdul Rahim, K., Das, J.K., Salam, R.A., & Lassi, Z.S. (2021). *Mental Health of Children and Adolescents Amidst COVID-19 and Past*

*Pandemics: A Rapid Systematic Review*. Int. J. Environ. Res. Public Health. DOI: [10.3390/ijerph18073432](https://doi.org/10.3390/ijerph18073432).

- Ministério da Saúde (2010). *Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde*. [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_nacionais\\_atencao\\_saude\\_adolescentes\\_jovens\\_promocao\\_saude.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf)
- Ministério da Saúde. (2023) *COVID-19 no Brasil*.
- Murta, S. G. (2007). Programas de prevenção a problemas emocionais e comportamentais em crianças e adolescentes: lições de três décadas de pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(1), 1-8
- Oliveira, M.A.C., & Egry, E.Y. (1997). *A adolescência como um constructo social*. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 7(2), 12-21. DOI: [10.7322/jhgd.38391](https://doi.org/10.7322/jhgd.38391)
- Pan American Health Organization (2022). *School Health Promotion in Latin America and the Caribbean: A Regional Assessment*. Washington. DOI: [10.37774/9789275125922](https://doi.org/10.37774/9789275125922).
- Pan American Health Organization. (2020). *COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)*. <https://www.paho.org/pt/COVID19>.
- Patalay, P. (2021) *The impact of the COVID-19 pandemic on adolescent mental health: a natural experiment*. *Royal Society Open Science*, 9(4). Advanceonline publication. DOI: [10.17605/OSF.IO/B25DH](https://doi.org/10.17605/OSF.IO/B25DH).
- QEdu. (2023). <https://qedu.org.br/>
- Rohde, L.A. (2020). *Guia de Saúde Mental Pós-Pandemia no Brasil*. Instituto de Ciências Integradas. [http://dasu.unb.br/images/Material\\_educativo/Guia\\_de\\_saude\\_mental\\_pspandemia\\_no\\_brasil.pdf](http://dasu.unb.br/images/Material_educativo/Guia_de_saude_mental_pspandemia_no_brasil.pdf).
- Rossi, T. (2021) *Isolamento, interação e socialização: uma abordagem sociológica da suspensão do ensino presencial na formação de crianças e adolescentes*. Org & demo. DOI: [10.36311/1519-0110.2021.v22n2.p103-118](https://doi.org/10.36311/1519-0110.2021.v22n2.p103-118).
- Scarin, A. C. C. F., & Souza, M. P. R. de .(2020). *Medicalização e patologização da educação: desafios à psicologia escolar e educacional*. *Psicologia escolar e educacional*, 24. DOI: [10.1590/2175-35392020214158](https://doi.org/10.1590/2175-35392020214158)
- Senkevics, A. S., & Bof, A. M. (2022). *Desigualdades educacionais na pandemia: análise das respostas das escolas brasileiras à suspensão das atividades presenciais em 2020*. *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais*. DOI: [10.24109/9786558010630.ceppe.v7.5574](https://doi.org/10.24109/9786558010630.ceppe.v7.5574).
- Senna, S. R. C. M., & Dessen, M. A. (2012). *Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 101–108. DOI: [10.1590/S0102-37722012000100013](https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013)

Tseng, V. (2020) *As our friends and colleagues brave the front lines, we must also get ready for a series of aftershocks*. It's very hard to plan this far ahead while we're in survival mode. We must prepare early and strategize our response to the collateral damage of #COVID19. [Twitter].

<https://twitter.com/VectorSting/status/1244671755781898241?s=20>

Vazquez, D. A., Caetano, S. C., Schlegel, R., Lourenço, E., Nemi, A., Slemian, A., & Sanchez, Z. M. (2022). Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. *Saúde Em Debate*, 46(133), 304–317. DOI: [10.1590/0103-1104202213304](https://doi.org/10.1590/0103-1104202213304).

Zhou, S. J., Zhang, L. G., Wang, L. L., Guo, Z. C., Wang, J. Q., Chen, J. C., Liu, M., Chen, X., & Chen, J. X. (2020). *Prevalence and socio-demographic correlates of psychological health problems in Chinese adolescents during the outbreak of COVID-19*. *European child & adolescent psychiatry*, 29(6), 749–758. DOI: DOI: [10.1007/s00787-020-01541-4](https://doi.org/10.1007/s00787-020-01541-4)



## APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **“SAÚDE MENTAL ADOLESCENTE E RETORNO ESCOLAR PRESENCIAL: pensando o adolescer em tempos pandêmicos”**. Nesta pesquisa pretendemos **realizar uma pesquisa-ação com adolescentes em um colégio público de Ensino Médio do município de Irecê-BA para tratar dos desafios do retorno escolar presencial após a flexibilização das medidas restritivas decorrentes da pandemia de Covid- 19**. O motivo que nos leva a estudar esse tema se deve à importância de conhecer as impressões subjetivas dos adolescentes sobre os desafios desse contexto e a necessidade de ajustes e readaptação por parte da comunidade escolar.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: Aplicação de um Questionário Sócio demográfico (Apêndice 4), Formação de grupos focais com adolescentes sobre os desafios desse contexto (Apêndice 5), Entrevista final individual (Apêndice 6) e Encontro de Comunicação dos resultados.

Toda pesquisa possui riscos potenciais. Este estudo pode apresentar o risco de reações de cunho emocional ou outros eventos de caráter psicológico durante a entrevista. Caso isto aconteça, estaremos à disposição para pausar/encerrar a entrevista, ou até para a desistência de sua participação, mesmo no decorrer da pesquisa, caso deseje. A responsável pela realização do estudo se compromete a zelar pela integridade e o bem-estar dos participantes da pesquisa e poderá realizar encaminhamento para atendimento na rede pública de saúde, caso seja necessário. Os benefícios individuais esperados se referem à possibilidade de ser acolhida/o em um espaço de escuta, podendo ressignificar, junto a colegas, a sua vivência da pandemia de Covid-19. De forma coletiva, sua participação poderá contribuir para a posterior construção de estratégias da unidade escolar no acolhimento emocional aos adolescentes.

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. No entanto, caso o(a) Sr.(a), e seu acompanhante, tenha qualquer gasto esse será ressarcido pela pesquisadora principal.

Caso o(a) Sr.(a) venha a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, o(a) Sr.(a) tem direito a receber a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, tanto após o encerramento do estudo quanto no caso de interrupção da pesquisa, além de lhe ser garantido o direito à indenização.

O Sr.(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo(a) Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães e pela pesquisadora, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Caso o (a) Sr.(a) tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento ou ainda deseje retirar-se da pesquisa, por favor, entre em contato com a pesquisadora abaixo a qualquer tempo. **Fabiana Maria de Souza**

Também em caso de dúvida, o(a) Senhor(a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia (CEP/ICS/UFBA). O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) busca defender os interesses dos participantes de pesquisa. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia (CEP/UFBA/IMS) está localizado na Universidade Federal da Bahia/Instituto Multidisciplinar em Saúde - Campus Anísio Teixeira Rua Hormindo Barros, 58, Quadra 17, Lote 58 - Bairro Candeias, Vitória da Conquista – BA, CEP: 45.029-094. Horário de funcionamento: De Segunda-feira a Sexta-feira das 07h00min às 17h30min. Telefone: (77) 3429-2720. [E-mail: cepims@ufba.br](mailto:cepims@ufba.br).

Os resultados da pesquisa serão entregues quando for finalizada e também socializados com os gestores, docentes e comunidade escolar. Seu nome ou o material que indique sua participação não será informado em nenhum momento. O(a) Sr.(a) não será identificado em nenhuma publicação, pois cada participante receberá um código correspondente.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, rubricadas em todas as suas páginas, as quais serão assinadas, ao seu término, pelo(a) Sr.(a) ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável. Uma das vias deste termo será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao(a) Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco (5) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar livremente no estudo intitulado “SAÚDE MENTAL ADOLESCENTE E RETORNO ESCOLAR PRESENCIAL: pensando o adolescer em tempos pandêmicos” sob a responsabilidade da pesquisadora Fabiana Maria de Souza Universidade Federal da Bahia - Instituto Multidisciplinar em Saúde - Campus Anísio Teixeira (UFBA). Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não me causará nenhum prejuízo.

Irecê - BA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2023.

---

Nome completo (participante)

Local, Data

---

Nome completo (pesquisador responsável)

Local, Data

## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) adolescente\_\_\_\_\_, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“SAÚDE MENTAL ADOLESCENTE E RETORNO ESCOLAR PRESENCIAL: pensando o adolescer em tempos pandêmicos”**. Nesta pesquisa pretendemos **realizar uma pesquisa- ação com adolescentes em um colégio público de Ensino Médio do município deIrecê-BA para tratar dos desafios do retorno escolar presencial após a flexibilização das medidas restritivas decorrentes da pandemia de Covid- 19**. O motivo que nos leva a estudar esse tema se deve à importância de conhecer as impressões subjetivas dos adolescentes sobre os desafios desse contexto e a necessidade de ajustes e readaptação por parte da comunidade escolar.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: Aplicação de um Questionário sócio demográfico (Apêndice 4), Formação de grupos focais com adolescentes sobre os desafios desse contexto (Apêndice 5), Entrevista final individual (Apêndice 6) e Encontro de Comunicação dos resultados.

Toda pesquisa possui riscos potenciais. Este estudo pode apresentar o risco de reações de cunho emocional ou outros eventos de caráter psicológico durante a entrevista. Caso isto aconteça, estaremos à disposição para pausar/encerrar a entrevista, ou até para a desistência de sua participação, mesmo no decorrer da pesquisa, caso deseje. A responsável pela realização do estudo se compromete a zelar pela integridade e o bem-estar dos participantes da pesquisa. Os benefícios relacionados à sua participação nesta pesquisa são: poder contribuir para uma pesquisa que visa subsidiar posteriores estratégias da unidade escolar no acolhimento emocional aos adolescentes e conhecer os sentidos dos adolescentes sobre o contexto.

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) e seu filho não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. No entanto, caso o o(a) Sr.(a), e seu acompanhante, tenha qualquer gasto esse será ressarcido pela pesquisadora principal.

Caso o(a) Sr.(a) ou seu filho venha a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, o(a) Sr.(a) e seu filho têm direito a receber a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, tanto após o encerramento do estudo quanto no caso de interrupção da pesquisa, além de lhe ser garantido o direito à indenização.

O Sr, (a) terá todos os esclarecimentos necessários sobre o estudo e estará livre para autorizar ou não a participação de seu(sua) filho (a) na pesquisa. O(a) Sr.(a) ou seu(sua) filho(a) poderão retirar seu consentimento e assentimento a qualquer momento sem nem ônus. A (O) adolescente será esclarecida(o) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar.

O(A) Sr.(a), responsável legal, poderá retirar o consentimento ou interromper a participação da(o) adolescente a qualquer momento. A participação dela(e) é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida(o) pelo Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães e pela pesquisadora, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Caso o (a) Sr.(a) tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento ou ainda deseje retirar-se da pesquisa, por favor, entre em contato com a pesquisadora abaixo a qualquer tempo. **Fabiana Maria de Souza.**

Também em caso de dúvida, o(a) Senhor(a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia (CEP/ICS/UFBA). O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) busca defender os interesses dos participantes de pesquisa. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia (CEP/UFBA/IMS) está localizado na Universidade Federal da Bahia/Instituto Multidisciplinar em Saúde - Campus Anísio Teixeira Rua Hormindo Barros, 58, Quadra 17, Lote 58 - Bairro Candeias, Vitória da Conquista – BA, CEP: 45.029-094. Horário de funcionamento: De Segunda-feira a Sexta-feira das 07h00min às 17h30min. Telefone: (77) 3429-2720. [E-mail:cepims@ufba.br](mailto:cepims@ufba.br).

Os resultados da pesquisa serão entregues quando forem finalizados e também socializados com os gestores, docentes e comunidade escolar. O adolescente ou o material que indique sua participação não será divulgado em hipótese alguma. O(a) adolescente não será identificado em nenhuma publicação, pois cada participante receberá um código correspondente.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, rubricadas em todas as suas páginas, as quais serão assinadas, ao seu término, pelo(a) Sr.(a) ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável. Uma das vias deste termo será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao(a) Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um

período de cinco (5) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, responsável legal por \_\_\_\_\_ concordo com sua participação livre no estudo intitulado “SAÚDE MENTAL ADOLESCENTE E RETORNO ESCOLAR PRESENCIAL: pensando o adolescer em tempos pandêmicos” sob a responsabilidade da pesquisadora Fabiana Maria de Souza Universidade Federal da Bahia - Instituto Multidisciplinar em Saúde - Campus Anísio Teixeira (UFBA). Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não me causará nenhum prejuízo.

Irecê, \_\_de \_\_\_\_de 2023.

---

Nome completo (responsável legal pelo participante)

Local Data

---

Nome completo (pesquisador responsável)

Local Data

## APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu\_\_\_\_\_, CPF\_\_\_, RG\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Fabiana Maria de Souza do projeto de pesquisa intitulado: **SAÚDE MENTAL ADOLESCENTE E RETORNO ESCOLAR PRESENCIAL: pensando o adolecer em tempos pandêmicos**” a realizar as vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destes vídeos e/ou depoimentos para fins científicos. Os vídeos serão mantidos em sigilo, acessíveis somente à equipe de pesquisadores, e nenhum participante será identificado. Os vídeos serão utilizados para a análise dos dados e manuseados em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Irecê, \_\_de \_\_\_\_de 2023.

---

Nome completo (responsável legal pelo participante)

Local Data

---

Nome completo (pesquisador responsável)

Local Dat

**APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO****Questionário Sócio Demográfico**

1. Quantos anos você tem? \_\_\_\_\_
2. Qual a sua raça, ou cor?  
( ) Negra ( ) Branca ( ) Amarela ( ) Indígena ( ) Parda
3. Em que bairro você mora? \_\_\_\_\_
4. Em que cidade você mora? \_\_\_\_\_
5. Qual seu Sexo?  
( ) Masculino ( ) Feminino
6. Qual série escolar você estuda? ( ) 1º ano ( ) 2º ano
7. Já repetiu de ano? Qual série?
8. Qual seu estado civil?
9. Possui filhos?  
( ) SIM ( ) NÃO
10. Quantas pessoas moram em seu domicílio?(contando com você)
11. Possui alguma religião?
12. Possui algum problema de saúde? Qual?
13. A quanto tempo estuda nessa escola? \_\_\_\_\_
14. Estudava nessa escola antes da pandemia?
15. Estudava nessa escola durante a pandemia?
16. Qual sua renda familiar mensal?  
( ) Até 01 salário mínimo ( ) Mais de 01 até 02 salários ( ) Mais de 02 até 04 salários ( ) Mais de 04 até 07 salários



## APÊNDICE E – ROTEIROS SEMIESTRUTURADOS DOS GRUPOS FOCAIS

### Roteiros Semiestruturados dos Grupos Focais

#### Encontro 1:

##### Perguntas Geradoras:

- Como foi para você viver a adolescência durante a pandemia e o período de distanciamento social?
- Você identifica vantagens em ser adolescente na pandemia?
- Você identifica desvantagens em ser adolescente na pandemia?

#### Encontro 2:

##### Perguntas Geradoras:

Você sentiu alguma mudança emocional durante a pandemia?

Você apresentou algum comportamento estranho ou diferente durante a pandemia? Você precisou de algum tratamento em saúde mental durante esse período?

Se sim, quais estratégias utilizou?

#### Encontro 3:

##### Perguntas Geradoras:

Quando você voltou a participar das aulas presenciais, teve alguma dificuldade? Quais? Você sentiu mudanças no rendimento?

Você sentiu mudanças na concentração?

Você sentiu mudanças nos relacionamentos?

#### Encontro 4:

##### Perguntas Geradoras:

Como você se sentiu ao ser recebido pela escola no retorno às aulas presenciais? Se sim, o que fez você se sentir assim?

Suas relações com colegas e professores sofreram alguma mudança? Qual?

O que a escola poderia oferecer para ajudar os alunos no período pós-pandemia?

**APÊNDICE F – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA FINAL**

## Roteiro Semiestruturado de Entrevista Final

Identificação: \_\_\_\_\_

Local da entrevista: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_

Como você avalia os grupos focais dos quais participou?

A participação nos grupos fez você pensar diferente sobre algum tema? Qual?

A participação nos grupos fez você agir diferente sobre em algum aspecto? Qual?

Você acredita serem necessárias estratégias de suporte emocional para alunos em sua escola?

Se sim, quais medidas você sugere.

